



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ROCHELLY RODRIGUES HOLANDA

**A JUVENTUDE ESTÁ ON: MODOS DE AFRONTAMENTO AO DISCURSO DE ÓDIO
NO TERRITÓRIO ESCOLAR**

FORTALEZA

2025

ROCHELLE RODRIGUES HOLANDA

**A JUVENTUDE ESTÁ ON: MODOS DE AFRONTAMENTO AO DISCURSO
DE ÓDIO NO TERRITÓRIO ESCOLAR**

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em
Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do título de doutor em
Psicologia.

Linha de Pesquisa: Psicologia. Linha de pesquisa:
Subjetividade e Crítica do Contemporâneo.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- H669j Holanda, Rochelly Rodrigues.
A juventude está on : Modos de afrontamento ao discurso de ódio no território escolar / Rochelly Rodrigues Holanda. – 2025.
259 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2025.
Orientação: Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda.
1. discurso de ódio. 2. educação profissionalizante. 3. juventude. 4. pesquisa-intervenção. I. Título.
CDD 150
-

ROCHELLE RODRIGUES HOLANDA

A JUVENTUDE ESTÁ ON: MODOS DE AFRONTAMENTO AO DISCURSO DE
ÓDIO NO TERRITÓRIO ESCOLAR

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em
Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial à obtenção do título de Doutora em
Psicologia.

Área de concentração: Psicologia. Linha de pesquisa:
Subjetividade e Crítica do Contemporâneo.

Aprovada em: 10 / 01/ 2025

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Luciana Lobo Miranda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Erica Atem Gonçalves de Araújo Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Tadeu Lucas de Lavor Filho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. José Alves de Souza Filho
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Ao meu avô (*in memoriam*), por ter sido meu suporte e companheiro para sonhar com a educação. Aos meus pais, irmã e avó, pela compreensão da minha ausência e amor infindo.

Agradecimentos

Saudar os que me antecederam parece o caminho mais contundente para finalizar os cinco anos em que abdiquei tempo e saúde para me doar a esta pesquisa. Não fosse os que me sonharam gente, não estaria aqui.

Por menos religiosa que seja, sei que as mãos que me amparam e todas as permissões que tenho para seguir e existir são presentes do que não tenho discernimento ou de quem não cabe no visível. A Deus, por tudo que acredito que seja e pelas boas pessoas ao meu redor e nos meus caminhos que me mostram Tua existência.

Aos meus pais, Luzimar e Juarez, pela vida. Não uma vida qualquer, mas cheia de privilégios e felicidade, inclusive pelas possibilidades de me sonhar com asas. Não fossem vocês os pais que me mostrassem a importância da educação, este não seria meu caminho e minha vida.

À minha irmã, Richelly, pela compreensão da distância, que na maioria das vezes não foi apenas física. Sem seu companheirismo e compreensão eu não teria tido a mesma força para concluir este trabalho. Ao meu cunhado, Felipe, por ter nos escolhido família.

Aos meus avós, Francisca e Francisco (*in memoriam*), por todo o amor e admiração compartilhados. Ainda que não compreendessem os motivos pelos quais tive que estudar longe de casa, nunca deixaram de me acompanhar.

À minha companheira, Ariene, pelo cotidiano de amor infindo, compreensão e empatia, principalmente nos momentos mais difíceis. Em tudo que é intenso você se faz calmaria e porto-seguro do meu desassossego. Obrigada por construir comigo nossa casa e família.

Aos amigos-irmãos que não me deixaram desistir desse caminho: Tadeu e Vilki. Por todo amor construído, toda confiança partilhada e todos os desejos de que nossa vida acadêmica fosse o mais saudável e potente. Eu sou porque nós somos. Nós por nós sempre.

Desejo uma vida em completude tendo vocês sempre como meus companheiros de viagem.

A Evalderson e João Victor, meus amigos, pela rede de apoio que construíram conosco e por me ensinar que a solidão não precisa ser a companhia para longos processos de trabalho. Obrigada por me ensinarem a reconhecer a leveza dos bons encontros e afetos.

À Tereza e João Marcelo, queridos amigos que me amparam e acolhem profissionalmente e afetivamente no percurso de vida em que me encontro. Sem seu suporte, desenvolver esse trabalho não teria sido possível.

À Universidade Federal do Ceará, que me fez psicóloga, mestra e agora me doutora. Não fossem os percursos de interiorização do ensino superior, os auxílios estudantis, as bolsas de pesquisa, extensão, mestrado e doutorado, eu poderia não estar aqui. Aos colegas e amigos do Projeto de Extensão: É da nossa escola que falamos! pelas trocas e acolhimento no momento de maior turbulência do meu doutorado.

À Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda, minha querida orientadora. Nunca terei palavras suficientemente dignas da gratidão que sinto pela sua orientação e acolhimento. Serei eternamente grata por ter me abraçado sua orientanda. Dedico-lhe todo meu carinho e respeito, que são imensos, mas não maiores do que sua generosidade.

À Profa. Dra. Adriana Marcondes Machado e à Profa. Dra. Inês Sílvia Vitorino Sampaio, pelas valiosas contribuições ao percurso desta pesquisa e à minha formação acadêmica. As tessituras de suas reflexões e as generosas provocações apresentadas durante minha banca de qualificação foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

Aos queridos professores: Profa. Dra. Erica Atem Gonçalves de Araújo Costa, Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros, Prof. Dr. Tadeu Lucas de Lavor Filho e Prof. Dr. José Alves de Souza Filho, agradeço imensamente pela leitura atenta e disponibilidade para contribuir com minha formação ao comporem a valiosa banca de avaliação deste trabalho.

Aos meus alunos-travessos que passaram pelo Travessias: Grupo de Pesquisas e

Intervenções sobre Subjetividades, Sociedades e Educação e mobilizam o desejo da docência nos meus caminhos. Em especial, a Italo, meu querido amigo, por ter sonhado comigo a existência de um grupo de pesquisa voltado à discussão de tudo que é provocativo na educação.

À Michelly, querida amiga e parceira que viabilizou o percurso institucional para que este trabalho acontecesse. Obrigada pela confiança em mim e nas ações construídas em coletivo. À juventude que me acolheu e possibilitou a existência do Curso de Extensão: A Juventude tá ON! Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar. Sem vocês não faria sentido a existência deste trabalho. Obrigada por compartilharem comigo desta afronta.

Aos meus queridos amigos e colegas de trabalho: Suli, Geórgia, Chagas e Renata. Agradeço imensamente por todo apoio e paciência com o cansaço e cotidiano. Obrigada por serem bom humor, companheirismo e empatia, tornando mais leve até o que é mais complexo.

À Amanda e Camilo, queridos e atenciosos profissionais e amigos que auxiliaram na revisão do texto final desta tese. Sem suas expertises este texto não teria a concretude necessária à defesa e apreciação. Agradeço especialmente à leitura atenta da querida amiga Amanda Barata, por ser revisora atenta do meu cansaço desde o texto de qualificação desta tese.

Não se escreve sem referenciar quem veio antes de nós e não posso levar o crédito da feitura deste trabalho sem evidenciar o esforço coletivo de todos que estão comigo. Não estou só e nem permaneço sozinha no mundo. A todos que me fazem gente, muito obrigada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) desde abril de 2020 até março de 2022. Deste modo, agradeço pelo apoio financeiro que possibilitou minha sobrevivência financeira nesse período, em especial durante o período pandêmico da COVID-19.

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (Foucault, 1996, p. 10).

Resumo

A ligação entre o enfrentamento de situações sensíveis vivenciadas na internet e o aumento de casos de manifestações de ódio, preconceito e violência no contexto escolar têm demandado maior atenção no debate público e tornou-se objeto de nossas reflexões. Diante do exposto, o presente estudo constituiu-se por meio da seguinte questão norteadora: Como se configura o discurso de ódio nas experiências vividas por secundaristas de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no interior do nordeste brasileiro? Destaca-se como objetivo geral: Cartografar como se configuram as experiências de discursos de ódio vividas por secundaristas de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no interior do nordeste brasileiro. Como desdobramentos deste, elencamos como objetivos específicos: 1) Debater o conceito ‘discurso de ódio’ enquanto uma política discursiva e seus atravessamentos em territórios escolares; 2) Promover metodologias participativas orientadas à implicação do campo metodológico da Pesquisa-Intervenção que fomentem o diálogo e o Pesquisar COM a juventude na escola acerca da experiência do discurso de ódio. 3) Tensionar como o contexto da pandemia de Covid-19 impactou no borramento de fronteiras entre online e offline e nos recrudescimentos de discursos de ódio em territórios educacionais. 4) Analisar o engendramento dos discursos de ódio em práticas discursivas e suas possíveis formas de afrontamento no cotidiano escolar. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo, por meio de delineamento da Pesquisa-Intervenção (PI), ancorada na potência política do Pesquisar COM juventudes e COM a escola pública e em manejo do *ethos* cartográfico. Os artefatos cartográficos e dispositivos participativos operacionalizados no trabalho foram: 1) Observação participante; 2) Criação do Travessias: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Subjetividades, Sociedades e Educação; 3) questionários on-line, 4) Curso de Extensão; 5) Diários de campo, diários plurais: Juventude e Escola no Combate ao Discurso de Ódio; 6) Restituição

escolar: a construção do mural da resistência. Ao fim desta pesquisa participaram 27 jovens que possuíam de 15 a 19 anos. As análises operadas neste trabalho são orientadas pelo pós-estruturalismo em uma análise foucaultiana do discurso. Como resultados, evidenciamos o borramento de fronteiras entre online e offline no que se refere ao debate sobre Discursos de Ódio no cotidiano escolar, destacando como principais analisadores: a) Discurso de ódio em plataformas digitais: Novos contornos à experiência no período pós pandêmico; b) Narrativas do ódio e a construção de um comum no grupo com os jovens estudantes; c) Perspectivas da juventude sobre as narrativas do ódio no chão da escola pública; d) Neoliberalismo e Educação: Como a competitividade amplifica discursos de ódio; e) Afrontes aos discursos de ódio a partir da juventude no território escolar. A pesquisa apresentada oferece contribuições para a área de estudos sobre educação, juventude e discursos de ódio no contexto escolar. A ênfase está na construção de estratégias de afrontamento, que emergem como um importante dispositivo de resistência, destacando a possibilidade de mobilizar a juventude para questionar e subverter práticas opressoras, criando espaços de fala e ação coletiva no ambiente escolar.

Palavras-chave: discurso de ódio, educação profissionalizante, juventude, pesquisa-intervenção.

Abstract

The connection between dealing with sensitive situations experienced on the internet and the increase in cases of hate speech, prejudice and violence in the school context has demanded greater attention in the public debate and has become the object of our reflections. In view of the above, the present study was constituted by the following guiding question: How is hate speech configured in the experiences lived by high school students from a campus of the Federal Institute of Education, Science and Technology in the interior of northeastern Brazil? The main objective is: To map how the experiences of hate speech lived by high school students from a campus of the Federal Institute of Education, Science and Technology in the interior of northeastern Brazil are configured. As developments of this, we list the following specific objectives: 1) To debate the concept of 'hate speech' as a discursive policy and its intersections in school territories; 2) To promote participatory methodologies oriented towards the implication of the methodological field of Intervention Research that foster dialogue and Research WITH young people in school about the experience of hate speech. 3) To assess how the context of the Covid-19 pandemic has impacted the blurring of boundaries between online and offline and the resurgence of hate speech in educational territories. 4) To analyze the engendering of hate speech in discursive practices and its possible forms of confrontation in everyday school life. Methodologically, this is a qualitative study, through an Intervention Research (IP) design, anchored in the political power of Research WITH youth and WITH public schools and in the management of the cartographic ethos. The cartographic artifacts and participatory devices operationalized in the work were: 1) Participant observation; 2) Creation of Travessias: Research and Intervention Group on Subjectivities, Societies and Education; 3) Online questionnaires; 4) Extension Course; 5) Field diaries, plural diaries: Youth and School in the Fight against Hate Speech; 6) School restitution: the construction of the resistance

mural. At the end of this research, 27 young people aged 15 to 19 participated. The analyses carried out in this work are guided by post-structuralism in a Foucaultian analysis of discourse. As a result, we evidenced the blurring of boundaries between online and offline regarding the debate on Hate Speech in everyday school life, highlighting as main analyzers: a) Hate speech on digital platforms: New contours to the experience in the post-pandemic period; b) Hate narratives and the construction of a common ground in the group with young students; c) Youth perspectives on hate narratives in public schools; d) Neoliberalism and Education: How competitiveness amplifies hate speech; e) Confrontations to hate speech from the perspective of young people in the school environment. The research presented offers contributions to the field of studies on education, youth and hate speech in the school context. The emphasis is on the construction of confrontation strategies, which emerge as an important resistance device, highlighting the possibility of mobilizing youth to question and subvert oppressive practices, creating spaces for collective speech and action in the school environment.

Keywords: hate speech, vocational education, youth, intervention research.

Resumen

El vínculo entre el tratamiento de las situaciones sensibles vividas en Internet y el aumento de casos de manifestaciones de odio, prejuicio y violencia en el contexto escolar ha exigido mayor atención en el debate público y se ha convertido en objeto de nuestras reflexiones.

En vista de lo anterior, el presente estudio se constituyó mediante la siguiente pregunta orientadora: ¿Cómo se configura el discurso de odio en las experiencias vividas por

estudiantes de nivel medio superior en un campus del Instituto Federal de Educación,

Ciencia y Tecnología del interior del noreste de México? ¿Brasil? El objetivo general es:

Mapear las experiencias de discurso de odio vividas por estudiantes de secundaria en un

campus del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología en el interior del nordeste

de Brasil. Como resultado de lo anterior, enumeramos los siguientes objetivos específicos:

1) Debatar el concepto de “discurso del odio” como política discursiva y sus implicaciones

en los territorios escolares; 2) Promover metodologías participativas orientadas a la

implicación del campo metodológico de la Investigación de Intervención que fomenten el

diálogo y la Investigación CON los jóvenes en la escuela sobre la experiencia del discurso

del odio. 3) Evaluar cómo el contexto de la pandemia de Covid-19 ha impactado en la

difuminación de las fronteras entre lo online y lo offline y el resurgimiento del discurso de

odio en los territorios educativos. 4) Analizar la generación de discursos de odio en las

prácticas discursivas y sus posibles formas de confrontación en la vida cotidiana escolar.

Metodológicamente, se trata de un estudio cualitativo, a través del diseño de Investigación

de Intervención (I.I.), anclado en el poder político de la Investigación CON jóvenes y CON

escuelas públicas y en la gestión del ethos cartográfico. Los artefactos cartográficos y

dispositivos participativos utilizados en el trabajo fueron: 1) Observación participante; 2)

Creación de Travessias: Grupo de Investigación e Intervención sobre Subjetividades,

Sociedades y Educación; 3) cuestionarios en línea, 4) Curso de Extensión; 5) Diarios de

campo, diarios plurales: Jóvenes y Escuela en la Lucha contra el Discurso del Odio; 6) Restitución escolar: la construcción del mural de resistencia. Al final de esta investigación participaron 27 jóvenes de entre 15 y 19 años. Los análisis realizados en este trabajo están guiados por el postestructuralismo en un análisis foucaultiano del discurso. Como resultado, destacamos la difuminación de las fronteras entre lo online y lo offline en cuanto al debate sobre el Discurso de Odio en la vida escolar cotidiana, destacando como principales analizadores los siguientes: a) Discurso de odio en plataformas digitales: Nuevos contornos para la experiencia en la período post-pandémico; b) Narrativas de odio y construcción de un espacio común en el grupo con jóvenes estudiantes; c) Perspectivas de los jóvenes sobre las narrativas de odio en las escuelas públicas; d) Neoliberalismo y educación: cómo la competitividad amplifica el discurso del odio; e) Enfrentar el discurso de odio por parte de los jóvenes en las escuelas. La investigación presentada ofrece aportes al campo de estudios sobre educación, juventud y discurso de odio en el contexto escolar. El énfasis está en la construcción de estrategias de confrontación, que surgen como un importante dispositivo de resistencia, destacando la posibilidad de movilizar a los jóvenes para cuestionar y subvertir las prácticas opresivas, creando espacios para el discurso y la acción colectiva en el entorno escolar.

Palabras clave: discurso de odio, educación vocacional, jóvenes, investigación e intervención.

Lista de Figuras

Figura 1: <i>Diagrama do fluxo PRISMA 2020 para revisões sistemáticas</i>	46
Figura 2: <i>Registro da pesquisadora por um dos extensionistas</i>	68
Figura 3: <i>Registro das primeiras visitas à instituição como pesquisadora</i>	70
Figura 4: <i>II Fórum da diversidade no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia</i>	72
Figura 5: <i>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia</i>	74
Figura 6: <i>Mural "Revolução Estudantil" na entrada da CAE</i>	76
Figura 7: <i>Entrada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia</i>	77
Figura 8: <i>Conexão entre categorias analisadas no Curso de Extensão</i>	79
Figura 9: <i>Identidade visual do Travessias</i>	84
Figura 10: <i>Registro do primeiro encontro do Travessias</i>	86
Figura 11: <i>Registro da equipe discente que realizou o curso de extensão</i>	87
Figura 12: <i>Registro dos diários da equipe de extensionistas</i>	88
Figura 13: <i>Divulgação da Pesquisa "A Juventude tá On!"</i>	89
Figura 14: <i>Arte de divulgação da Pesquisa</i>	91
Figura 15: <i>Processo de divulgação do formulário</i>	92
Figura 16: <i>Divulgação do formulário online do Curso de Extensão</i>	97
Figura 17: <i>Reuniões entre o Travessias e o É da Nossa Escola que Falamos</i>	104
Figura 18: <i>Acolhimento das participantes</i>	109
Figura 19: <i>Produção dos estudantes sobre o combate à homofobia</i>	110
Figura 20: <i>Personalização dos diários afetivos dos participantes</i>	112
Figura 21: <i>Personalização dos diários afetivos dos participantes</i>	112
Figura 22: <i>Personalização dos diários afetivos dos participantes</i>	113
Figura 23: <i>Diários de campo personalizados pelos participantes</i>	113
Figura 24: <i>Diários de campo personalizados pelos participantes</i>	114

Figura 25: <i>Diários de campo personalizados pelos participantes</i>	115
Figura 26: <i>Diários de campo personalizados pelos participantes</i>	116
Figura 27: <i>Diários de campo personalizados pelos participantes</i>	117
Figura 28: <i>Mural do Grupo 01</i>	121
Figura 29: <i>Mural do Grupo 01</i>	122
Figura 30: <i>Mural do Grupo 03</i>	124
Figura 31: <i>Mural do Grupo 04</i>	125
Figura 32: <i>Colagem dos Murais da Resistência pelos discentes</i>	127
Figura 33: <i>Rede de códigos associados aos discursos de ódio a partir do relato dos estudantes na escola</i>	132
Figura 34: <i>Poema de Y. sobre o que é discurso de ódio</i>	140
Figura 35: <i>Desenho de C. sobre o que é discurso de ódio</i>	142
Figura 36: <i>Desenho de F. sobre o que é discurso de ódio</i>	147
Figura 37: <i>Rede de códigos associados aos afrontes aos discursos de ódio a partir da escola</i>	161
Figura 38: <i>Confraternização do último encontro do Curso de Extensão em 2023</i>	164
Figura 39: <i>Relatos dos alunos sobre a experiência do curso de extensão</i>	165

Lista de Tabelas e Gráficos

Tabela 1: <i>Total de artigos recuperados por descritores</i>	44
Tabela 2: <i>Breve descrição dos estudos incluídos na revisão</i>	47
Gráfico 1: <i>Tipos de conteúdos ofensivos identificados on-line</i>	94

Lista de Abreviaturas e Siglas

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CA	Centro Acadêmico
CAE	Coordenação de Assuntos Estudantis
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal e de Nível Superior
Cetic.br	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CGI.br	Comitê Gestor da Internet do Brasil
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DOAJ	<i>Directory of Open Access Journals</i>
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IF	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LAPSUS	Laboratório em Psicologia, Sociedade e Subjetividade
MEC	Ministério da Educação
NAPNE	Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas
NEABI	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
NUGEDS	Núcleo de Estudos em Gênero e Diversidade Sexual
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PI	Pesquisa-Intervenção
PICO	População/Problema, Intervenção, Comparação,

	Outcome
PPC	Portal de Periódico Capes
RS	Revisão Sistemática
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará

Sumário

Coordenada nº 1: Introdução	24
Apresentação	24
Transições acadêmicas, disrupturas em perspectiva.....	26
Problema de pesquisa e marco teórico	27
Coordenada nº 2: Discursos de ódio e seus atravessamentos em territórios escolares: Uma Revisão Sistemática operada como proposta analítica	39
Metodologia.....	42
<i>Estratégia de coleta de dados</i>	<i>42</i>
<i>Crítérios de elegibilidade dos estudos</i>	<i>45</i>
Resultados	46
Discussão dos resultados	51
<i>Fatores psicossociais associados à manifestação de discursos de ódio por adolescentes na escola.....</i>	<i>52</i>
<i>Contra-narrativas: Estratégias educacionais de combate ao fenômeno do discurso de ódio no contexto escolar</i>	<i>55</i>
Considerações finais	59
Coordenada nº 3: Trilhas metodológicas do ethos cartográfico na Pesquisa-Intervenção (PI) e o pesquisar COM a juventude na escola pública	61
Afetos, implicações e território escolar: O ethos cartográfico e o pesquisar COM a juventude.....	64
Contexto de realização	73
O manejo cartográfico e a análise foucaultiana do discurso	77
Considerações Éticas	80
Coordenada nº 4: Artefatos cartográficos e dispositivos participativos da Pesquisa- Intervenção (PI) e do PesquisarCOM a juventude	82
Observação participante	83
Travessias: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Subjetividades, Sociedades e Educação	84

Pesquisa "A Juventude tá On!": O que é discurso de ódio em redes sociais?.....	89
<i>Objetivo do questionário de mapeamento sobre discurso de ódio</i>	<i>89</i>
<i>Pré-teste.....</i>	<i>90</i>
<i>Estrutura definitiva do questionário on-line</i>	<i>90</i>
<i>Divulgação do Questionário online</i>	<i>91</i>
<i>Resultados das respostas</i>	<i>92</i>
Curso de Extensão: A Juventude tá ON! Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar.....	96
<i>Sujeitos partícipes do curso de extensão.....</i>	<i>99</i>
<i>Organização e planejamento do Curso de Extensão.....</i>	<i>104</i>
<i>Ementa:.....</i>	<i>105</i>
<i>Objetivo geral:.....</i>	<i>105</i>
<i>Público-alvo:</i>	<i>105</i>
<i>Participantes:</i>	<i>105</i>
<i>Metodologia:</i>	<i>105</i>
<i>Avaliação:</i>	<i>106</i>
<i>Presença e Certificação:.....</i>	<i>106</i>
<i>Conteúdo Programático:.....</i>	<i>107</i>
<i>Encruzilhadas cartográficas e o movimento de novos mapas em curso</i>	<i>107</i>
Diários de campo, diários plurais: Juventude e Escola no Combate ao Discurso de Ódio.....	110
<i>Restituição escolar: a construção do mural da resistência.....</i>	<i>118</i>
Coordenada nº 5: Borrando Fronteiras entre online e offline: Afrontando Discursos de Ódio no cotidiano escolar.....	131
Discurso de ódio em plataformas digitais: Novos contornos à experiência no período pós pandêmico.....	134
Narrativas do ódio e a construção de um comum no grupo com os jovens estudantes	142
Perspectivas da juventude sobre as narrativas do ódio no chão da escola pública..	147
<i>Quando os professores são os agentes</i>	<i>149</i>

<i>Quando os alunos são os agentes</i>	152
Neoliberalismo e Educação: Como a competitividade amplifica discursos de ódio .	154
Afrontes aos discursos de ódio a partir da juventude no território escolar	160
Coordenada nº 6: Conclusões e bússolas para novos caminhos	168
Referências	174
Apêndices	194
Apêndice A – Pesquisa "A Juventude tá On!": O que é discurso de ódio em redes sociais?	196
Apêndice B – Curso de Extensão: "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar	211
Apêndice C - Avaliação - Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar	216
Anexos	237
Anexo A – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	237
Anexo B – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para maiores de 18 anos	243
Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) par Responsável legal	249
Anexo D - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisas - CEP	251

Coordenada nº 1: Introdução

Apresentação

[...] A minha fragilidade / Eu não tenho a bolha da proteção / Queria eu guardar tudo que amo / No castelo da minha imaginação / Mas eu vejo a vida passar num instante / Será tempo o bastante que tenho pra viver? / Eu não sei, eu não posso saber / Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida / Farei um altar pra comunhão / Nele, eu serei um com o mundo até ver / O ponto da emancipação / Porque eu descobri o segredo que me faz humano / Já não está mais perdido o elo / O amor é o segredo de tudo / E eu pinto tudo em amarelo (Emicida, 2019).¹

Início a presente tese, que versa sobre o afrontamento aos discursos de ódio articulados pela juventude a partir do território escolar, trazendo um pouco das implicações que me instigaram a trilhar este percurso. Tendo em vista que aqueles que pesquisam tem em si atravessamentos pessoais e coletivos que mobilizam sua trajetória, preciso também dizer sobre as coordenadas de partida sobre onde me localizo enquanto sujeito em constante experimentação e processualidade.

Esta escrita intenta se aproximar do conceito de rizoma, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), em suas dimensões imagéticas e conceituais. Assim, escrevo este trabalho como o vivencio, situando os capítulos desta tese enquanto coordenadas território-vivenciais, compondo um sistema de linhas imaginárias que permitem a localização de qualquer ponto do texto a partir das travessias de pesquisa que ora são minhas e ora são afrontamentos coletivos que nos inspiram como pesquisadoras. Aqui as coordenadas surgem como uma alternativa às formas tradicionais de representar e organizar o conhecimento (Souza, 2012) adquirido a partir da experiência realizada em uma cidade

¹ Emicida. (2019, 01 de novembro). *Emicida - Principia part. Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=kjggv0xM8Q>

localizada no interior do nordeste brasileiro.

Sou nascida em Fortaleza, banhada no mar de sal e céu que abençoam a terra da luz, criada no meu país Henrique Jorge². Ainda criança fui viver no sertão, aos pés da Serra da Ibiapaba, em Reriutaba (oca dos reriús), terra de minha mãe e que, em parte, enraiza quem sou. Aos 17 anos iniciei a graduação em Psicologia na Universidade Federal do Ceará, no campus de Sobral. Belchior me inspirou, e na Princesa do Norte não quis o que a cabeça pensa, mas sim o que a alma deseja e continuo com a mesma pressa de viver³. A educação transformou minha vida e mobilizou afetos que me fizeram voltar para Fortaleza e ingressar na pós-graduação. O que não esperava é que nessa trajetória, mar, serra e sertão se reunissem em nova morada: a terra dos três climas. Aqui me reconstruo, vivo, trabalho, estudo, ensino, aprendo. Neste trabalho, caro leitor(a/e), você vai encontrar palavras, versos e canções simbólicas para esta mulher, branca, lésbica, que escreve para si e para quem me cede tempo e atenção nessa leitura. Apresento-me porque esta tese é simbólica daqueles que vieram antes de mim para que eu possa estar aqui. A Educação transformou minha história e a da minha família. Nunca havia entendido de onde veio meu desejo pela docência, hoje compreendo que vi a minha vida mudar por muitas mãos e por professoras que construíram quem sou. Fui alfabetizada aos quatro anos, em uma escola improvisada no quintal de uma professora na periferia de Fortaleza. Tia Nena, mulher preta, com deficiências físicas agravadas por uma poliomielite não tratada na infância, cuidava e alfabetizava crianças. Fez-me leitora, escritora, ansiosa pelo estudo sem saber que isso transformaria quem sou.

Passei por muitas escolas, ainda estudante, agora também professora. No percurso que me fez docente, voltar ao cotidiano escolar para realizar esta tese me parece analiticamente oportuno e necessário para consolidar uma trajetória muito bem acompanhada por todas as

² Henrique Jorge é um bairro periférico da Zona Oeste do município brasileiro de Fortaleza, capital do Ceará.

³ Belchior, A. C. G. [*Belchior - Tema*]. (2018, 22 de março). *Coração Selvagem* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=fVNUe4np2SM>

referências que me (re)escreveram.

Transições acadêmicas, disrupturas em perspectiva

Mover-se em desejo de pesquisa é trilhar questões sobre quem sou e o que é meu neste trajeto. Assim, esta pesquisa se desenvolve a partir do meu percurso em três momentos: durante Iniciação Científica, Monografia e mestrado, ao traçar uma análise psicológica dos discursos de ódio presentes em redes sociais *on-line*. Sob este ensejo, buscamos aferir se os indivíduos conectados por meio da página “Movimento Endireita Brasil”, no *Facebook*, possuíam traços de um pensamento potencialmente autoritário (Holanda, 2017). Deu-se continuidade a este trabalho em seus desdobramentos, a partir da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC), por meio da hipótese de que a forma do pensamento potencialmente autoritário (Adorno & Horkheimer, 1985) aparece no discurso de indivíduos conectados em redes sociais *on-line* e vinculados ao espectro ideológico-político de direita e de esquerda no Brasil.

A realização destes trabalhos ocorreu entre 2014-2020, junto ao grupo de pesquisa NEXOS - Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar (Núcleo Nordeste) (2014-2022), que teve como objetivo ampliar os estudos e as ações relacionados com a Teoria Crítica da Sociedade e com a Psicologia Social no que diz respeito a temas relacionados à Tecnologias da Informação e Comunicação, Indústria Cultural, formação cultural, processos de subjetivação e preconceito. Sou grata pelo período compartilhado em aprendizados coletivos nesse período.⁴

Como mote para as provocações que delineiam esta tese, destaco as inquietações

⁴ Desse percurso enfatizo aqui dois achados: Primeiro, de que a produção ideológica dessa polarização existe além do âmbito político e incentiva o acirramento entre binarismos como Esquerda x Direita e Comunismo x Nazismo. Segundo, que os don-lineos odiosos, agora amplificados em *sites* de redes sociais *on-line*, também emergem no âmbito supostamente mais progressista do meio democrático. Observamos ainda que, nas publicações analisadas, haviam provocações articuladas pela promoção de engajamento entre usuários[#] no *Facebook* em uma disputa por visibilidade de *likes*, comentários e compartilhamentos (Holanda, 2020).

provenientes dessa trajetória. A análise das práticas discursivas no meio *on-line*, sob o recorte da polarização política e do discurso conservador, tem apresentado a lógica do capitalismo tardio (Adorno, 1992), uma atualização do sistema econômico que gira em torno do capital e que perpetua opressões sociais por meio da configuração de relações entre indivíduos e a civilização tecnológica. Desse modo, os contornos de uma pesquisa que debate fenômenos psicossociais, incluindo o discurso de ódio, ampliados por ambientes virtuais têm proporções e impactos diversos em seus atores, tais como a expressão de afetividades e a construção de vínculos (Boyd & Ellison, 2007).

Em 2023, este trabalho precisou ser reconstruído, ao mesmo tempo que a sua autora. Após uma trajetória atravessada por pesquisas em ambientes virtuais e conectando estratégias metodológicas de tal contexto ao campo de estudos da Psicologia, precisei transformar meu percurso. Em um período conturbado, tive o privilégio do encontro com a Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda e o Projeto de Extensão *É da Nossa Escola que Falamos*, vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Sinto-me lisonjeada por partilhar desse encontro, sentir-me acolhida em afetos e parceria no momento em que me vi em maior desamparo desde o início da minha trajetória acadêmica.

Problema de pesquisa e marco teórico

No contexto em que a experiência discente e docente se apresentaram em outras perspectivas, o objeto desta tese assumiu novos contornos. O espaço escolar, em especial a escola pública, tornou-se meu local de trabalho como psicóloga, professora e supervisora dos estágios básicos e profissionais em Psicologia Escolar e Educacional. Na encruzilhada de saberes e inquietações, a conjuntura me impulsionou a construir uma nova pesquisa. Desde o início de 2022, sou professora de um Centro Universitário, onde acompanho o cotidiano de algumas escolas públicas e de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em uma cidade do interior do nordeste brasileiro, durante a supervisão dos

estágios em Psicologia Escolar e Educacional.

O interesse pelo tema do discurso de ódio tem aumentado constantemente, tanto no domínio público, como no da investigação científica. Raramente abordada, no entanto, é a proliferação do discurso de ódio entre adolescentes, vivenciado cara a cara no contexto escolar (Ballaschk et al., 2021). Dado que o discurso de ódio tem sido mais investigado como um fenômeno entre adultos e em contexto on-line, há necessidade de estudos que examinem o discurso de ódio entre jovens em contexto escolar. As materialidades que se enunciam sobre tais discursos evocam manifestações como o bullying e o preconceito dentro e fora da escola. A investigação sobre o discurso de ódio *on-line* mostra que os jovens não só observam o discurso de ódio ou são vítimas dele, mas também participam ativamente na propagação do ódio e do discurso de ódio (Wachs & Wright, 2018).

Portanto, tendo em vista a indissociabilidade do que é virtual em nosso cotidiano, analisamos os contornos assumidos por estes discursos no território escolar. Entretanto, é necessário considerar que o chão da escola pública tornou-se ainda mais atravessado pela ubiquidade das telas de um cotidiano demasiadamente mediado por uma sociabilidade virtualizada, destacando a relevância das mudanças socioculturais em curso após o período pandêmico da Covid-19.

De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2020 (Edição COVID-19 - Metodologia Adaptada), promovida pelo Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br), em 2020, o Brasil teve, pela primeira vez, uma proporção maior de domicílios com acesso à rede (83%) do que indivíduos usuários (81%), ou seja, haviam 152 milhões de usuários de Internet, o que correspondeu a 81% da população do país com 10 anos ou mais nesse período (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação [Cetic.br], 2020).

Devido ao isolamento social obrigatório, o uso de tecnologias digitais no Brasil foi

intensificado. De acordo com a TIC Educação 2022 (Cetic.br, 2022), a conectividade nas escolas brasileiras aumentou após a pandemia, tendo em vista que a educação está entre os setores que foram mais impactados pela crise sanitária provocada pela COVID-19.

Com o retorno das atividades presenciais, é fundamental conhecer os impactos desse processo no cotidiano escolar. Dentre os aspectos observados na publicação TIC Educação 2022 (Cetic.br, 2023), o apoio em situações sensíveis é um dos indicadores que revelam a importância das escolas e dos educadores na educação digital dos estudantes.

A partir dos dados elencados, 61% dos professores afirmaram ter apoiado alunos no enfrentamento de situações sensíveis vivenciadas na Internet. Entre os motivos pelos quais os professores foram procurados estão: uso excessivo de jogos e tecnologias digitais (46%); cyberbullying (34%); discriminação (30%); disseminação ou vazamento de imagens sem consentimento (26%); e assédio (20%). Entre os estudantes, em praticamente todas as faixas etárias, quase metade afirmou recorrer aos professores ou educadores da escola quando precisavam de informação sobre o uso de tecnologias digitais: de 9 a 10 anos (46%); de 11 a 12 anos (43%); de 13 a 14 anos (43%); de 15 a 17 (45%); de 18 ou mais (28%) (Cetic.br, 2023).

A ligação entre o enfrentamento de situações sensíveis vivenciadas na internet e o aumento de casos de manifestações de preconceito e violência no contexto escolar⁵ têm demandado maior atenção no debate público e tornou-se objeto de nossas reflexões. O discurso de ódio pode ser definido como qualquer forma comunicativa prejudicial de expressão que promova, justifique ou dissemine, deliberadamente, o ódio ou o preconceito contra determinados grupos sociais e minorias (por exemplo, pessoas LGBTQI+, pessoas negras, pessoas de origem muçulmana ou judaica, ou refugiados (Kansok-Dusche et al.,

⁵ Reinholz, F. (2023, 20 de abril). Especialistas relacionam armamentismo, discurso de ódio e bullying aos ataques nas escolas. *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/20/especialistas-relacionam-armamentismo-discurso-de-odio-e-bullying-aos-ataques-nas-escolas>.

2022). Assim, o discurso de ódio pode ser considerado um “guarda-chuva” multifacetado, que possui uma estreita relação com as manifestações de intolerância às "políticas das identidades", que não pode ser reduzido a um fenômeno que ocorre estritamente on-line. O discurso odioso atravessa o cotidiano experienciado presencialmente, inclusive no território escolar, e não ocorre somente devido à utilização de tecnologias de informação e comunicação (Krause et al., 2021; Lehman, 2019).

Para desenvolver como o discurso de ódio adentra ou se produz em territórios educacionais, é preciso lembrar que, no Brasil, a pobreza e a privação desenham os contextos do sucesso e do fracasso escolar, agravados por tensões sociais e psicológicas de diferentes matizes (Patto, 1987; 1988). Em sociedades desiguais como a nossa, a escola não apenas reproduz desigualdades, mas pode também ser engendrada em suas dinâmicas internas. Violências decorrentes de vulnerabilidades sociais não podem ser resolvidas apenas com processos de disciplinarização e controle policial das escolas, mas dependem de objetivos políticos mais amplos, sustentados ao longo do tempo e capazes de criar estratégias de resolução para essas questões (Cerqueira et al., 2023).

Para explorar a relação entre discursos de ódio e os seus efeitos no cotidiano escolar, partimos do debate que o compreende enquanto conceito e ato injurioso, dialogando a partir de Judith Butler, em seu livro “Discurso de ódio: uma política do performativo” (Butler, 2021). Tal escolha delinea-se da perspectiva em que a autora toma o conceito central de performatividade aplicado ao discurso, examinando os debates acalorados sobre os casos de discurso de ódio dirigidos especialmente contra minorias – discursos homofóbicos, sexistas ou racistas (Butler, 2021). De acordo com Butler (2021, p. 239), “[...] quem enuncia o discurso de ódio exerce um poder performativo por meio do qual a subordinação é efetuada, por mais “mascarado” que esse performativo possa ser.”

Atos injuriosos de fala mobilizam, paradoxalmente, outras possibilidades de

existências e apropriação do próprio corpo (Butler, 2021), para a discussão de como o discurso de ódio adentra ou é (re)produzido no cotidiano de territórios educacionais. Desse modo, interessa-nos pensar como estes discursos de ódio são vividos e perpetrados no território escolar, dedicado à juventude.

Neste estudo procurei discutir COM a juventude e COM a escola pública (Miranda et al., 2016), formas de afrontamentos aos discursos de ódio (Butler, 2021), preconceito e intolerância, potencializados em ambientes virtuais e seus efeitos no cotidiano escolar⁶. A conjuntura sociopolítica brasileira é levada em consideração nessa perspectiva, tendo em vista o contexto pós-pandêmico e as consequências do isolamento social para o cotidiano escolar e a sociabilidade de jovens nesse espaço.

Analisar detidamente este contexto foi fundamental para a compreensão de como é e será possível agir para limitar, quando não, eliminar as possibilidades que colocam em risco a comunidade escolar e toda a sociedade. Nesta perspectiva, para existência deste trabalho, se faz necessário que este seja uma produção do comum (Teixeira, 2015). Considerando as palavras de Teixeira (2015), parte-se do pressuposto de que há um problema do comum que precisa ser considerado diante de um recorte problemático que supere dicotomias consideradas insistentes e limitantes do pensamento e da ação no campo. Explora-se principalmente a compreensão multidimensional da produção do comum permitindo uma recolocação de problemas no campo (Teixeira, 2015).

Buscando aporte para dar sentido aos sentimentos evocados nesta pesquisa em palavras, busco no pós-estruturalismo e, em especial, no pensamento de Deleuze e Guattari (2011), referência da cartografia enquanto conceito e reversão metodológica, na qual não se abre mão do rigor, mas este é ressignificado (Passos & Barros, 2009). O rigor do caminho,

⁶ Esta pesquisa faz parte do Projeto guarda-chuva "Escola, Promoção de saúde e Modos de subjetivação em tempos de pandemia" orientado pela Profª. Dra. Luciana Lobo Miranda. A pesquisa encontra-se aprovada na Plataforma Brasil pelo Comitê de Ética e Pesquisa, sob o parecer 4.729.878.

sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida, e, assim, a compreensão de que a cartografia surge como um princípio do rizoma, princípio "inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real", ou seja, uma experimentação do pensamento vivido (Deleuze & Guattari, 2011, p. 21).

Desse modo, questionamos: Como se configuram o discurso de ódio nas experiências vividas por secundaristas de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no interior do nordeste brasileiro? A fim de possibilitar possíveis respostas a essa questão, destaco o seguinte objetivo geral: Cartografar como se configuram as experiências de discursos de ódio vividas por secundaristas de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no interior do nordeste brasileiro.

cos: 1) Debater o conceito 'discurso de ódio' enquanto uma política discursiva e seus atravessamentos em territórios escolares; 2) Promover metodologias participativas orientadas à implicação do campo metodológico da Pesquisa-Intervenção que fomentem o diálogo e o Pesquisar COM a juventude na escola acerca da experiência do discurso de ódio. 3) Tensionar como o contexto da pandemia de Covid-19 impactou no borramento de fronteiras entre online e offline e nos recrudescimentos de discursos de ódio em territórios educacionais. 4) Analisar o engendramento dos discursos de ódio em práticas discursivas e suas possíveis formas de afrontamento no cotidiano escolar.

Como estratégia prioritária para uma cartografia desses discursos de ódio foi criado um curso de extensão orientado pelo *ethos* cartográfico (Barros & Kastrup, 2015). E, além disso, por uma compreensão ético-política aliançada metodologicamente à Pesquisa-Intervenção (Rocha & Aguiar, 2003), que ampliou a constituição de novas potências de invenção no território escolar ocupado coletivamente pelos estudantes extensionistas.

Por meio da minha aproximação da temática sobre discursos de ódio, que refletem experiências anteriormente construídas, e o espaço da escola e da própria educação, no qual

tenho construído vivências diariamente nos últimos anos, forma-se o tecido para novas tessituras neste trabalho. A pesquisa se delinea no município em que habito e a escola é já *locus* de Estágios Profissionais em Psicologia e também de Projetos de Extensão. Nesse sentido, enquanto professora e supervisora, meu trabalho já compõe esta cartografia. A escolha por escrever dessa forma, em primeira pessoa, vem das provocações que me inscrevem e assumo nesta escrita, mapeando meus passos e afetos como pesquisadora.

Nas palavras de Hur (2024), o olhar do(a) pesquisador(a) em Ciências Humanas faz parte do seu próprio trabalho, então não devem ser escondidas as nossas implicações, mas radicalmente o contrário, sua explicitação, o seu posicionamento no campo, ou seja, sua análise de implicação deve ser evidenciada (Lourau, 1975; 1989; 1993). Isto posto, o lugar que ocupo produz um posicionamento que evidentemente modulou a produção e análise dos dados, entendendo que os dados são frutos desse encontro com o campo, bem como seu processamento e a produção das conclusões aqui apresentadas.

Compreendendo os desafios que envolvem os estudos sobre os processos de produção de subjetividades e entendendo o processo como processualidade atravessada por uma diversidade de afetos entre os atores em campo, pretendo me aproximar da cartografia (Barros & Kastrup, 2015), por meio de um processo de Pesquisa-Intervenção (Kastrup, 2008; Passos & Barros, 2015).

Mesmo reconhecendo o potencial educativo de práticas realizadas na internet, não podemos negligenciar o papel da escola como o espaço primordial da educação para a cidadania, por ser o espaço da convivência social e da construção coletiva de sentidos, que transcende, e muito, a simples ‘aquisição’ individual de conteúdos (Lapa & Colucci, 2021). Assim, a proposta de uma Pesquisa-Intervenção (Rocha & Aguiar, 2003), enquanto manejo cartográfico, atravessa-me enquanto parte desse campo de invenção coletiva ocorrida aqui no e com o espaço escolar.

Incorporamos uma abordagem metodológica cartográfica (Passos & Barros, 2009) e participativa, alinhada à Pesquisa-Intervenção (Rocha & Aguiar, 2003), para mapear como discursos de ódio são vividos e confrontados a partir do território escolar. Esse cenário é contextualizado pelos impactos da pandemia de Covid-19, que intensificou a mediação tecnológica e alterou as interações escolares. Além de esboçarmos o delineamento de uma revisão sistemática sobre o tema, tencionamos intervenções produzidas pela juventude para o enfrentamento de discursos de ódio, buscando construir respostas coletivas às manifestações de ódio no ambiente escolar, contribuindo para o fortalecimento da escola enquanto espaço de resistência às desigualdades estruturalmente construídas.

Nessa perspectiva, como escopo metodológico, apoio este trabalho junto à Pesquisa-Intervenção (Rocha & Aguiar, 2003), porque é imprescindível uma proposta para pesquisar COM a juventude e pesquisar COM a escola (Miranda et al., 2016). Os desafios da Pesquisa-Intervenção exigem ruptura com uma escrita exteriorizada, o próprio procedimento de pesquisa, nesta perspectiva, implica (re)conhecer as forças no jogo em que se constituem as práticas institucionais e as formas de pensar e agir no cotidiano, assim, a escrita requer uma narratividade que não defina a existência do “eles” como fora do “nós” que escreve. A pesquisa tem responsabilidade pela marca deixada no mundo e traça sentidos possíveis que se tornam memórias (Martinez & Machado, 2021). A pesquisa me transpassa enquanto pesquisadora, professora, supervisora e tantas facetas que influem e constroem o campo, enraizando experiências afetivas individual e coletivamente vividas.

Especificamente, considera-se a relevância dos estudos sobre os aspectos psicossociais relacionados aos discursos de ódio (Butler, 2021), sob viés pós-estruturalista da concepção sobre modos de subjetivação e práticas discursivas na compreensão dos marcadores sociais no território escolar. Assim, este trabalho considera tal diálogo epistemológico enquanto potência política necessária para compreensão do pesquisar COM a juventude como

transformação da conjuntura, em relação a mobilizações nos planos micro e macrosociais e na produção do debate sobre a realidade vivida, discursos de ódio e seus efeitos atuais.

Desse modo, este trabalho alinha-se à Linha de Pesquisa: Subjetividade e Crítica do Contemporâneo do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

A abordagem teórico-metodológica para análise dos dados toma contribuições de uma análise de discurso de inspiração foucaultiana. A análise do discurso partirá do embasamento teórico de Foucault (1996), com a criação de analisadores que emergem a partir da relação entre os dados de campo e as análises teóricas sobre os discursos de ódio enquanto uma política performativa (Butler, 2021).

O problema desta pesquisa emerge de um contexto em que percebemos a crescente relevância do debate sobre discursos de ódio no cotidiano escolar. Fundamentado por autores como Butler (2021), adotamos uma perspectiva pós-estruturalista para compreender o discurso de ódio como uma política discursiva e performativa, que se manifesta em dinâmicas de preconceito e intolerância. O fio condutor da argumentação empreendida nesta tese alinha-se ao objetivo de Cartografar como se configuram as experiências de discursos de ódio vividas por secundaristas de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no interior do nordeste brasileiro. Tal objetivo central desdobra-se na construção dos capítulos apresentados. Assim, o texto da presente pesquisa está organizado da seguinte forma:

A Coordenada nº 2: Discursos de ódio e seus atravessamentos em territórios escolares: Uma Revisão Sistemática operada como proposta analítica está alinhada ao primeiro objetivo específico desta tese e visa debater o conceito ‘discurso de ódio’ enquanto uma política discursiva e seus atravessamentos em territórios escolares, por meio de análises subsidiadas por uma revisão sistemática realizada em janeiro de 2024. Este estudo

relaciona-se à tese, contextualizando o que tem sido trabalhado na literatura acadêmica nacional e internacional sobre o tema da relação entre discursos de ódio e território escolar, mapeando como o conceito é compreendido e como tem sido investigado no contexto escolar.

A Coordenada nº 3: Trilhas metodológicas do *ethos* cartográfico na Pesquisa-Intervenção (PI) e o pesquisar COM a juventude na escola pública tem como objetivo promover metodologias participativas orientadas à implicação do campo metodológico da Pesquisa-Intervenção que fomentem o diálogo e o Pesquisar COM a juventude na escola acerca da experiência do discurso de ódio, e está alinhada ao segundo objetivo específico deste trabalho. Aqui é descrito o percurso metodológico empreendido, no qual apresento os elementos metodológicos desta pesquisa, desde a construção do Travessias: Grupo de Pesquisas e Intervenções em Subjetividade, Sociedade e Educação, até o planejamento do curso de extensão: "A juventude tá On!: Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar", que teve como objetivo promover debates transversais sobre o conceito de discurso de ódio em ambientes virtuais, fomentando possibilidades de proteção e prevenção à violência COM a juventude na escola.

A Coordenada nº 4: Artefatos cartográficos e dispositivos participativos da Pesquisa-Intervenção (PI) e do Pesquisar COM a juventude está ancorada no segundo e no quarto objetivos específicos desta tese, a saber: promover metodologias participativas orientadas à implicação do campo metodológico da Pesquisa-Intervenção que fomentem o diálogo e o Pesquisar COM a juventude na escola; e analisar o engendramento dos discursos de ódio em práticas discursivas e suas possíveis formas de afrontamento no cotidiano escolar.

Nesta coordenada procurei esmiuçar as forças que tangenciam os afrontamentos da juventude contra discursos de ódio no território escolar sob a perspectiva da Pesquisa-Intervenção (Rocha & Aguiar, 2003) e do *ethos* cartográfico por meio de minha implicação

com o campo. Para tanto, o arcabouço teórico pós-estruturalista aliançado neste trabalho auxilia a compreensão da realidade, como múltipla e complexa.

A última sessão: Coordenada nº 5: Borrando Fronteiras entre *on-line* e *off-line*: Afrontando Discursos de Ódio no cotidiano escolar tem os dois últimos objetivos específicos em sua articulação, a saber: Tensionar como o contexto da pandemia de Covid-19 impactou no borramento de fronteiras entre online e offline e nos recrudescimentos de discursos de ódio em territórios educacionais; e analisar o engendramento dos discursos de ódio em práticas discursivas e suas possíveis formas de afrontamento no cotidiano escolar.

A trama que envolve a articulação dos objetivos geral e específicos deste trabalho é tecida em coordenadas a partir da produção de um curso de extensão, no qual a proposta metodológica produziu um campo favorável à articulação de afrontes contra os discursos de ódio a partir do cotidiano escolar. Tais afrontamentos desenvolveram-se a partir de discussões sobre o que são discursos de ódio, onde são identificados, as formas de combate e a percepção de que tais discursos foram potencializados pelo contexto pandêmico e, ao mesmo tempo, por uma análise em que os próprios estudantes reconhecem a si mesmos e outros atores do cotidiano escolar enquanto perpetradores e vítimas de tais discursos odiosos.

A confluência de dispositivos metodológicos e participativos elencados no trabalho respondem à multiplicidade de experiências compartilhadas em campo. Assim, ampliamos o debate orientado à elaboração da configuração do discurso de ódio na vivência de secundaristas transbordando fronteiras entre online e offline, respondendo aos objetivos específicos elencados nesta tese.

O Curso de Extensão: A juventude tá *On!*: Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar foi proposto como metodologia alinhada ao percurso desta Pesquisa-Intervenção. A-fron-ta-men-to, substantivo masculino, ato ou efeito de afrontar(-

se); afronta, afrontação; cansaço, fadiga; incômodo provocado por problemas digestivos; indigestão, indisposição, mal-estar; dificuldade de respirar; falta de ar⁷. De acordo com Soares e Matsumoto (2019), as poéticas da resistência que conjugam afronte como verbo são materializações estéticas de discursos que, em diálogo com a sociedade, convidam-nos, em certa medida, a vermos outras histórias, outras imagens e outras formas de representação e de existências.

O nome atribuído ao curso de extensão é fruto de uma invenção coletiva, afirmada por uma parceria estabelecida entre os companheiros de vida e pesquisa que me acompanham nesta trajetória em todas as intempéries que este percurso mobilizou. Sou porque nós somos. A invenção de afronte, para nós, é esta, significante de uma ação coletiva, que só faz sentido quando mobiliza sentimentos e é provocativa de um incômodo comum com o que está posto.

Assim, se me permite, convido você a trilhar estas coordenadas e acompanhar a tessitura de linhas de uma reflexão profunda sobre os discursos de ódio no território escolar, um tema que atravessa os desafios do cotidiano educacional, ampliados pela ubiquidade das tecnologias digitais e pelos impactos do contexto pós-pandêmico. Este trabalho é uma proposta de diálogo com a juventude e com a escola pública, um espaço de construção coletiva de sentidos e resistências.

⁷ Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. (2024). *Afrontamento*. Editora Melhoramentos. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/afrontamento/>.

Coordenada nº 2: Discursos de ódio e seus atravessamentos em territórios escolares:

Uma Revisão Sistemática operada como proposta analítica

Este capítulo tem como objetivo debater o conceito ‘discurso de ódio’ enquanto uma política discursiva em seus atravessamentos em territórios escolares, por meio de análises subsidiadas por uma revisão sistemática realizada em janeiro de 2024. Este estudo relaciona-se ao objeto desta tese ao passo que analisa a produção científica da literatura nacional e internacional sobre os efeitos de discursos odiosos no cotidiano escolar de adolescentes debatendo-os enquanto uma política discursiva. Este capítulo possui formato de artigo visando futura publicação e por isso tem metodologia, discussão e considerações finais. A discussão apresentada aqui será articulada e aprofundada nos capítulos de análise dos dados da Pesquisa-Intervenção, em especial na Coordenada nº 5: Borrando Fronteiras entre *on-line* e *off-line*: Afrontando Discursos de Ódio no cotidiano escolar.

O discurso de ódio é uma expressão depreciativa (por exemplo, palavras, publicações, mensagens de texto, imagens, vídeos) sobre pessoas (direta ou indiretamente) com base em atribuições características do grupo (por exemplo, etnia, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência, religião). O discurso de ódio baseia-se na intenção de prejudicar e tem o potencial para causar danos em vários níveis diferentes (por exemplo, individual, comunitário, social) (Kansok-Dusche et al., 2022).

Em ressonância com outros esforços para desenvolver uma abordagem genealógica do discurso de ódio, a busca por precedentes deste fenômeno em espaços anteriores da Internet, bem como de comunicação mediada em geral, apontam para questões de longa data de exclusão e desigualdade no discurso público (Gillespie, 2010; Gagliardone, 2019). Traçar as fronteiras mutáveis de inclusão e exclusão que subentendem os altos e baixos de momentos específicos para discursos de ódio em contextos políticos específicos oferece uma incursão no pensamento histórico sobre as possibilidades de vários espaços on-line, como plataformas

(Shepherd et al., 2015).

O discurso de ódio acontece, portanto, nas intersecções entre a política e a comunidade, e estas próprias intersecções desenvolvem-se ao longo do tempo e de acordo com arranjos espaciais específicos. Sob esta perspectiva, à primeira vista, o ódio parece surgir das diferenças (Butler, 2018). Tais condições criam uma política de criação dos ‘quadros de guerra’, conceito cunhado por Butler (2015), ao retomar a precariedade da vida em perspectiva enquadrada como molduras de quadros e, sobre ela, foram tecidos diversos apontamentos pelas imagens ou escritas capturadas. Sob essa perspectiva, cria-se uma conjuntura em que discursos de ódio são facilmente proliferados sem tanta problematização porque existe um governo que autoriza e legitima isso, tornando imprescindível uma compreensão mais próxima da realidade vivida.

Refletindo sobre o discurso de ódio como ferramenta de enquadramento e sua atual relevância no contexto escolar, é possível identificar como as perspectivas hegemônicas também produzem enquadramentos no ambiente educacional. Esses enquadramentos emergem das diferentes formas que compõem o território-escola, tornando essencial compreender os cruzamentos entre os discursos de ódio e os discursos escolares. Assim, é relevante investigar tanto as aproximações quanto os distanciamentos entre esses discursos, já que ambos desempenham um papel na construção das relações sócio-identitárias dos sujeitos envolvidos nesse espaço.

Nessa perspectiva, a amplificação dos discursos de ódio é um fenômeno preocupante que tem ganhado destaque no contexto global e quando esse tipo de discurso permeia o ambiente escolar, torna-se ainda mais alarmante, pois afeta diretamente o desenvolvimento emocional, social e educacional dos adolescentes, inclusive no Brasil. Ainda são recentes quadros teóricos que possam ajudar a compreender melhor porque adolescentes se envolvem em discursos de ódio em ambientes *off-line* (Wachs et al., 2022).

O ambiente escolar possui centralidade na socialização no qual os jovens desenvolvem a sua identidade pessoal, competências acadêmicas, sociais e emocionais (Wachs et al., 2022). Dentre os estudos que abordam a discussão sobre discursos de ódio e o contexto escolar, Silva (2021) aponta as implicações de um pensamento ultraneoliberal na educação brasileira, impulsionado por tendências políticas que potencializam os discursos de ódio. Assim, a escola que não é apartada do território também reflete os valores culturais que estão dispostos socialmente. Desta forma, a emergência desse pensamento social ultraneoliberal afeta as estruturas sociais, inclusive a escola, deslocando a perspectiva do território escolar como atuante sempre pelo viés emancipador, como também um local onde há possibilidades enrijecidas e autoritárias de produção de conhecimento, que atravessam as relações socioafetivas da escola, para além do conhecimento formal. Neste sentido, os adolescentes não inventam o pensamento ultraneoliberal, estes, o atualizam e reinventam formas violentas de relacionar a partir deste discurso que a priori é vivido no contexto social mais amplo.

Assim, o discurso de ódio está presente nas interações cotidianas dos adolescentes, em especial, potencializado pela interação social virtual durante a pandemia da Covid-19. Esse tipo de ação injuriosa afeta não apenas aqueles que são alvos diretos, mas também todo o ambiente escolar, que permaneceu on-line de forma síncrona ou assíncrona. Salientamos que, naquele contexto, no Brasil, o próprio governo de ultradireita negava a questão sanitária, esvaziando-se de sua função pública e promovendo um clima de intolerância e insegurança. Ao mesmo tempo, houve a incipiência de uma abordagem crítica que evocasse discussões com os estudantes sobre o reconhecimento e o combate a discursos de ódio, o que contribuiu para a perpetuação desse problema. Por esse motivo, este capítulo objetiva debater o conceito ‘discurso de ódio’ enquanto uma política discursiva em seus atravessamentos em territórios escolares, subsidiado por uma revisão sistemática.

Metodologia

Estratégia de coleta de dados

Metodologicamente, tomamos como estratégia de busca, a Revisão Sistemática (RS) desenvolvida a partir das orientações de Sampaio e Mancini (2007), que a definem como um tipo de investigação que utiliza como fonte de dados a literatura científica sobre um determinado tema. Assim, foram consideradas algumas etapas para construção metodológica deste estudo: 1) definição da pergunta exequível e construída a partir do tema de investigação; 2) elaboração das estratégias de busca de evidências e protocolos de investigação, delimitando descritores e bases de dados; 3) revisão e sumarização dos estudos, definindo os critérios de inclusão e exclusão; 4) análise das evidências, avaliando a sua qualidade e, por fim, 5) apresentação da síntese crítica elaborada a partir das informações disponibilizadas pelos artigos incluídos na revisão (Sampaio & Mancini, 2007; Donato & Donato, 2019).

Para construção da revisão, elaboramos uma pergunta de partida que orientasse nossas análises, a partir do objetivo desta tese, a saber: Quais abordagens teórico-metodológicas analisam o discurso de ódio em seus atravessamentos no cotidiano de adolescentes no território escolar?

Para construção da pergunta foi utilizada a estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. O protocolo PICO é uma ferramenta metodológica utilizada para definir perguntas de pesquisa em revisões sistemáticas, especialmente na área da saúde e ciências biomédicas, mas aqui deslocadas para um problema no campo das ciências humanas. Ele ajuda a clarificar e estruturar questões para que a revisão seja precisa e relevante, facilitando a busca e análise das evidências (Santos et al., 2007) ⁸.

⁸ PICO é um acrônimo que representa: P (População/Problema): Define o grupo de pessoas ou o problema específico que está sendo investigado. Pode incluir características demográficas, condições de saúde ou um contexto particular. I (Intervenção): Refere-se ao tratamento, intervenção, exposição ou ação que está sendo analisada. Por exemplo, pode ser um medicamento, terapia ou procedimento. C (Comparação): O grupo ou condição comparativa. Nem sempre é necessário, mas se houver, pode ser um tratamento alternativo, placebo ou ausência de intervenção para comparação com o grupo principal. O (Outcome/Desfecho): Indica os desfechos ou

Para criar uma pergunta norteadora com base no protocolo PICO, considerando o objetivo descrito, podemos estruturar os elementos da seguinte maneira:

P (População/Problema): Adolescentes em territórios escolares e o discurso de ódio;

I (Intervenção): Abordagens teórico-metodológicas que analisam o discurso de ódio na escola;

C (Comparação): Diferentes perspectivas discursivas ou ausência de abordagem discursiva específica;

O (Outcome/Desfecho): Compreensão dos atravessamentos do discurso de ódio nas dinâmicas escolares.

Para congregar atualidade e amplitude de acesso a publicações científicas, é recomendada a utilização de revistas e/ou repositórios de sistemas universitários (Costa & Zoltowski, 2014). Para este trabalho, foi selecionado o Portal de Periódicos Capes (PPC) como acesso à literatura desejada. Tal base de dados se configura enquanto plataforma de acervo digital de base de dados do Ministério da Educação (MEC) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁹.

A busca foi realizada de janeiro a fevereiro de 2024. Os descritores utilizados na primeira busca foram: discurso de ódio, escola e educação. A seleção de tais descritores visou um melhor apanhamento de dados em relação à temática do discurso de ódio no cotidiano escolar no contexto brasileiro. As chaves de busca utilizadas inicialmente foram: Discurso de ódio AND Educação; Discurso de ódio AND Escola. O Portal de recuperação de dados selecionado foi o Portal de Periódicos CAPES, a partir do acesso CAFe, conforme exposto anteriormente.

Na primeira busca, por meio da chave Discurso de ódio AND Educação, encontramos

resultados que se espera medir ou observar, como melhora dos sintomas, redução de efeitos adversos ou mudanças na qualidade de vida. (Santos et al., 2007).

⁹ Portal CAPES Periódicos. <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php>

78 resultados. Após selecionar os periódicos revisados por pares, obtivemos 59 estudos. Na segunda busca, por meio da chave de busca Discurso de ódio AND Escola, obtivemos 46 resultados e 26 artigos revisados por pares. Entretanto, nos pareceu insuficiente trabalhar apenas com estudos em português, dada a incipiência de trabalhos com foco na relação específica entre discursos de ódio e cotidiano escolar. Diante do exposto, decidimos incluir a chave de busca Hate Speech AND School, visando ampliar o escopo dos resultados obtidos na base de dados, obtendo, assim, 499 resultados e 228 artigos revisados por pares. Assim, somaram-se 623 resultados, dos quais, 313 artigos revisados por pares conforme exposto na Tabela 1.

Tabela 1

Total de artigos recuperados por descritores

Operadores da busca	Total de resultados	Revisados por pares	Coleção
Discurso de ódio AND Educação	78	59	DOAJ Directory of Open Access Journals SciELO SciELO Colombia Openedition Open access Journals
Discurso de ódio AND Escola	46	26	DOAJ Directory of Open Access Journals SciELO Openedition Open access Journals
Hate speech AND School	499	228	DOAJ Directory of Open Access Journals Social Sciences Citation Index (Web of Science) PubMed PubMed Central Science Citation Index Expanded (Web of Science)
Total	623	313	DOAJ Directory of Open Access Journals SciELO SciELO Colombia Openedition Open access Journals Citation Index (Web of Science)

			PubMed PubMed Central Science Citation Index Expanded (Web of Science)
Incluídos na pré-análise (título e resumo)	313	15	DOAJ Directory of Open Access Journals SciELO SciELO Colombia Openedition Open access Journals Citation Index (Web of Science) PubMed PubMed Central Science Citation Index Expanded (Web of Science)

Fonte: Coleta realizada na Plataforma de Periódico Capes (Brasil). 2024.

Critérios de elegibilidade dos estudos

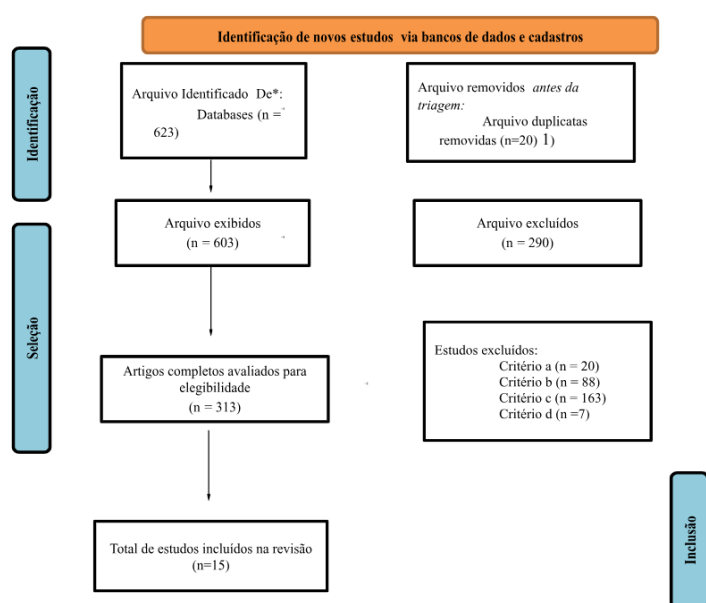
Na sequência das etapas metodológicas para a construção deste estudo, seguimos a estratégia proposta pela guia de redação Prisma para filtrar os artigos a partir dos elementos título, resumo e palavras-chave (Sampaio & Mancini, 2007; Donato & Donato, 2019). Diante dos 313 artigos revisados por pares que compõem esta Revisão Sistemática, foram eleitos os seguintes critérios de inclusão: estudos de periódicos revisados por pares, publicados nos últimos dez anos (2014-2024), sem restrição de idiomas de publicação (foram selecionados artigos em inglês, alemão, português e espanhol). Assim, somaram-se 313 artigos revisados por pares. Enquanto critérios de exclusão, destacamos: a) Foram excluídos editoriais, resenhas e entrevistas; b) trabalhos que não têm como foco o discurso de ódio; c) estudos que não se aproximam da temática que debate a relação entre discurso de ódio e seus efeitos no cotidiano escolar; d) trabalhos que não discutem o contexto escolar de Ensino Fundamental e Ensino Médio com adolescentes. Após os critérios de exclusão aplicados, foram selecionados 15 artigos para esta Revisão Sistemática (RS). Na Figura 1, apresentamos a quantidade de artigos eliminados pelos critérios apontados.

Ao todo, foram excluídos 278 artigos revisados, dos quais o maior número de estudos eliminados aconteceu em razão do seu distanciamento da temática, que debate a relação entre

discurso de ódio e seus efeitos no cotidiano escolar, objetivo central deste trabalho. Grande parte destes trabalhos tem como enfoque principal o debate sobre discursos de ódio em ambientes virtuais e/ou associados à crescente onda de *fake news* e polarização política de forma que não se relacionam com a escola ou a educação. O segundo critério que eliminou uma maior quantidade de artigos foi o de trabalhos que não têm como foco o discurso de ódio, mas sim outras manifestações de preconceito. Um grande número de estudos tem como enfoque questões relacionadas ao gênero e à sexualidade, bem como o debate sobre a discriminação racial em detrimento da discussão sobre discursos de ódio. Dessa forma, o corpus final contou com 15 artigos para análise do conteúdo e apresentação dos resultados, os quais foram lidos e analisados integralmente, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1

Diagrama de fluxo PRISMA 2020 para revisões sistemáticas



Fonte: Elaborado pela autora. Nota: Ano de 2024.

Resultados

Com base nas análises realizadas, foram elegíveis para uma leitura analítica mais profunda, com o intuito de alcançar os objetivos traçados para esta revisão, ao todo, 15 estudos de

diferentes países de origem dos autores ou no qual os estudos foram realizados. Ademais, destaca-se a atualidade das produções elencadas (ver Tabela 2).

Tabela 2

Breve descrição dos estudos incluídos na revisão

<i>Nº</i>	<i>Título</i>	<i>Referência</i>	<i>Breve Descrição do Estudo</i>	<i>Origem dos autores</i>
1	Moral imagination in education: A Deweyan proposal for teachers responding to hate speech	Arneback (2014)	Investigou momentos em que os professores vivenciaram o discurso de ódio na educação e precisaram agir. Por meio da filosofia moral e em exemplos da prática docente na Suíça, visou contribuir para a discussão sobre educação moral, a importância da experiência e o problema com a moral prescrita e a necessidade de imaginação moral na educação a partir da escola.	Suíça
2	What teachers can (not) say? The Canadian experience and “Escola sem Partido”	Britto (2019)	Analisou o debate em torno do movimento Escola sem Partido no Canadá/Brasil em contraste com o escopo da liberdade de expressão dos professores de escolas públicas de educação básica no Canadá.	Brasil
3	Countering hate speech through arts and arts education: Addressing intersections and policy implications	Jääskeläinen (2020)	Analisou como abordava a temática do discurso de ódio nas escolas na Finlândia por meio de orientações concretas e exemplos práticos para ajudar os professores a contribuir, juntamente com os seus alunos, no seu combate por meio da educação artística.	Finlândia
4	Teachers' knowledge and intervention strategies to handle hate-postings	Strohmeier & Gradinger (2021)	Investigou o fenômeno do discurso de ódio on-line no ambiente escolar a partir da perspectiva dos professores na Áustria. A análise foi empreendida por meio de um hipotético incidente envolvendo a postagem de discurso de ódio em que um aluno foi desvalorizado, insultado e assediado	Áustria

			verbalmente por causa de seu país de origem e afiliação religiosa. Desse modo, são discutidas as implicações para a prevenção do ódio cibernético no ambiente escolar.	
5	Ich lass mich da nicht klein machen!“ Eine qualitative Studie zur Bewältigung von Hatespeech durch Schüler/innen	Krause, Ballaschk, Schulze-Reichelt, Kansok-Dusche, Wachs, Schubarth & Bilz (2021)	Analisou entrevistas de 21 estudantes alemães sobre experiências e estratégias de sobrevivência relacionadas com o ódio em contextos escolares na Alemanha.	Alemanha
6	Análise arqueológica do discurso de ódio que é uma forma de negar os direitos humanos	Pugliesi (2022)	Analisou as graves ameaças à sociedade atual que o discurso de ódio representa e em seguida apresenta a importância da escola como espaço dialógico e dialético no Brasil.	Brasil
7	Playing by the Rules? An Investigation of the Relationship Between Social Norms and Adolescents' HateSpeech Perpetration in Schools	Wachs, Wettstein, Bilz, Krause, Ballaschk, Kansok-Dusche & Wright (2022)	Investigou a perpetração do discurso de ódio entre jovens na Alemanha, por meio da associação entre testemunhar e perpetuar discurso de ódio nas escolas, e se esta relação é enfraquecida ou fortalecida por normas injuntivas anti-discurso de ódio e pela pressão desviante dos pares.	Alemanha
8	Is this (already) hate speech? -A qualitative study on the understanding of hate speech among educational school staff	Ballaschk, Schulze-Reichelt, Wachs, Krause, Norman, Wettstein, Kansok-Dusche, Bilz, Schubarth & Wilfried (2022)	Analisou como professores e pedagogos sociais alemães compreendem o discurso de ódio, apresentando que estes muitas vezes não reconhecem formas mais sutis de discurso de ódio como um problema e entendiam o discurso odioso principalmente como um fenômeno on-line, mesmo quando incidentes eram relatados nas escolas.	Alemanha
9	New school speech regulation as a regulatory strategy against hate speech on social media: The case of Germany's NetzDG	Griffin (2022)	Avaliou a eficácia da nova regulamentação do discurso escolar como estratégia regulatória para abordar o discurso de ódio on-line na Alemanha.	Alemanha
10	Associations between Social	Kansok-Dusche, Wetts	Investigou se os objetivos educativos pró-sociais	Alemanha

	Competence, Perceived Parents' Prosocial Educational Goals and Adolescents'Hate Speech Perpetration in School	tein, Castellanos, Schwab,Subramaniam, Wachs, & Bilz (2023)	percebidos pelos pais moderam a associação entre competências sociais e a perpetração de discurso de ódio por adolescentes nas escolas alemãs.	
11	Associations Between Classroom Climate, Empathy, Self-Efficacy, and Countering Hate Speech Among Adolescents : A Multilevel Mediation Analysis	Wachs, Castellanos, Wettstein, Bilz, & Gámez-Guadix, Manuel (2023)	Investigou o discurso de ódio entre adolescentes em ambientes off-line nas escolas alemãs utilizando o quadro socioecológico para investigar as ligações diretas e indiretas entre um fator contextual (ou seja, o clima da sala de aula) e dois fatores intrapessoais (ou seja, empatia pelas vítimas de discurso de ódio, autoeficácia em relação à intervenção em discurso de ódio) para compreender o contradiscurso entre adolescentes.	Alemanha
12	The relation of classroom climate to adolescents' countering hate speech via social skills: A positive youth development perspective	Wachs, Valido, Espelage, Castellanos, Wettstein, & Bilz.(2023)	Analisou as associações diretas e indiretas entre o clima da sala de aula (ativos ambientais), as habilidades sociais (ativos pessoais) e o combate ao discurso de ódio (como um indicador de prosperidade) entre adolescentes alemãs.	Alemanha
13	Hate speech in adolescents: A binational study on prevalence and demographic differences	Castellanos, Wettstein, Wachs, Kansok-Dusche, Ballaschk,Krause, Bilz (2023)	Investigou a prevalência de testemunhos de discurso de ódio, vitimização e perpetração, numa amostra de 3.620 alunos do 7º ao 9º ano (51% auto identificados como mulheres) de 42 escolas na Alemanha e na Suíça com perguntas sobre discursos de ódio em ambientes on-line e off-line.	Alemanha
14	Eine Einschätzung, die in Sekunden passieren muss“. Eine qualitative Studie zu Gründen für ausbleiben de Interventionen durch das pädagogische Schulpersonal bei Hate speech unter Schüler:innen	Krause, Wachs, Bilz & Schubarth (2023)	Analisou as razões para identificar os motivos pelos quais há falta de intervenção dos profissionais da educação em incidentes de discurso de ódio na escola alemã.	Alemanha

15	Direct and indirect effects of social dominance orientation on hate speech perpetration via empathy and moral disengagement among adolescents: A multilevel mediation model	Castellanos, Wettstein, Wachs, & Bilz (2024)	Explorou os efeitos diretos e indiretos da orientação de dominação social na perpetração do discurso de ódio em ambientes off-line e on-line em escolas na Alemanha. Tal discussão ocorre em relação à contribuição potencial para a prevenção do discurso de ódio durante a adolescência.	Alemanha
----	--	--	--	----------

Fonte: Elaborado pela autora. Nota: Ano de 2024.

Conforme exposto na Tabela 2, quanto à origem do corpus da Revisão Sistemática, oito dos 15 estudos tratam de discussões situadas na Alemanha, ao passo que os demais têm seus autores com origem no Brasil (2), na Suíça (2)¹⁰, na Áustria (1), na Finlândia (1), na França (1). Considerando os trabalhos analisados, uma das possíveis razões para o destaque da Alemanha nesta produção pode ser a preocupação advinda de um contexto socio-político autoritário, historicamente marcado pelo nazismo. Contudo, é uma hipótese levantada em decorrência do tema e, por si só, não justifica a produção.

Dos oito artigos com origem alemã, sete possuem como autor e/ou co-autor o pesquisador Prof. Dr. Sebastian Wachs, vinculado a Universität Münster e ao *DCU Anti-Bullying Centre*, que liderou vários projetos internacionais sobre desenvolvimento emocional e social de adolescentes, adaptação, bem-estar, comportamento de risco e agressão (por exemplo, *bullying* nas escolas e no ciberespaço, discurso de ódio), com especial atenção ao desenvolvimento em contexto (por exemplo, família, escola e cultura).¹¹

Outra questão relevante é a de que, quanto às áreas do conhecimento, é na Educação (12) que existe a maior quantidade de estudos sobre o tema, ao passo que somente três dos estudos desta RS são provenientes de outras áreas, a saber: Relações Internacionais (1), Direito (1) e Serviço Social (1). Ainda que sejam discutidos aspectos psicossociais relacionados aos discursos de ódio, não foram identificados estudos a partir da Psicologia,

¹⁰ Um dos estudos trata de uma pesquisa realizada com estudantes suíços e alemães.

¹¹ <https://antibullyingcentre.ie/person/sebastian-wachs/>

fato relevante para os futuros desdobramentos deste trabalho e de nossos próximos estudos. Quanto ao período de publicação, a maior parte dos estudos foi publicada entre 2022 (5) e em 2023 (4).

Discussão dos resultados

Neste estudo foi observado que há uma prevalência das discussões que problematizam os fatores psicossociais associados à manifestação de discursos de ódio entre jovens na escola em diferentes contextos e enfoques, como por exemplo, na investigação da perpetração do discurso de ódio entre jovens, por meio da associação entre testemunhar e perpetuar discurso de ódio nas escolas, e se esta relação é enfraquecida ou fortalecida por normas injuntivas anti-discurso de ódio e pela pressão desviante dos pares. (Wachs et al., 2022). A evidência da preocupação com o que causa a manifestação de discursos de ódio entre jovens e a percepção de que a juventude desempenha um papel fundamental no combate a este tipo de discurso em nossas sociedades são debatidas em diversos dos estudos analisados (Krause et al., 2021; Castellanos et al., 2023; Wachs et al., 2023a; Wachs et al., 2023b; Castellanos et al., 2024).

Em outra perspectiva, a relação entre discurso de ódio e territórios escolares no que se refere à atuação e intervenção dos professores no combate a esse fenômeno, também divide espaço nos estudos analisados. Assim, discutem desde a forma como professores compreendem o discurso de ódio, apresentando que estes muitas vezes não reconhecem suas formas mais sutis como um problema (Strohmeier & Gradinger, 2021; Ballaschk et al., 2022), até a abordagem e a intervenção sobre a temática nas escolas por meio de orientações concretas e exemplos práticos para que os professores possam contribuir, juntamente com os seus alunos, no combate por intermédio da educação (Arneback, 2014; Jääskeläinen, 2020; Krause et al., 2023).

Os estudos que escapam à centralidade das duas temáticas supracitadas destacam o papel da família no combate à disseminação de discursos de ódio por adolescentes nas escolas

(Kansok-Dusche et al., 2023), bem como os efeitos da nova regulamentação do discurso como estratégia de controle para abordar o discurso de ódio on-line, como no caso da Alemanha (Griffin, 2022). Além disso, dois dos estudos abordaram a centralidade da escola mediante as graves ameaças à sociedade atual que o discurso de ódio representa e, em seguida, apresentaram a importância da escola como espaço dialógico e dialético (Britto, 2019; Pugliesi, 2022), inclusive analisando o debate em torno do movimento “Escola sem Partido”, em contraste com o escopo da liberdade de expressão dos professores de escolas públicas de educação básica no Canadá (Britto, 2019). Estes últimos são produções nacionais e tratam do cenário brasileiro. A seguir, serão analisadas as seguintes categorias: 1) Fatores psicossociais associados à manifestação de discursos de ódio por adolescentes na escola; e 2) Contra-narrativas: Estratégias educacionais de combate ao fenômeno do discurso de ódio no contexto escolar.

Fatores psicossociais associados à manifestação de discursos de ódio por adolescentes na escola

As formas de comunicação caracterizadas pelo ódio e pelo discurso de ódio na internet têm sido o foco da atenção pública há vários anos. No entanto, até o momento, pouca atenção foi dada à questão de saber se essas formas de expressão, conhecidas como discurso de ódio, também ocorrem na escola e como os alunos avaliam e lidam com esses incidentes (Krause et al., 2021). Neste ponto, torna-se relevante estruturar a discussão dos estudos apresentados, considerando a preocupação dos autores com o debate sobre os efeitos dos discursos de ódio em seus atravessamentos na juventude e, por consequência, no cotidiano escolar dos adolescentes.

A escola é um local onde os alunos vivenciam conflitos interpessoais e vitimização, tais como discurso de ódio e discriminação. Tais experiências representam riscos para o desenvolvimento psicossocial dos alunos envolvidos e da comunidade escolar em geral. A

literatura atual sobre o discurso de ódio *off-line* entre os jovens nas escolas ainda é bastante limitada. Consequentemente, não se sabe muito sobre os determinantes da perpetração do discurso de ódio por adolescentes nas escolas e sobre os quadros teóricos que ajudam a explicar porque é que os adolescentes se envolvem nele (Wachs et al., 2022).

O discurso de ódio ou expressões depreciativas intencionais sobre pessoas com base em características de grupo atribuídas (por exemplo, refugiados, negros, homossexuais, muçulmanos) são comuns nas mídias sociais, e o ‘discurso de ódio’ é um termo técnico para essa desvalorização comunicativa e o desprezo de grupos de pessoas (Krause et al., 2021; Castellanos et al., 2023). Esses discursos têm sido estudados principalmente em contextos on-line e pouco se sabe sobre a ocorrência deste fenômeno nas escolas. No entanto, quando se pergunta aos jovens onde eles são mais frequentemente confrontados com o discurso de ódio, o local mais citado, depois da Internet, é a escola (Krause et al., 2021). Dado que tem consequências negativas para as vítimas, os agressores e aqueles que o testemunham o discurso de ódio, é crucial caracterizar a ocorrência de discurso de ódio *off-line* (ou seja, na escola) e on-line para descrever semelhanças e diferenças entre estes dois contextos de socialização. (Castellanos et al., 2023).

Ser afetado por um discurso de ódio é, entre outras coisas, uma experiência de violência, um ataque à identidade social e uma violação da dignidade humana. Portanto, não é surpreendente que as experiências de discurso de ódio - semelhantes às experiências de discriminação - estejam associadas a consequências negativas para o bem-estar (Krause et al., 2021; Castellanos et al., 2023). Para entender melhor, são necessárias descobertas empíricas para determinar como essas consequências podem ser evitadas e como essas experiências podem ser superadas, especificamente com o discurso de ódio na escola, e qual apoio os adolescentes gostariam de receber, compreendendo como eles vivenciam e lidam com a vitimização por discurso de ódio no ambiente escolar (Krause et al., 2021).

Quanto à amostragem das pesquisas empíricas encontradas neste estudo, todas ocorreram com adolescentes matriculados(as) no Ensino Fundamental e no Ensino Médio (com disparidades nominais referentes ao país de origem). Os jovens em diferentes contextos relataram experiências de discurso de ódio na escola, variando de sutil a muito aberto, tanto da perspectiva da vítima, quanto do olhar do observador. Esses discursos são descritos, por exemplo, como racistas (baseados na cor da pele ou na origem), sexistas, homofóbicos e hostis a pessoas trans, direcionados à religião (por exemplo, antissemitas, antimuçulmanos) ou à aparência física. Os incidentes a serem tratados são predominantemente descritos a partir da perspectiva das pessoas afetadas (Krause et al., 2021).

Em pesquisas recentes (Castellanos et al., 2023), com uma amostra de 3.620 alunos do 7º ao 9º ano (51% auto identificados como mulheres) de 42 escolas na Alemanha e na Suíça, a prevalência de testemunhos de discurso de ódio, vitimização e manifestação de discursos odiosos, 67% dos alunos testemunharam discurso de ódio na sua escola e 65% testemunharam discurso de ódio *on-line* pelo menos uma vez nos últimos 12 meses. Destes, aproximadamente 21% dos estudantes se identificaram como perpetradores *off-line* e 33% como vítimas *off-line*, enquanto estas percentagens foram mais baixas para o discurso de ódio *on-line* (13% e 20%, respectivamente). Em ambos os cenários, a cor da pele e a origem foram as referências de grupo mais comuns por discurso de ódio (50% *off-line* e 63% *on-line*). O discurso de ódio *off-line* foi praticado, principalmente, por colegas de classe (88%), fontes desconhecidas (por exemplo, graffiti; 19%) ou professores (12%), enquanto o discurso de ódio *on-line* originou-se, principalmente, de pessoas desconhecidas (77%). As formas frequentes de discurso de ódio *off-line* foram piadas ofensivas (94%) e propagação de mentiras e boatos sobre membros de um grupo social específico (84%) (Castellanos et al. 2023).

Em outro artigo analisado (Wachs et al., 2022), com uma amostra com 1.719 adolescentes suíços, uma pesquisa investigou a perpetração do discurso de ódio entre

estudantes nas escolas. Mais especificamente, explorou a associação entre testemunhar discurso de ódio, normas sociais e perpetuar discurso de ódio, investigando os efeitos de moderação das normas sociais (ou seja, normas injuntivas contra o discurso de ódio, pressão desviante dos pares) na relação testemunhas-perpetradores. O estudo concluiu que a percepção dos adolescentes sobre regras, crenças, atitudes e comportamentos (não) aceitos, (não) apoiados ou (não) desejados influencia sua motivação para mostrar um certo comportamento para evitar penalidades ou receber recompensas quebrando as regras ou seguindo-as, respectivamente (Wachs et al., 2022).

Quanto aos aspectos psicossociais (Castellanos et al., 2024), a orientação para a dominação social afeta diretamente a perpetuação do discurso de ódio, ainda que poucos estudos explorem os mecanismos pelos quais este efeito ocorre durante a adolescência. Tal afirmação advém de uma análise com alunos do sétimo, oitavo e nono ano (N = 3.225) (51,2% meninas, 37,2% de origem imigrante) de 36 escolas suíças e alemãs que completaram uma pesquisa sobre discurso de ódio, orientação para dominação social, empatia e desengajamento moral. Um modelo de caminho de mediação multinível revelou que a orientação de dominação social teve um efeito direto na perpetração de discursos de ódio *off-line* e *on-line*. (Castellanos et al., 2024).

Contra-narrativas: Estratégias educacionais de combate ao fenômeno do discurso de ódio no contexto escolar

Com a crescente exposição ao discurso de ódio, as pessoas podem tornar-se insensíveis à comunicação depreciativa, e esta forma de agressão nas aulas iniciada por alunos individuais pode tornar-se parte da cultura da turma e ganhar impulso (Ballaschk et al., 2022). Portanto, as escolas precisam desenvolver uma abordagem abrangente para combater o discurso de ódio, trabalhando em conjunto com pais, professores e funcionários, alunos e grupos comunitários. Quaisquer políticas antidiscriminação devem ser examinadas

rotineiramente para determinar precisão, clareza e conformidade legal, e tais políticas devem ser comunicadas ao pessoal escolar, aos alunos e aos pais (Wachs et al., 2022).

Neste contexto, parece necessário examinar como os funcionários da escola identificam esse tipo de agressão e onde são traçados os limites entre o que são expressões de opinião e discriminação e/ou preconceito (Britto, 2019; Ballaschk et al., 2022). De acordo com Ballaschk et al. (2022), para os docentes, o discurso de ódio pode ser compreendido como uma comunicação depreciativa dirigida contra membros de determinados grupos, e vários grupos sociais são afetados por tais práticas na escola.

Quanto à participação parental no contexto que correlaciona discursos de ódio entre jovens na escola, os objetivos educativos pró-sociais percebidos pelos pais reforçaram a associação negativa entre a abertura à diversidade e a perpetração do discurso de ódio nas escolas, mas não influenciaram a associação com a tomada de perspectiva social. (Kansok-Dusche et al., 2023).

A literatura também destaca a importância de ter em conta as normas sociais e as relações interpessoais (por exemplo, dentro da classe) ao conceber programas de prevenção contra o discurso de ódio e não se concentrar apenas em fatores intrapessoais. Embora seja importante ter políticas claras e eficazes, também é crucial ter planos de intervenção claros para minimizar a perturbação do processo educativo devido a incidentes de discurso de ódio (Wachs et al., 2022).

O fortalecimento do quadro jurídico para o combate ao discurso de ódio exige que seja considerado o contexto social e político de um país específico, uma vez que existem diferentes legislações já em vigor em vários países. Por exemplo, na Alemanha e no Canadá, a lei considera o discurso de ódio um crime, enquanto nos Estados Unidos da América o discurso de ódio é permitido se o orador do ódio não ameaçar ou usar violência ou incitar outros a fazê-lo. Para manter a integridade de uma democracia funcional, o governo deve

proteger tanto a igual dignidade humana de cada pessoa, como a liberdade de expressão, com um debate aberto envolvendo todos os pontos de vista, como uma pré-condição para a cidadania democrática. Logo, no combate ao discurso de ódio é importante e, ao mesmo tempo, desafiador, identificar o melhor equilíbrio entre permitir a liberdade de expressão e proteger outros direitos humanos (Britto, 2019; Jääskeläinen, 2020; Pugliesi, 2022).

Os estudos mostram que o discurso de ódio é entendido como uma difamação de vários grupos estruturalmente oprimidos (por exemplo, pessoas pretas, indígenas, pessoas LGBTQIAPN+, povo judeu). Os inquiridos muitas vezes não reconhecem formas mais sutis de discurso de ódio como um problema e o entendem principalmente como um fenômeno on-line, embora também sejam relatados incidentes nas escolas. Os profissionais da educação precisam ser sensibilizados para o discurso de ódio off-line e formas mais sutis, a fim de aumentar a sua vontade de intervir. (Ballaschk et al., 2022). De acordo com Strohmeier e Gradinger (2021), os professores que apresentaram níveis mais elevados de descomprometimento moral e que relataram não haver diretrizes para o combate de discursos de ódio na escola foram mais propensos a ignorar os incidentes.

Com base no modelo de tomada de decisão para o comportamento de ajuda, nos obstáculos que podem ser identificados no que diz respeito à vontade do pessoal educativo para intervir em incidentes de discurso de ódio na escola, foi demonstrado que a falta de intervenção pode estar associada a desafios na percepção desse comportamento. Uma possível explicação é que os alunos se envolvem em discurso de ódio quando os funcionários da escola não conseguem perceber o incidente para intervir. Esses incidentes também parecem passar despercebidos quando a distração é elevada (por exemplo, devido à presença de muitos outros alunos ou às atividades de comunicação simultâneas) (Krause et al., 2023).

A luta contra o discurso de ódio também pode estar associada ao apoio aos direitos humanos, por exemplo por meio do artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” (Organização das Nações Unidas [ONU], 1948). O discurso de ódio aniquila a dignidade e, dessa forma, prejudica a garantia de um indivíduo quanto à igualdade política e jurídica e à inclusão na sociedade. Intuitivamente, parece óbvio que os seres humanos devem procurar tratar uns aos outros de forma igual, protegendo, assim, a dignidade pública da ordem social. No entanto, devido à multiplicidade de perspectivas relacionadas com o discurso de ódio, não é fácil para os decisores políticos e os profissionais – por exemplo, os professores e os seus alunos – contribuir para o combate a esse problema (Jääskeläinen, 2020).

A abordagem metodológica qualitativa, em grande parte indutiva, permite que os alunos sejam considerados como atores na escola de uma forma particularmente aberta. A partir de suas declarações, as estratégias de enfrentamento específicas do discurso de ódio na escola podem ser extraídas, e os potenciais correspondentes, reconhecidos (Krause et al., 2021).

Embora as atuais investigações sobre o discurso de ódio envolvendo adolescentes tenham se centrado em fatores psicossociais relacionados ao testemunho, à manifestação e à vitimização, outras formas de envolvimento, como o combate ao discurso de ódio, permanecem demandando esforços (Kansok-Dusche et al., 2023). Embora esta forma de agressão seja amplamente reconhecida como um fenômeno on-line, poucos estudos o investigaram entre adolescentes em ambientes off-line (por exemplo, escolas). Ao mesmo tempo, não se sabe muito sobre o combate ao discurso de ódio (contra-discurso) entre adolescentes e quais os fatores que lhe estão associados (Wachs et al., 2023).

Como foi demonstrado que o discurso de ódio como fator de estresse é acompanhado de emoções negativas, é importante reduzi-lo, fundamentalmente, na escola para proteger os alunos de tais experiências. Isso pode ser apoiado pela promoção das habilidades democráticas e sociais de todas as partes interessadas da escola. Ao mesmo tempo, a equipe

educacional deve ser sensibilizada em relação ao assunto e familiarizada com as opções de intervenção e prevenção para poder agir adequadamente. Os resultados encontrados também mostraram que a convicção de influência e controle é um recurso pessoal central para reagir de forma construtiva ao discurso de ódio (por exemplo, por meio do contra-discurso), que deve ser fortalecido na escola. Ou seja, o discurso de ódio pode ser abordado nas aulas e as estratégias de enfrentamento adequadas devem ser discutidas e aprendidas.

Considerações finais

Em diversos lugares do mundo têm ocorrido casos de ataques violentos em escolas que foram motivados, em parte, por manifestações de ódio e intolerância. Embora cada caso seja único e complexo, é possível identificar padrões comuns, como a presença de comportamentos agressivos on-line, o consumo de conteúdo extremista na internet e a expressão de ideias discriminatórias e violentas por parte dos agressores (Britto, 2019; Pugliesi, 2022).

Além disso, é importante reconhecer que o discurso de ódio não se limita apenas às manifestações extremas, como ataques em escolas. Ele também pode se manifestar de forma mais sutil e insidiosa, por meio de piadas preconceituosas, comentários discriminatórios e estereótipos negativos que contribuem para a criação de um ambiente escolar hostil e desigual.

Para combater essa problemática, é fundamental promover a educação para a cidadania e os direitos humanos nas escolas, ensinando os alunos a respeitar a diversidade, a valorizar o diálogo e a resolver conflitos de forma pacífica. Os estudantes devem estar sempre envolvidos na superação deste desafio de forma participativa, como especialistas ativos no seu mundo ao serem apoiados na descoberta de estratégias construtivas para lidar com o discurso de ódio e no desenvolvimento de uma personalidade resiliente. As conclusões aqui apresentadas podem ser utilizadas para desenvolver programas de prevenção e ajudar a

desenvolver ainda mais a escola como um local social de aprendizagem (Krause et al., 2021). Além disso, é necessário investir em políticas públicas que visem à prevenção da violência escolar, fornecendo apoio psicológico e social aos alunos em situação de vulnerabilidade e promovendo a inclusão e o respeito mútuo em todas as esferas da sociedade.

A conscientização sobre os perigos do discurso de ódio e sua relação com a violência escolar é essencial para construir um ambiente educacional seguro e acolhedor, onde todos os alunos possam desenvolver seu potencial plenamente, sem medo de discriminação ou violência.

Para enfrentar esse desafio, é fundamental que as escolas adotem medidas eficazes de prevenção e combate ao discurso de ódio. Isso inclui a implementação de programas educacionais que promovam a cultura da paz, do respeito às diferenças e da igualdade de gênero, raça e orientação sexual. Além disso, é importante capacitar os professores para identificar e abordar adequadamente situações de discurso de ódio em sala de aula, promovendo o diálogo e o entendimento mútuo.

Por fim, esta investigação subsidia a discussão sobre o fenômeno do discurso de ódio em seus atravessamentos no cotidiano da juventude na escola, considerando a responsabilização coletiva por seus efeitos nocivos a partir do espaço escolar. O papel da sociedade civil e das instituições governamentais também é crucial nesse processo, fornecendo apoio para iniciativas que visem à promoção de uma cultura de respeito e tolerância nas escolas. Somente por meio de um esforço conjunto de toda a sociedade será possível combater efetivamente o discurso de ódio e criar um ambiente escolar seguro e inclusivo para todos os estudantes.

Coordenada nº 3: Trilhas metodológicas do ethos cartográfico na Pesquisa-Intervenção (PI) e o pesquisar COM a juventude na escola pública

Estar perto de vocês quando a inquietação de suas pesquisas lhes causa desassossego: o desassossego do pensar. De outro lado, vivo a metodologia da pesquisa como questão que corta a carne (Moraes, 2014, p. 131).

Este capítulo tem como objetivo promover metodologias participativas orientadas à implicação do campo metodológico da Pesquisa-Intervenção que fomentem o diálogo e o Pesquisar COM a juventude na escola acerca da experiência do discurso de ódio, e está alinhada ao segundo objetivo específico deste trabalho. É importante ressaltar que na Coordenada nº 4: Artefatos cartográficos e dispositivos participativos da Pesquisa-Intervenção (PI) e do Pesquisar COM a juventude e na Coordenada nº 5: Borrando Fronteiras entre on-line e off-line: Afrontando Discursos de Ódio no cotidiano escolar, alguns dos elementos apresentados aqui reaparecem enquanto analisadores dos acontecimentos desta experiência.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. A Pesquisa-Intervenção (PI) (Rocha & Aguiar, 2003) oferece subsídios à realização deste trabalho por meio de manejo cartográfico e triangulação de dispositivos, são eles: diário de campo, questionários, curso de extensão sobre a realidade dos estudantes nos afrontamentos aos discursos de ódio a partir do território escolar. O delineamento da Pesquisa-Intervenção (PI) (Rocha & Aguiar, 2003) realizada nesta trilha metodológica estabelece uma interface em seu desenvolvimento teórico analítico sobre a escola e a educação.

Ancorada na potência política da Pesquisa-Intervenção (PI) (Rocha & Aguiar, 2003), articulamos nosso trabalho com juventudes no contexto escolar, por meio de uma proposta de pesquisar COM os estudantes e COM a escola pública (Miranda et al., 2016). No que concerne às transformações nos planos micro e macrossociais e no processo de produção do

debate contemporâneo sobre discursos de ódio e seus efeitos no cotidiano escolar, a Pesquisa-Intervenção (PI) sob o *ethos* cartográfico (Deleuze & Guattari, 2011; Passos & Barros, 2009) oferece subsídios para discutirmos, a partir do conhecimento e do debate COM a juventude, novas análises como dispositivo de transformação da realidade vivida.

A pesquisa em tela ocorreu em um território no qual tenho habitado nos últimos anos e que também é parte da minha própria história. Nesse sentido, decidi trilhar este percurso de pesquisa por meio da Pesquisa-Intervenção e do *ethos* cartográfico. Compreendendo a Cartografia como método de PI que não pressupõe a orientação do trabalho do pesquisador por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos, os afetos evocados em campo, na pele e na memória, contornam as trilhas do território. No entanto, trabalhar em manejo cartográfico não se trata de uma ação sem direção, já que o objetivo proposto é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método pelo primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas (Passos & Barros, 2009).

Assim, tecemos esta Pesquisa-Intervenção de forma implicada com a especificidade do trabalho do Pesquisador COM a juventude (Moraes, 2010) a partir de aproximações entre esta postura política de pesquisa, que é o manejo cartográfico (Passos & Barros, 2009).

Entendendo a cartografia a partir das discussões de Deleuze e Guattari (Deleuze & Guattari, 2011) sobre o rizoma, direcionamos a prática da Pesquisa-Intervenção ao acompanhamento de processos de produção de subjetividades no pesquisar COM a juventude no território escolar. Desse modo, o sentido da cartografia está no acompanhamento de percursos, nas implicações em processos de produção e na conexão de redes ou rizomas (Passos et al., 2015) por meio de um exercício de inserção em um território existencial, neste caso, o instituto escolar, pondo em análise o plano coletivo de forças que engendram os afrontes aos discursos de ódio a partir dos jovens nesse cotidiano compartilhado.

Tal exercício não foi facilmente construído, pelo contrário, mas assumindo o viés da

posição que pode ser de fragilidade e potência no campo, podemos acompanhar a própria processualidade da (re)construção do objeto da pesquisa e das variações linhas, conexões, heterogeneidades e multiplicidades experimentadas na realidade que se apresenta e que constituem-se nas implicações em processos de produção e na conexão de redes ou rizomas (Passos et al., 2015).

Não tenho como objetivo a consolidação de um preciosismo epistemológico, mas sim de esmiuçar as forças que tangenciam os afrontamentos da juventude contra discursos de ódio no território escolar sob a perspectiva da Pesquisa-Intervenção (Rocha & Aguiar, 2003) e do *ethos* cartográfico por meio de minha implicação com o campo. Para tanto, o arcabouço teórico pós-estruturalista aliançado neste trabalho auxilia a compreensão da realidade, como múltipla e complexa.

Deleuze e Guattari, na escrita de *Mil Platôs* (2011) e *O anti-Édipo* (2010), escrevem sobre uma inspiração cartográfica que remete a uma concepção do campo social em que os axiomas norteadores da pesquisa negam perspectivas dicotomizadas da relação sujeito e mundo. E, ainda, os autores utilizam a imagem do rizoma para afirmar a realidade enquanto desdobramento do tecido constituído por materialidades heterogêneas, atravessado por instituições, por determinações históricas, saberes, práticas, relações e desejos dispostos em arranjos provisórios, em variação contínua (Souza, 2012).

A compreensão rizomática da realidade nos parece um importante operador metodológico, tendo em vista que a cartografia é anunciada por Deleuze e Guattari (2011), como um dos princípios do rizoma. Compreendendo que o objetivo central deste capítulo é descrever o percurso metodológico empreendido para elencar metodologias participativas orientadas à implicação do campo metodológico da Pesquisa-Intervenção, o rizoma expressa-se como análise necessária em territórios que, apesar de dinâmicos e mutantes, permitem mapear e se deslocam pelas forças que o atravessam (Barreto et al., 2020).

E, ainda, para Rocha e Aguiar (2003), a pesquisa-inter(in)venção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sociopolítica, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. O ethos metodológico da Pesquisa-Intervenção irrompe o caráter positivista e a suposta neutralidade do pesquisador em campo, em pesquisas participativas críticas. Assim, promove uma relação em que intervenção e pesquisa estão imbuídas no mesmo processo de construção do conhecimento (Miranda et al., 2024).

A Pesquisa-Intervenção (PI) propõe uma abordagem participativa que desafia a neutralidade do pesquisador no campo, promovendo uma relação mais integrada entre sujeito e objeto de estudo (Miranda et al., 2024). Nesse contexto, a intervenção e a pesquisa se fundem em um único processo de construção de conhecimento, com as análises sendo desenvolvidas coletivamente por todos os participantes e legitimadas por meio da troca de experiências com as instituições e grupos envolvidos. (Aguiar & Rocha, 2007; Rocha & Aguiar, 2003).

Afetos, implicações e território escolar: O *ethos* cartográfico e o pesquisar COM a juventude

O *ethos* cartográfico (Deleuze & Guattari, 2011; Passos & Barros, 2009) me ajudou a compreender que o início de uma escrita não é exatamente seu começo. Isto porque diante desse formato de pensar a pesquisa e materializá-la no texto, o importante é ser honesta com os possíveis interlocutores, indicando o caminho percorrido. Então, as análises empreendidas aqui e o caminho descrito têm um ponto de partida – flexível e com deslocamentos, tendo em perspectiva o ponto de chegada, o qual nesse longo caminho da pesquisa, permitiu-me, como pesquisadora, ser implicada pelo objeto e implicá-lo igualmente (Rettich, 2020).

O desafio, então, foi me permitir caminhar com ela, em uma dança cartográfica, para

viver as surpresas que um objeto de estudo pode oferecer se não nos colocarmos imponentes diante do tema pesquisado (Rettich, 2020). Assim, a cartografia trouxe pistas que orientam o percurso deste trabalho, considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, a pesquisadora e seus resultados. (Passos & Barros, 2009).

Os passos trilhados na instituição escolar em que coletivizamos o movimento de docência, supervisão de estágios, extensão e pesquisa também produziu afetos que mobilizaram a construção da Pesquisa-Intervenção que norteia nosso caminho metodológico. Por outro lado, ocupar o lugar de pesquisadora nesse espaço produziu estranhamento. Como pesquisar algo que contempla meu sentimento de estar em casa? O mergulho no campo assume outros contornos e me faz confrontar aspectos que a docência no ensino superior, em especial nas instituições privadas, tradicionalmente constituem. Foi necessário agenciar novas relações, campo e estratégias. Negociar, dialogar, apresentar-me, assim como nas palavras que escrevo, assumindo minhas inseguranças, afetividades e incômodos que fazem eu me reconhecer enquanto ser que pesquisa.

Assim, essa experiência vivida no campo nos convoca a uma decisão metodológica, ou melhor, a uma atitude (*ethos* da pesquisa) que opera não por unificação/totalização, mas por "subtração do único" (Passos & Barros, 2009). E assim: "Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas" (Deleuze & Guattari, 2011, p. 21).

Esta pesquisa se delinea como eminentemente qualitativa, utilizando informações específicas de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia localizado em uma cidade no interior do nordeste brasileiro. Na abordagem qualitativa das pesquisas em Psicologia, aquele que pesquisa objetiva se aprofundar no entendimento dos fenômenos que observa, sejam eles ações de indivíduos, grupos ou organizações em contexto social, interpretando os dados segundo perspectiva dos próprios observados, sem que haja

preocupação na representatividade numérica. Assim, esta pesquisa produziu um campo enunciativo com estudantes e uma equipe de pesquisadores discentes sobre como vivenciam o discurso de ódio em seu cotidiano, espaço virtual e escolar, viabilizando diálogo entre estes e o grupo de pesquisadores. Os estudantes, enquanto produtores de subjetividades, experiências e resistências, durante o encontro com o local no qual o fenômeno ocorre, reuniram memórias, acontecimentos, informações, sob forma de falas, desenhos e imagens a serem descritas e analisadas (Shaughnessy et al., 2012).

O delineamento da Pesquisa-Intervenção realizada nesta trilha metodológica estabelece uma interface com arcabouços teóricos sobre discursos de ódio (Butler, 2021), aspectos psicossociais do preconceito e sobre o chão do território escolar. Neste contexto, os estudos sobre interseccionalidade possibilitam a inventividade de procedimentos para os diálogos com atrizes/atores sociais em sua diversidade de contextos sociais e existências, que coexistem no território escolar.

O método ancorado nesta pesquisa é a cartografia, por meio de um processo de Pesquisa-Intervenção (Kastrup, 2008; Passos & Barros, 2015). Compreendendo os desafios que envolvem os estudos sobre os processos de produção de subjetividades e entendendo o processo como processualidade, produz-se cartografia (Barros & Kastrup, 2015).

A cartografia encontra-se no *ethos* da Pesquisa-Intervenção que não direciona as ações do pesquisador, mas pressupõe movimentos a serem realizados por ele para desenvolver a sua prática “cartográfica”, habitando o “território”, mapeando a realidade, acompanhando o processo em curso para criar os seus próprios procedimentos de pesquisa e realizar as intervenções (Alvarez et al., 2015).

E, ainda, tendo em vista que, quando se inicia uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de

começar pelo meio, entre pulsações. Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual, esta que é tudo aquilo que impede que o território, seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas. Em outras palavras, o território espesso contrasta com o meio informacional raso (Barros & Kastrup, 2015).

Aqui, no território dessa instituição escolar, que é atravessada por histórias coletivas e individuais desses estudantes, partilho das experiências que envolvem meu interesse por pesquisar este lugar. Ao ingressar em um processo em curso, a PI em manejo cartográfico foi deflagrada. Na Coordenada nº 4 será pormenorizado o curso de extensão como dispositivo enunciativo da pesquisa¹², provocando reflexões sobre como discursos de ódio atravessam o cotidiano escolar, e, ao mesmo tempo, impelindo uma transformação significativa em mim, no campo e nos que partilharam experiências conosco.

Em nossas análises, optamos por não atribuir outros nomes aos participantes, mas omitir sua identidade com letras de seus nomes, sem identificação de gênero, idade ou quaisquer características que possam identificar os sujeitos que criaram a experiência vivida neste trabalho. Em nossos acordos, tornou-se evidente que a forma em que os alunos se colocaram jamais confluiu com qualquer passividade na produção desta pesquisa, pelo contrário, eles querem que suas contribuições sejam lidas, divulgadas e restituídas a eles próprios quando publicada.

¹² Curso de Extensão realizado com jovens alunos de uma instituição pública de Ensino Médio sobre discurso de ódio no território escolar.

Figura 2

Registro da pesquisadora por um dos extensionistas



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2024.

Rolnik (2006) em sua proposta discursiva e conceitual sobre a cartografia, aponta que a tarefa do cartógrafo é

[...] dar língua para afetos que pedem passagem, e espera-se que ele esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (Rolnik, 2006, p. 23).

Durante o curso de extensão que operamos como dispositivo desta Pesquisa-Intervenção, o processo cartográfico permitiu a produção de um “comum”, ou um modo de produção de conhecimento coletivo a partir da experiência vivida com o(s) outro(s) no mundo (Pelbart, 2017). Diferente do que habitualmente ocorre em um percurso de doutorado, no qual alicerçamos saberes em teorias e métodos, este trabalho assumiu novos rumos, assim como eu. Assim, compreender o que é cartografia, para mim, partiu do desejo de mudança da minha própria trajetória. Dessa forma, minhas leituras são diretamente atravessadas pela experiência

viva de incerteza, insegurança e a potência de transformação presentes no desejo por trilhar novas trajetórias.

A Pesquisa-Intervenção não é uma técnica ou enquadre do campo, mas a análise da posição que o pesquisador ocupa nos jogos de poder, sua implicação com a instituição do saber científico, sua atenção a essa implicação, e sua abertura para criar zonas de indagações, de desestabilização que possam favorecer forças instituintes (Romagnoli, 2014). Analisando minhas implicações com o tema como pesquisadora-professora-psicóloga-estudante, este trabalho inicia com os afetos construídos em campo desde 2022, ano em que iniciei a supervisão dos estágios em Psicologia Escolar e Educacional, tornei-me docente das disciplinas de Psicologia, Educação e Sociedade, Psicologia Escolar I e II e acompanhei projetos de pesquisa e extensão na educação. Nas palavras de Kastrup (2008), o que o conceito de implicação traz de mais importante é apontar que não há pólos estáveis sujeito-objeto, mas que a pesquisa se faz em um espaço do meio, desestabilizando tais polos e respondendo por sua transformação.

Diante do exposto, o interesse pela pesquisa com os afetos provocados neste território, do ponto de vista institucional, decorreu de processos de organização dos estudantes do ensino médio profissionalizante frente a pautas sociais e de afrontamentos à realidade vivida, que me atravessaram enquanto supervisora dos Estágios Profissionais em Psicologia Escolar e Educacional. Em outras escolas das quais estive próxima no período em que trabalho e resido em uma cidade localizada no interior do nordeste brasileiro, carinhosamente apelidada como cidade dos três climas (sertão, serra e mar), não havia observado até então uma organização estudantil tão afeita a pautas de combate a violências. Martins (1996) apresenta a observação participante como possibilidade de inserção do Psicólogo no cotidiano escolar e, conseqüentemente, via para analisar a existência cotidiana da escola em suas relações e especificidades institucionais.

Durante o último semestre de 2023, as visitas ao espaço do Instituto Federal foram atravessadas por uma diversidade de afetos, fossem atrelados pela reinvenção do meu percurso como pesquisadora, fosse o olhar de novidade dos estudantes e dos meus ao dividirmos um cotidiano próximo. Houve insegurança pela recepção da Direção do espaço à proposta do tema, a saber: Nas reuniões com uma das diretoras do espaço, foi relatada a preocupação de que, após os últimos anos, o espaço escolar fora atravessado pela temática do discurso de ódio, mas que, por vezes, esse debate foi retomado em contextos político-partidários. Isto, de forma mais explícita, era expresso nos questionamentos impositivos a partir de servidores e professores que, por vezes, de acordo com o relato, posicionaram-se em favor de pautas de extrema direita no Brasil. Sob esse contexto, as orientações foram de que as palavras deveriam ser ‘medidas’, evitando má interpretação de servidores, pais e demais sujeitos da comunidade escolar.

Figura 3

Registro das primeiras visitas à instituição como pesquisadora



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Em junho de 2023 me inseri no campo na perspectiva de pesquisa, realizei os primeiros diálogos e reuniões institucionais sobre a pesquisa. Meu trabalho foi reconstruído e penso que não fala apenas do texto ou do percurso de pesquisa, mas dos rumos do que sinto e da minha reinvenção perante esse processo. O ser que pesquisa precisa se constituir em novidade e implicação.

Desde o primeiro diálogo, o diário de campo tornou-se ferramenta imprescindível para registrar sentimentos que atravessaram a mim e o campo. Já havia um certo conhecimento, mediado pelo meu processo de supervisão dos meus estagiários sobre o campo e, após o encontro com a Coordenadora da CAE, foram recomendados caminhos possíveis para a continuidade da pesquisa: inserir-me no campo para conhecer os alunos e a instituição. Assim, mais próxima dos atores escolares, poderia conhecer, em outra perspectiva, esse novo território.

Nesse dia, quando atravessasse a calçada para ir embora, fiquei olhando para o *campus* do Instituto com as serras atrás e o início do pôr do sol ao meu lado. Aqui é a cidade dos três climas e de muitas histórias e uma multiplicidade de territórios. Os três climas são serra, sertão e mar, aqui coexistem sertanejos, pescadores, quilombolas e povos indígenas. Essas pessoas têm escrito suas existências e agora me dão espaço para que, aqui, eu também possa reescrever a minha. Durante o período de observação participante (Martins, 1996), em junho de 2023, participei do II Fórum da Diversidade no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de uma cidade localizada no interior do nordeste brasileiro, momento que marcou o início da minha aproximação institucional e com os estudantes enquanto pesquisadora.

Figura 4

II Fórum da diversidade no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2024.

O evento ocorreu na instituição, com legitimidade, iniciativa e organização dos alunos, contando com pouco incentivo e participação de professores. Essa provocação torna pertinente analisar o contexto dessa escola e as relações sociais ali constituídas. Com esse mote, delineiam-se os próximos passos que viabilizam nosso campo de pesquisa, por meio das etapas: a) Construção de um grupo de pesquisa e extensão no Centro Universitário no qual trabalho; b) Elaboração, divulgação e aplicação do questionário on-line referente à Pesquisa "A Juventude tá On!: O que é discurso de ódio em redes sociais?"; c) Curso de Extensão: A juventude tá On!: Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar; d) Questionário de avaliação sobre o curso de extensão, aplicado somente aos estudantes que estiveram no curso¹³.

A noção de implicação também torna-se necessária ao percurso deste trabalho, em que a posição da pesquisadora no processo de Pesquisa-Intervenção não é neutra e sempre gera

¹³ Estas etapas serão pormenorizadas na Coordenada nº 4: Artefatos cartográficos e dispositivos participativos da Pesquisa Intervenção (PI) e do PesquisarCOM a juventude.

efeitos sobre a dinâmica investigada. Pesquisar implica estar inserido em um campo, ocupar um lugar específico nas relações de poder e conhecimento que se deseja explorar e intervir. Dessa maneira, a análise de implicação envolve uma vigilância constante sobre essa dinâmica, sendo uma reflexividade contínua sobre os papéis que os pesquisadores são chamados a ocupar nas relações de saber e poder (Aguiar & Rocha, 2007; Passos & Barros, 2000; Chassot & Silva, 2018).

Os sentimentos evocados a cada encontro romperam pensamentos cristalizados e hegemonicamente acadêmicos para dar lugar à vivência de uma juventude implicada, crítica e bem articulada em seus posicionamentos, interessada em produzir saberes e questionar uma realidade vigente. Quando esta tese for compartilhada, espero humildemente contribuir para que os estudantes reconheçam que aqui as suas produções, suas palavras, suas emoções vivenciadas foram analisadas com o devido cuidado e atenção à realidade vivida.

Contexto de realização

A chegada do *campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia tem representado um marco na educação local e regional. Além da cidade sede, o IF atende por meio da oferta de seus cursos a estudantes de outros municípios do litoral oeste e da zona norte, os quais fazem limite. O referido *campus* foi criado com o objetivo de promover a educação profissional nos diversos níveis de ensino, considerando as demandas dos saberes e fazeres para o desenvolvimento regional sustentável. Dessa forma, o IF tem a missão de produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando sua total inserção social, política, cultural e ética.

O *campus* lócus dessa experiência foi inaugurado em 26 de janeiro de 2015.

Estruturalmente a unidade do IF conta com 4.442 metros quadrados, com bloco didático com dois pavimentos, abrigando 10 laboratórios e 20 salas de aula. Inclui também bloco

administrativo, além de auditório, biblioteca e sala de videoconferência. A estrutura abrange ainda um segundo bloco didático para cursos da área industrial, com mais seis laboratórios, sala de aula e oficina de manutenção, bem como um ginásio poliesportivo coberto, com vestiários, inclusive para pessoas com deficiência.

Figura 5

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Traçando as rotas que me aproximaram da referida instituição, desde março de 2022 me aproximei do *campus* pela via do meu trabalho docente em um Centro Universitário, no qual sou supervisora dos estágios em Psicologia Escolar e Educacional. O contato institucional se fortalece junto à preceptora dos estágios, também coordenadora da Coordenação de Assuntos Estudantis (CAE). É preciso destacar a relevância da psicóloga servidora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia para todo o manejo processual desta pesquisa, tendo em vista sua competência, responsabilidade e auxílio para compreender o ambiente institucional no qual se desenhará o percurso desta tese.

A perspectiva do manejo cartográfico me auxilia a colocar em contexto os afetos com o campo educacional, tomando em observação meus anseios e o aprofundamento de questões que superam os aspectos institucionais. Construo-me, enquanto sujeito, pelas ações que vivo no chão da escola, seja a trajetória que me fez estudante, psicóloga, pesquisadora, supervisora acadêmica, seja pelos entrecruzamentos de pesquisa que constroem o *ethos* deste trabalho

junto aos estudantes (extensionistas do Travessias: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Subjetividades, Sociedades e Educação)¹⁴ e os estudantes participantes da pesquisa.

Trabalhar com essa instituição enquanto campo de análise foi uma escolha importante para mim e o delineamento deste escopo. Desde que iniciei a supervisão dos estágios nesse espaço, percebi o quão multifacetados eram os agenciamentos entre instituição, professores, servidores e alunos. Além de questões, infelizmente cotidianas, sobre adoecimentos em saúde mental, outros cenários demandaram maior atenção. De forma institucionalizada, núcleos de estudos sobre o combate ao racismo, ao capacitismo e aos preconceitos contra pessoas LGBTQIAPN+ foram estruturados, porém sem muito interesse dos professores (Diário de campo da autora, 2023).

Nesse ínterim, pareceu-me importante analisar quais os contornos que o enfrentamento ao preconceito, à intolerância e aos discursos de ódio assumem em um espaço em que há a obrigatoriedade para se discutir o combate ao preconceito e, ao mesmo tempo, interesse daqueles que deveriam também ser mobilizadores da discussão. Em outra perspectiva, a aproximação do campo mostrou que o espaço de maior aproximação com os discentes é o setor dedicado à CAE, sendo o setor de atuação de uma psicóloga escolar, um enfermeiro, uma assistente social e uma nutricionista, interlocutores institucionais dessa pesquisa. Ainda no período de reestruturação desta pesquisa e nas visitas cotidianas que fazia ao campo como supervisora de estágios, as boas-vindas do semestre 2023.2 foram dadas com o Mural "Revolução Estudantil" (2023), que nas palavras da psicóloga M. B., responsável pelo setor no IF, "abre as portas do nosso setor à comunidade acadêmica". O mural foi uma iniciativa da Coordenadoria de Assuntos Estudantis - CAE junto a estudantes, inclusive participantes do movimento estudantil no *campus*, para celebrar as diversidades e as lutas do movimento

¹⁴ Mais informações sobre o próprio processo de construção desse grupo foram descritas no tópico de detalhamento correspondente aos procedimentos desta pesquisa.

estudantil.

Figura 6

Mural “Revolução Estudantil” na entrada da CAE



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Destaco a relevância das implicações dos meus alunos estagiários, que viabilizaram minha aproximação e reconhecimento do campo de pesquisa, bem como da Psicóloga do IF, como agente político-institucional, que foram imprescindíveis ao desenrolar deste trabalho. Esse contexto influenciou na escolha dos participantes do "Travessias", que me acompanhariam em campo de pesquisa para realização do curso de extensão, selecionados prioritariamente os alunos do Centro Universitário, estagiários do Instituto Federal, bem como outros dois estudantes, também estagiários do Centro Universitário, mas que atuam na ênfase da clínica psicoterápica. Esse contorno permitiu que a maior implicação afetiva dos universitários e o manejo das práticas em Psicologia oferecessem maior suporte e acolhimento aos sujeitos participantes desta pesquisa. Os discentes extensionistas cumpriram as atividades referentes ao curso, como atividades de extensão, certificados junto ao Projeto de Extensão: “É da Nossa Escola que Falamos”¹⁵ e ao Travessias: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Subjetividades.

¹⁵ O Projeto “É da nossa escola que falamos”, vinculado ao LAPSUS/UFC, tem como objetivo fomentar a participação de estudantes, professores e gestores como agentes pesquisadores de seu cotidiano escolar.

O *campus* do Instituto Federal oferta cursos Técnicos Integrados (para quem deseja cursar o Ensino Médio) e Técnicos Subsequentes (para quem já concluiu o Ensino Médio). Além disso, a instituição oferece cursos de formação inicial (carga horária igual ou superior a 160 horas) e formação continuada (voltado para aqueles que já possuem conhecimento e/ou atuação na área e buscam atualização e/ou aprofundamento de conhecimentos, possuindo carga horária mínima de 40 horas).

Sobre o quantitativo de alunos matriculados em 2023.2, de acordo com a instituição, houve 533 alunos matriculados distribuídos nos seguintes cursos e semestres: Integrado Informática S2, S4, S6; Integrado Edificações S2, S4, S6; Integrado Mecânica S1, S4; Lic. Física S2, S3, S5, S6, S8; Lic. Música S1; S3, S4/5, S6/7. Não foram disponibilizados os dados específicos sobre os alunos do Ensino Integrado. Sobre os grupos de estudos institucionalmente organizados pelo Instituto Federal, existem o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), o Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), o Grêmio Estudantil, o Centro Acadêmico (CA) da Física, e o Núcleo de Estudos em Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS).

Figura 7

Entrada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

O manejo cartográfico e a análise foucaultiana do discurso

O manejo cartográfico (Passos & Barros, 2009) nos traz possibilidades de um caminho produtivo de pesquisa para a Análise do Discurso foucaultiana (Foucault, 1996), uma vez que compor as redes discursivas materializadas por diversos textos está longe de ser uma coleta de dados dentro de uma linearidade de resultados. Aqui, textos produzidos por meio de diferentes provocações, por vezes com focos diferentes, materializam os discursos que estamos nos propondo a analisar. Desse modo, cartografar, mapear e analisar os processos desse ato cartográfico é o ponto de chegada deste trabalho.

A abordagem teórico-metodológica para análise dos dados neste trabalho toma contribuições de uma análise de discurso de inspiração foucaultiana. A análise do discurso parte do embasamento teórico de Foucault (1996), com a criação de categorias de análise que emergem a partir da relação entre os dados de campo e as análises teóricas sobre os discursos de ódio como política performativa (Butler, 2021). Tomando como perspectiva os discursos de ódio enquanto práticas injuriosas e de constituição e ressignificação do corpo que é interpelado pelo discurso (Butler, 2021), faz sentido que a análise dos dados seja empreendida por meio de inspiração foucaultiana (Foucault, 1996).

Assim, com dados construídos junto aos participantes, é possível identificar as principais práticas discursivas e tensionamentos dos secundaristas sobre discursos de ódio, violência e discriminação em ambientes virtuais, bem como as estratégias de afrontamento a esse cenário por meio do contexto escolar. Após a realização dos questionários e dos grupos de discussão durante o Curso de Extensão, foram transcritas as gravações dos encontros com os participantes, assim como os registros dos diários de campo¹⁶.

Assim, as análises operadas neste trabalho são orientadas por uma análise foucaultiana do Discurso, tendo em vista que para Foucault, este é uma dimensão de produção da realidade

¹⁶ Ao todo foram gravados seis encontros do Curso de Extensão e do encontro de restituição à escola, perfazendo mais de 12 horas de gravação. As transcrições foram analisadas por nós mediante leitura, discussão e seleção de analisadores operados nas experiências relatadas pelos secundaristas. Diante da quantidade de informações apresentadas, o software Atlas.Ti foi utilizado para organizar o processo de análise.

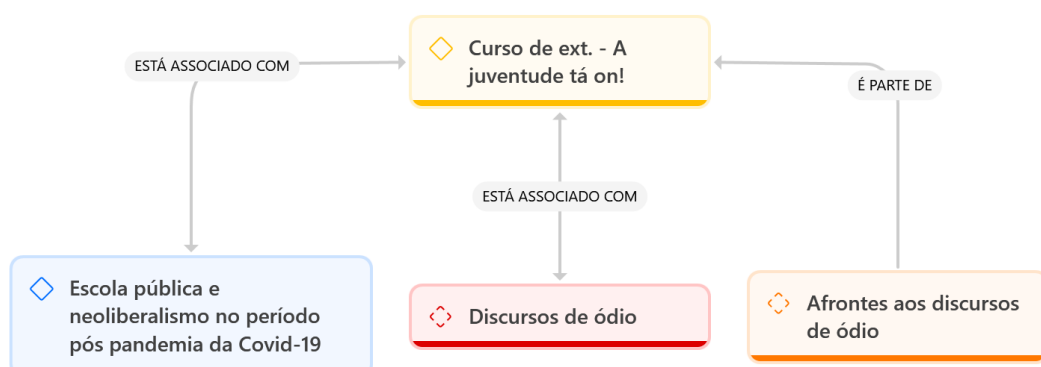
social (Foucault, 1996), e não uma mera reunião de enunciados no sentido exclusivamente linguístico, de atos de fala ou de escrita (Passos, 2019).

Para a tabulação e auxílio nas análises dos dados qualitativos, foi utilizado o *software* de análise textual Atlas.Ti versão 25 (Lopezosa et al., 2022), que auxilia na organização dos conteúdos textuais. Posteriormente, a partir da organização das transcrições dos encontros do curso de extensão, que foram gravados com consentimento dos participantes, selecionamos os trechos destacados, categorizamos e orientamos nossas análises.

Desse modo, para analisar os dados elencados em campo, trabalhamos com o *software* Atlas.Ti versão 25 para subsidiar a organização dos analisadores operados a partir do texto. Destacamos que a orientação das análises, bem como elaboração de subdivisões em categorias no *corpus* textual das transcrições elaboradas foi realizada por nós e não pela ferramenta. A identificação e a compreensão das categorias foi realizada por nós, mapeando os enunciados, agrupando-os por temas, evidenciando acontecimentos articulados tanto com falas transcritas, quanto com trechos de diário de campo.

Figura 8

Conexão entre categorias analisadas no Curso de Extensão



Fonte: Elaborado pela autora. Nota: Ano de 2024.

Diante dos dados elencados em campo, os quais foram obtidos com gravação dos encontros e transcrição dos mesmos, preservando o sigilo ético advogado por esta pesquisa, o *software* Atlas.Ti versão 25 subsidiou o auxílio para nossa sistematização e posterior análises.

Destacamos que a orientação das análises, bem como elaboração de subdivisões em categorias no *corpus* textual das transcrições elaboradas foi realizada por nós e não pela ferramenta. As categorias articulam-se em tessituras das Coordenadas nº 4 e nº 5, a saber: 1) Discursos de ódio; 2) Afrontes aos discursos de ódio; e 3) Escola pública e neoliberalismo no período pós-pandêmico da Covid-19.

Considerações Éticas

Este trabalho está vinculado à pesquisa guarda-chuva “Escola, Promoção de saúde e Modos de subjetivação em tempos de pandemia”, e este vínculo incorre das análises que problematizam a relação entre o contexto pós-pandêmico, após o período de isolamento social obrigatório e as articulações da juventude em território escolar frente à manifestação de discursos de ódio no Brasil.

Os participantes foram devidamente informados sobre objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, para assim ter a oportunidade de dar seu consentimento livre e esclarecido antes de participar. Considerando as éticas em pesquisa, respeitando a dignidade humana e a proteção da vida aos participantes envolvidos no processo de estudo, este trabalho atenderá para com as diretrizes e orientações previstas na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), tendo em vista a assecuração de sigilo e anonimato, realização de termos e documentos de consentimento e comprometimento do pesquisador e participante, bem como oferecimento de assistência, caso haja danos imateriais decorrentes diretamente ou indiretamente da pesquisa.

Esta pesquisa é orientada pelo artigo 3º desta resolução, baseando-se nos princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, reconhecendo a liberdade e a autonomia dos envolvidos. Defenderá os Direitos Humanos e a recusa do autoritarismo, respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos do contexto estudado, empenhando-se em um exercício democrático.

Na Pesquisa-Intervenção em questão, a processualidade é constituída pela relação entre a rede heterogênea jovens-escola-pesquisadora e seus afrontamentos aos discursos de ódio, compondo uma cena enunciativa (Miranda et al., 2016). Isto é, as práticas discursivas e não discursivas ajudam a tecer uma certa composição da pesquisa, na qual cabe sempre analisar as próprias condições da pesquisa (Aguiar & Rocha, 2007). E, assim, compreendemos que na ética da pesquisa encontra-se presente um certo modo de fazer política, isto é, a lida com modos de estar com outros e com determinada maneira de compor o mundo em que vivemos e de articular o “nós” (Moraes, 2014).

Neste capítulo, para além de apresentar quais foram nossos passos nesta trilha metodológica, visamos contextualizar nossos desejos mobilizados em campo, em coletividade com os participantes e equipe de extensionistas. As ações realizadas se adequaram às provocações dos alunos, foram pensadas uma a uma pelas evocações do campo. Escrever sobre isso não é tarefa fácil, muito menos vivenciar as surpresas que o cotidiano partilhado fornece. No entanto, como se enxergar em uma pesquisa senão pelo olhar da necessidade do outro? As dificuldades que me implicaram se apresentaram na mesma medida em que gratas surpresas, em especial, no acolhimento dos estudantes à nossa proposta e a mim.

Coordenada nº 4: Artefatos cartográficos e dispositivos participativos da Pesquisa-Intervenção (PI) e do PesquisadorCOM a juventude

Este quarto capítulo está ancorado no segundo e no quarto objetivos específicos desta tese, a saber: promover metodologias participativas orientadas à implicação do campo metodológico da Pesquisa-Intervenção que fomentem o diálogo e o Pesquisador COM a juventude na escola acerca da experiência do discurso de ódio; e analisar o engendramento dos discursos de ódio em práticas discursivas e suas possíveis formas de afrontamento no cotidiano escolar. Sob esta perspectiva, a produção de um curso de extensão, enquanto analisador agenciado pelo Pesquisador COM a juventude sobre os afrontamentos contra os discursos de ódio a partir do cotidiano escolar, alinha-se à constituição de modos de ser e a configuração do campo social e, assim, procedendo por conexões e agenciamentos, em movimentos processuais.

Sendo esta realidade uma composição contínua, Deleuze e Guattari (2011) evidenciam que, para compreender movimentos de subjetivação e modos de existência situados sob certa formação histórica, não bastariam metodologias que conduzissem à simples reprodução. Desse modo, a experiência relatada neste trabalho, na qual operamos artefatos cartográficos e dispositivos participativos da Pesquisa-Intervenção (PI), evidencia as linhas invisíveis que regem o campo, as quais ora se estratificam em formas, ora permanecem fluidas como potência. Tais linhas podem ser duras, flexíveis e de fuga, as quais, por meio de agenciamentos, formam novos territórios. (Barreto et al., 2020).

Implicados com a produção de um comum que mobilize linhas de fuga e afrontamentos aos discursos de ódio a partir do território escolar, recorreremos a artefatos cartográficos e dispositivos participativos, constituindo, assim, formas de pesquisar implicadas nas transformações que a investigação deflagrou em campo e nos sujeitos partícipes desta construção. Importante ressaltar que o princípio da cartografia, quando

apropriado por pesquisadores do campo da Psicologia permite a construção de estratégias de investigação qualitativa dispostas a problematizar a subjetivação como descentrada da interioridade, como movimento, produzida no entrecruzamento de determinações diversas, que dão forma simultaneamente ao campo social e aos modos de experimentar a condição de sujeito (Cavagnoli & Maheirie, 2020).

Os artefatos utilizados para construção e análise dos dados no decorrer deste estudo foram os seguintes: 1) Observação participante; 2) Criação do Travessias: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Subjetividades, Sociedades e Educação; 3) Produção de questionários on-line, disponibilizados via *Google Forms*; 4) Curso de Extensão: A Juventude tá ON! Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar; 5) Diários de campo, diários plurais: Juventude e Escola no Combate ao Discurso de Ódio; 6) Restituição escolar: a construção do mural da resistência .

Observação participante

A inserção no campo prevê negociação e observação participante (Martins, 1996) do cotidiano escolar. A produção de dados foi realizada por meio da promoção de estratégias metodológicas, como a exposição dialogada de ideias, a realização de um curso de extensão, entre outros e, em todas estas estratégias, a observação participante se fez presente. A entrada no campo ocorreu pela aproximação dos Estágios de Formação Profissional em Psicologia, junto à psicóloga, preceptora e coordenadora da Coordenação de Assuntos Estudantis do IFCE, que viabilizou contato com a direção do campus, professores e servidores institucionais, apresentando-nos, bem como facilitando reuniões nas quais apresentei a proposta da pesquisa, bem como do curso de extensão.

Os espaços ocupados foram, principalmente, os de maior circulação no IFCE, sejam salas de aula, a própria CAE, salas de convivência de servidores, cantina com os alunos, recepção da instituição, visita aos grupos institucionais para divulgação do curso e

pesquisa para os alunos. Nesse processo, observamos que servidores e alunos foram mais acolhedores à proposta, em detrimento do baixo engajamento de professores, mesmo vinculados a grupos institucionalmente incentivados a discutir raça, gênero e etnia.

Travessias: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Subjetividades, Sociedades e Educação

Diante das provocações que a experiência como docente e pesquisadora mobilizaram, bem como os efeitos da contribuição dos discentes do curso de Psicologia, que foram meus estagiários, fez sentido para processo de construção deste trabalho criar um Grupo de Pesquisa e Extensão que viabilizasse uma formação com alunos do curso de Psicologia do Centro Universitário em que sou docente.

A construção do Travessias: Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Subjetividades, Sociedades e Educação é coletiva e está vinculada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário e mobilizada pelas provocações da parceria interinstitucional com o Projeto de Extensão: “É da Nossa Escola que Falamos”, do Laboratório em Psicologia Sociedade e Subjetividade (LAPSUS), vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC. A seleção para o grupo ocorreu em julho de 2023 e está em atividade desde então. A identidade visual criada para o grupo pode ser observada a seguir:

Figura 9

Identidade visual do Travessias



Fonte: Arquivo do Travessias. Nota: Ano de 2024.

O nome do grupo foi inspirado por uma canção homônima de Milton Nascimento

(2013), pelos versos: “Minha casa não é minha / E nem é meu este lugar / Estou só e não resisto / Muito tenho pra falar / Solto a voz nas estradas / Já não quero parar / Meu caminho é de pedra / Como posso sonhar? [...] Já não sonho, hoje faço / Com meu braço o meu viver.”¹⁷ O início da música demonstra adversidades, no entanto, em sua continuidade há uma ode à capacidade humana de enfrentar adversidades, resiliência.

No período em que recriamos o projeto que viria a se tornar o texto que seus olhos leem agora, ainda que muito bem orientada pela Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda, foi necessário ressignificar minha trajetória e, ao mesmo tempo, os afetos que mobilizaram meu interesse em pesquisar COM a juventude e COM a escola. Assim, ao pensar em uma identidade visual e um significado para existência desse grupo, pareceu-me coerente lembrar das trajetórias possíveis em meio às adversidades de pessoas plurais, em movimento. E, ao mesmo tempo, as cores da imagem mostrada acima, remetem à ideia de território em três climas, fator pertinente à compreensão da realidade dos atores e das atrizes que construíram esse trabalho em coletivo comigo. O Travessias surgiu como desejo de construção coletiva e produto desta tese. Alguns discentes do Centro Universitário me demandavam um espaço para ampliar as discussões em sala de aula, bem como elaboração de ações de extensão. Ao mesmo tempo, eu senti a necessidade de criar um grupo que me desse suporte (afetivo e intelectual) para trilhar o percurso dessa pesquisa em coletividade.

O presente grupo tem como objetivo geral: constituir, a partir da articulação crítica da extensão universitária, do ensino e da pesquisa, uma análise da produção de subjetividades na sociedade contemporânea, com foco na interface entre Psicologia Escolar/Educacional e Psicologia Social, pensando questões relativas ao gênero e à sexualidade, à raça, à classe, à saúde mental e suas interseccionalidades. Enquanto objetivos específicos: i) aprofundar os estudos interseccionais (gênero, raça, classe) de discentes do Curso de Psicologia; ii)

¹⁷ Nascimento, M. (2013, 28 de agosto). *Milton Nascimento - Travessia* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=kDe3qOhrJLo>

compreender criticamente os marcadores sociais que atravessam o cotidiano escolar de discentes e docentes de instituições públicas de ensino no Brasil; iii) produzir pesquisas e intervenções sob um prisma interseccional a partir da interface Psicologia Escolar/Educacional e Psicologia Social.

O grupo de pesquisa e extensão, ainda em curso, viabilizou direcionamento de discussões sobre o tema, por meio de um grupo de estudos que discutiu o livro “Discurso de ódio: uma política do performativo” (2021), de Judith Butler. E, ao mesmo tempo, os alunos dos 8º e 9º semestre do curso de Psicologia que estavam no grupo de pesquisa foram convidados a participar da Pesquisa-Intervenção realizada no contexto do IF. No total, 16 alunos participaram do grupo de estudos e pesquisas sobre o livro supracitado; do curso de Extensão, participaram seis alunos, dos quais quatro também eram dos Estágios Profissionais em Psicologia Escolar e Educacional no IFCE. Ou seja, houve cuidado ao selecionar os estudantes que participaram da extensão, de modo que fossem, em sua maioria, parte do campo que nos mobilizou.

Figura 10

Registro do primeiro encontro do Travessias



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2024.

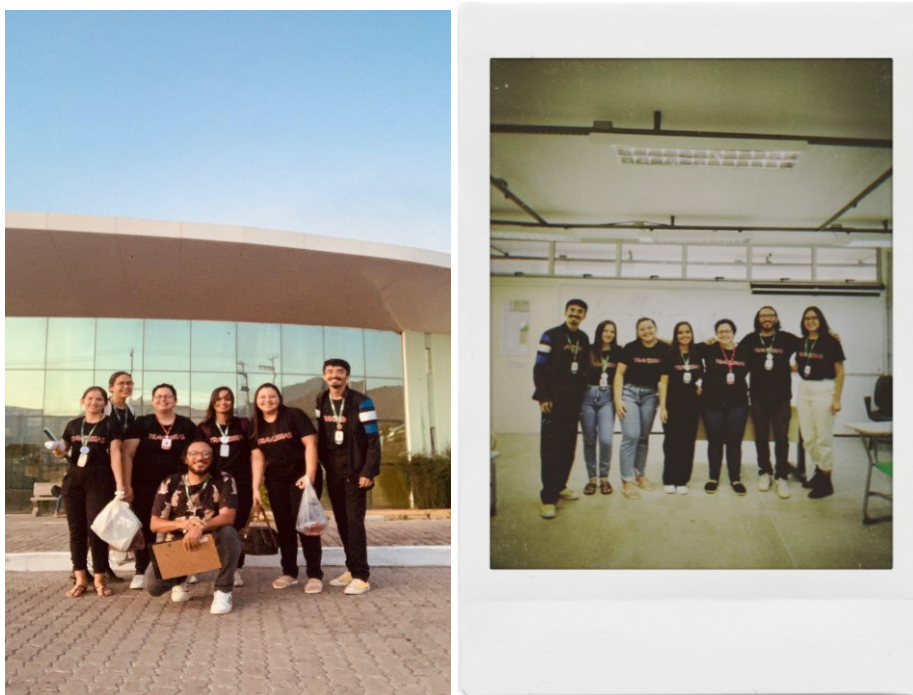
Fotos e demais informações das ações realizadas podem ser visitadas no Instagram, por meio do perfil [@travessias.educa](https://www.instagram.com/travessias.educa/)¹⁸, que também foi criado como ferramenta para conectar os sujeitos participantes da pesquisa, que postaram fotos, desenhos e comentários sobre o curso de extensão em suas redes sociais.

A partir do grupo, foram selecionados os estudantes que formaram a equipe discente de apoio ao curso de extensão "A juventude tá *On!*": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar. Dos 16 participantes em 2023.2, foram selecionados seis estudantes, os quais quatro identificam-se com o gênero feminino, dois com o gênero masculino.

Como pré-requisito à participação, em primeiro lugar deveriam ser estudantes a partir do oitavo semestre, consequentemente cursando os estágios profissionais, fosse na supervisão clínica ou nas políticas públicas com enfoque educacional.

Figura 11

Registro da equipe discente que realizou o curso de extensão



¹⁸ Perfil do Travessias no Instagram. <https://www.instagram.com/travessias.educa/>.

Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2024.

Os extensionistas que cursaram estágio profissional nas políticas públicas de educação (quatro alunos) já estavam inseridos cotidianamente na instituição escolar em que realizamos a pesquisa. Os demais (dois alunos) auxiliaram na condução de questões sensíveis, como o acordo de convivência com os participantes do curso de extensão, baseadas em noções de confiabilidade, princípio ético e sigilo com tudo que foi compartilhado coletivamente nos encontros. O suporte e participação dos alunos extensionistas tiveram impactos significativos nas linhas de cuidado e estreitamento de vínculos estabelecidos com os adolescentes em campo.

Figura 12

Registro dos diários da equipe de extensionistas



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Quando elaboramos a estratégia de produção de diário sobre as temáticas abordadas em campo, a equipe de estudantes universitários sentiu-se mobilizada a participar da pesquisa através do curso de extensão, no qual os dados seriam produzidos no fluxo do curso com

discentes do IF. A articulação pesquisa-extensão está em consonância com o ethos da Pesquisa-Intervenção, produzindo eles mesmos seus diários e compartilhando reflexões com o grupo, elaborando reflexões orientadas a questões vividas e descritas por eles próprios, bem como sobre sua formação em Psicologia.

Pesquisa "A Juventude tá On!": O que é discurso de ódio em redes sociais?

Objetivo do questionário de mapeamento sobre discurso de ódio

Antes de dar início ao curso de extensão, era preciso mapear minimamente as inquietações relativas ao discurso de ódio. Assim, foi relevante elaborar um questionário no qual os estudantes da instituição pudessem relatar quais os seus conhecimentos sobre discurso de ódio e sua relação com o meio virtual, bem como seus efeitos no cotidiano escolar.

Figura 13

Divulgação da Pesquisa "A Juventude tá On!"



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Optamos por construir um questionário intitulado: "A Juventude tá On!": O que é discurso de ódio em redes sociais?. A divulgação da pesquisa foi realizada *on-line* e *off-line* e

teve como objetivo mapear o que os estudantes do Ensino Integrado da instituição compreendiam como discursos de ódio e, caso o identificassem, como este se apresentaria em seu cotidiano dentro e fora da escola.

Pré-teste

Antes da aplicação, decidimos realizar um pré-teste com o questionário, em uma aplicação para a turma de Metodologia da Pesquisa Científica (S1) do curso de Psicologia do Centro Universitário no qual trabalho. Obtivemos 12 respostas de participantes com idades entre 18 e 28 anos. Destes, 75% (9) se identificam como mulheres cisgênero; quanto à raça, 50% (6) declararam-se pardas e 83,3% (10) como heterossexuais.

Além de responderem ao questionário pré-teste, como parte da participação, os alunos produziram análises sobre itens e dimensões do estudo, fazendo sugestões de inserção de questões e/ou sugerindo retirada de algumas, considerando pertinência e tempo de resposta.

Decidimos sobre essa estratégia de divulgação a partir das observações iniciais no espaço, no qual os adolescentes têm em parte a sua comunicação mediada por grupos de WhatsApp, Instagram e e-mail institucional. E, ao mesmo tempo, imprimimos folders e cartazes para divulgarmos em salas de aula, corredores, cantina CAE e por e-mail, WhatsApp e Instagram¹⁹.

Estrutura definitiva do questionário on-line

As dimensões que constituem este questionário delineiam-se da seguinte forma: 1) Perfil do participante: contém itens como renda, estado civil, nível de escolaridade (dos alunos e familiares), cidade em que reside, curso técnico associado, identificação de gênero, raça/etnia e orientação sexual; 2) Tempo on-line e atividades realizadas em ambientes virtuais durante a pandemia de Covid-19; 3) Sobre as formas de uso da internet atualmente 4) Sobre

¹⁹ Divulgação on-line da Pesquisa “ A juventude tá On!”. Criamos um Instagram voltado ao Travessias, no qual publicamos a divulgação e cotidiano da pesquisa e curso de extensão, produtos desta tese.
https://www.instagram.com/p/Cyoip3bxTG8/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

os discursos de ódio em ambientes virtuais e, por fim, 5) Sobre a relação entre discursos de ódio e escola (Silva, 2021). Esse questionário foi baseado em estudos prévios da literatura acerca da questão aqui tratada e alinha-se aos objetivos geral e específicos anteriormente apresentados. O questionário pode ser encontrado na íntegra no Apêndice A.

Divulgação do Questionário online

Contamos com o apoio da CAE para divulgação via *e-mail* institucional, bem como da equipe de apoio discente de graduandos em Psicologia, e entre 18/10 a 30/10 – divulgamos diariamente o Formulário de Pesquisa.

Figura 14

Arte de divulgação da Pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Figura 15*Processo de divulgação do formulário*

Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Resultados das respostas

Somaram-se 23 respostas, das quais 52,2% (12) autodeclararam-se com gênero feminino, 43,5% (10) com gênero masculino e 4,3% (1) como não binário. Em relação à raça/cor/etnia, a maior parte, 43,5% (10), identificou-se como pessoas pardas, 30,4 (7) como pretas e 21,7% (5) como brancas, apenas 4,3% (1) como amarela. Quanto à orientação sexual, 50% (11) identificaram-se como heterossexuais, 31,8% (7) como bissexuais, 13,6% (3) como outros (não especificaram em pergunta posterior) e 4,5% (1) como homossexuais. Ou seja, os sujeitos que participaram da pesquisa, em maioria, se declaram como mulheres, pardas e heterossexuais.

Quando questionados sobre o tempo on-line e a relação percebida com o período da pandemia da Covid-19, 95,7% (22) pessoas confirmaram que seu tempo de uso da internet aumentou muito, ao passo que 52,2% (12) afirmaram acessar a internet por mais de 8h/dia. Dentre as atividades virtuais realizadas, as interações por *chat* e voz e com pessoas

desconhecidas apareceram dentre as respostas, bem como 87% (20) afirmaram já ter tido contato com discursos de ódio on-line.

Este último dado, em especial, chamou atenção, dado o tempo que os estudantes afirmaram passar on-line e os tipos de atividades de interação que relataram manter, como jogos on-line e redes sociais virtuais. Tendo em vista que a sociedade e o cotidiano têm sido tomados por uma gama de produtos eletroeletrônicos que ampliaram as possibilidades de interação, é natural que existam relações de comunhão e conflito (Quadrado & Ferreira, 2020), por vezes, em contato com discursos de ódio, atualmente amplificados por redes sociais digitais a partir da ação de *haters speech*²⁰ (Rosenfeld, 2001).

Quando questionados sobre tipos de conteúdos ofensivos já viram on-line, os participantes responderam de acordo com o exposto no Gráfico 01 sobre terem identificado ou não os seguintes tipos de conteúdos: 1) Intolerância Religiosa; 2) LGBTfobia; 3) Racismo; 4) Neo Nazismo; 5) Xenofobia; 6) Maus tratos contra animais; 7) Tráfico de pessoas; 8) Apologia e Incitação a crimes contra a vida; 9) Pornografia Infantil e 10) Violência ou Discriminação contra mulheres.

²⁰ De acordo com Rosenfeld (2001), os *haters speech* são sujeitos que propagam mensagens preconceituosas, geralmente contra as minorias sociais tendo como base o racismo, as diferenças religiosas, étnicas ou de nacionalidade.

Gráfico 1

Tipos de conteúdos ofensivos identificados on-line



Fonte: Dados da pesquisa. Nota: Ano de 2023.

De acordo com o exposto, destacam-se em maior parte a identificação de conteúdos ofensivos ligados à LGBTfobia, Racismo, Intolerância Religiosa, Violência ou discriminação contra mulheres e xenofobia. Ainda sobre a identificação de exemplos sobre comentários violentos e preconceituosos no meio on-line, os participantes escreveram a respeito: “Comentários que desrespeitam os direitos humanos” (Resposta 3); “Discurso de ódio em relação à cor de pele e por questões físicas” (Resposta 12).

O cenário do Free Fire, que é o jogo que eu mais jogo, é um cenário muito tóxico, a comunidade em si é tóxica. Na maioria das vezes, usam xingamentos muito pesados e não se controlam ou até msm falam na hora que da raiva ou algo assim. Muitas pessoas usam xingamentos homofóbicos, racistas e outras coisas. Por isso, toda vez que eu entro em algum jogo com pessoas aleatórias, eu costumo silenciar o microfone e jogo escutando música pra não passar por esse tipo de coisa (Resposta 15).

Dentre as respostas, é citado o *Free Fire*²¹, jogo *Battle Royale* (batalha real) e desenvolvido pela *Garena*, presente no Brasil desde agosto de 2017 e que pode ser jogado

²¹ Tartaglia, R. (2020, 13 de agosto). Free Fire: como funciona, personagens, mapas, armas e mais. *Globo Esporte*. <https://ge.globo.com/esports/free-fire/noticia/free-fire-como-funciona-personagens-mapas-e-armas-veja-tudo-sobre.ghtml>.

casualmente entre amigos e tem como objetivo sobreviver a inimigos dentro de uma zona segura. Além dos comentários em jogos *on-line* e ou redes sociais digitais, algumas das respostas indicaram a percepção de que o discurso de ódio não era reconhecido apenas em plataformas digitais, como apontado em: “Ja vi muitos comentários de ódio com a comunidade LGBTQ+ , até mesmo fora da internet, gordofobia etc.” (Resposta 11). Assim, desde o primeiro contato mais sistemático com a temática no cotidiano daqueles estudantes do IF, eles já estavam nos enunciando não apenas os diversos contornos e públicos objeto do discurso de ódio, mas também o seu espraiamento em territórios *on-line* e *off-line*.

Além de responderem sobre onde tiveram contato com discursos preconceituosos, os estudantes escreveram sobre suas primeiras definições sobre o que seriam discursos de ódio antes que se inscrevessem no curso de extensão que oferecemos na instituição para discutir essas questões. Dentre as respostas, destacam-se: “Discursos que não são pautados em um diálogo, mas que tem como objetivo de atacar e ferir a pessoa a quem é dirigida” (Resposta 1); “Bom, seria no caso uma fala cujo o objetivo seria inferiorizar as outras pessoas e demonstrar ódio sobre elas por diversos motivos como a raça ou religião” (Resposta 2); “promovem a discriminação por meio da raça, etnia, religião, orientação sexual... de outras pessoas” (Resposta 4);

Um discurso de ódio dependendo do contexto, seria um discurso para ofender ou atacar pessoas que na maioria das vezes, são injustiçadas ou apenas são tem algo de "diferente". Na maioria das vezes não precisa nem ser algo querendo ofender, mas uma brincadeira qualquer já é algo que pode ocasionar isso (Resposta 16).

Observamos que o aumento do tempo *on-line* e do contato com comentários violentos ou preconceituosos pode ter sido ampliado pelo contexto de isolamento social durante a pandemia da Covid-19, fato que contribuiu para que fossem borradas as fronteiras entre *on-line* e *off-line*, inclusive na percepção e perpetuação do ódio, da violência e da segregação no

chão da escola pública. Corroborando a tais interpretações, 95,7% (22) dos participantes da pesquisa afirmaram que o discurso de ódio aumentou durante o período em que acessou a internet durante a pandemia da Covid-19. Ao passo que, ao questionarmos sobre a identificação de discursos de ódio no instituto em que estudam, 56,5% (15) dos discentes afirmaram já ter percebido comentários no espaço escolar. Entretanto, as respostas sobre as situações a respeito da presença de discursos de ódio no cotidiano da escola foram menos assertivas, como em: “Não me sinto confortável” (Resposta 13); “Não quero comentar” (Resposta 14). Quando mais explícitas, as respostas denotaram incômodo com discursos de alunos e professores sobre “piadas indevidas” e linguajar inapropriado para o ambiente.

As reverberações do mapeamento *on-line* sobre a compreensão dos discentes do IF em relação aos discursos de ódio, bem como o curso de extensão enquanto dispositivo metodológico, foram necessárias à condução desta Pesquisa-Intervenção. Considerando que, em momentos do curso de extensão que aconteceu posteriormente à aplicação do questionário *on-line*, as perguntas e os dados da pesquisa foram discutidos com os próprios discentes, sujeitos desta pesquisa. Decidimos explorar as informações disponibilizadas no mapeamento do questionário *on-line* com o curso de extensão, traçando essa etapa da pesquisa como parte do que foi eixo norteador, posteriormente, no discurso dos discentes, inclusive no confronto de ideias e conhecimento sobre temas diversos relacionados aos discursos de ódio.

As respostas dadas, os sentidos atribuídos ao discurso de ódio, como delineiam, quem profere, em que circunstâncias, quais os públicos-alvos, mapeados no questionário, embora sem grande adesão do corpo discente (24 respostas num universo de mais de 500 alunos), serviu-nos como primeiras pistas para montar o curso de extensão, em que várias temáticas poderiam ser aprofundadas, mas sobretudo poderíamos pensar e desenvolver estratégias coletivos de afrontamentos a estes discursos odiosos.

Curso de Extensão: A Juventude tá *On!* Afrontamentos juvenis frente aos

discursos de ódio no território escolar

Após o mapeamento realizado com o questionário *on-line*, realizamos a divulgação de um segundo formulário para inscrição no Curso de Extensão. A estratégia de divulgação foi a mesma, mas ocorreu em momento subsequente. Ao todo, obtivemos 36 alunos inscritos no curso de extensão, via formulário no *Google Forms*, destes, 27 finalizaram o curso de extensão e são os sujeitos partícipes da pesquisa, com perfil anteriormente descrito.

Figura 16

Divulgação do formulário online do Curso de Extensão



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

O curso foi estruturado em seis encontros, que ocorreram às quartas-feiras, das 15h30 às 17h30, conforme exposto no Apêndice B. Semanalmente, nós nos encontrávamos na sala 102 da Instituição, previamente reservada pela CAE. Para facilitar a troca de informações e o contato com o coletivo de alunos, no ato da inscrição solicitamos *e-mail* e telefone para criarmos um grupo de *WhatsApp* comigo. A equipe discente colaborou na elaboração e execução das atividades do grupo e os alunos participantes da pesquisa.

A elaboração de um curso de extensão voltado à temática do combate e enfrentamento aos discursos de ódio vem da minha implicação em relação a este campo de estudos. Após

algum tempo debatendo aspectos psicossociais relacionados ao preconceito e à manifestação de discursos de ódio, confesso que uma certa desesperança acometeu meu percurso enquanto pesquisadora.

Diante disto, como construir um curso que visa afrontar a produção e disseminação do discurso do ódio? É cansativo que as nossas implicações no estudo desta temática, em maioria, estejam centradas em analisar seus engendramentos e não em alternativas de afronta a essa estrutura permissiva à amplificação do ódio. Traçando um panorama sobre os contornos do chão da escola pública no período pós-pandêmico, tornou-se imprescindível compreender o que a juventude trata como discursos de ódio, mas, principalmente, como ela própria se implica no enfrentamento de discursos e práticas do ódio no seu cotidiano.

Assim, o curso de extensão tornou-se nesta tese o principal dispositivo analisador da relação entre os atravessamentos dos discursos de ódio no território escolar, os atores presentes no instituto de educação profissionalizante no qual estudam, os processos de construção de sentido sobre seu cotidiano e as práticas institucionais acerca do debate realizado. Assim, exploramos as possibilidades de produção do comum (Teixeira, 2015) no território escolar, a partir do debate sobre os afrontamentos aos discursos de ódio em um manejo cartográfico (Passos & Barros, 2009).

Nas palavras de Rolnik (2006), o cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago e entendemos tal antropofagia pela dimensão de incorporação dos afetos evocados e compartilhados em um território. Desse modo, a bússola antropofágica do trabalho em tela é orientada pelas marcas dos encontros e sentimentos que as foram constituindo, acolhendo os sinais dos estrangeiros que, devorados, desencadearam direções em sua evolução. Os sentimentos de incômodo, as dificuldades para elaborar experiências vividas sobre o tema, angústias, sentimentos de revolta e combate à realidade dos discursos odiosos formaram marcas de um relevo feito de vozes reminiscentes das mais variadas origens, sintonias e

estilos, misturando-se e compondo-se paisagens psicossociais (Rolnik, 2006).

Diante do exposto, entendo que nesta discussão sobre a complexa teia em que se formaliza o discurso de ódio, é necessário dar espessura a alguns elementos que estão em destaque, no cuidado e na criação de estratégias metodológicas para a construção do curso e para o procedimento de realização do mesmo. O discurso de extrema direita é combatido com possibilidades de participação e pensamento e é isso pelo qual este trabalho luta, construindo estratégias de produções teórico-práticas em coletivo que fomentem os enfrentamentos ao ódio.

Sujeitos partícipes do curso de extensão

Os participantes dessa pesquisa foram jovens, estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, matriculados nos seguintes cursos: Técnico Integrado em Edificações, Técnico Integrado em Mecânica e Técnico Integrado em Informática, na faixa etária de 15 a 19 anos. Trabalhamos com um perfil de participantes heterogêneos em relação à raça/etnia, ao gênero, à orientação sexual, ao território e à classe social. Obtivemos um total de 36 inscrições para o curso de extensão (as informações sobre o curso serão melhor detalhadas nos próximos tópicos), no entanto 27 chegaram ao fim do curso com 75% de participação. Quanto à faixa etária, havia adolescentes entre 16 e 20 anos.

Quanto à identificação por gênero, 65% (13) se identificam com o gênero feminino, 20% (4) com o gênero masculino e 15% (3) se declararam não-binários. Sobre raça e etnia, 50% (10) se autodeclararam pardos, 35% (7) brancas e 10% (2) pretas. E, ainda, sobre sua orientação sexual, 65% (13) se autodeclararam heterossexuais, 20% (4) selecionaram Outros, 10% (2) afirmaram ser bissexuais. Sobre a renda familiar, 43,5% (10) afirmaram ter renda entre dois a três salários mínimos, 30,4% (7) menos de um salário mínimo, 4,3% (1) afirmou possuir renda familiar maior que três salários mínimos e 21,7% (5) não responderam.

Quanto à configuração familiar, 34,8% (8) possuem oito pessoas morando na mesma casa, 26,1% (4) moram com seis pessoas, e os demais 39,1% (12) residem com quatro pessoas ou menos.

Sobre o perfil dos estudantes que fizeram parte do curso de extensão, 23 dos 27 participantes responderam ao formulário de avaliação da experiência, no qual 69,6% (16) informaram se identificar com o gênero feminino, 17,4% (4) com o gênero masculino e 13% (1) como não- binário. A respeito de sua raça/etnia, 47,8% (11) declaram-se pardas, 34,8% (8) como brancas, 13% (3) como pretas e 4,3% (1) como amarela. Acerca da orientação sexual, 69,6% (16) informaram ser heterossexuais, 17,4% (4) selecionaram 'outros', categoria incluída por nós além de bissexual 8,7% (2) e homossexual 4,3% (1). O fato de alguns estudantes terem selecionado a categoria que escapa às demais colocadas nos itens denuncia que na elaboração do questionário houve ausência de alternativas que corroborassem com o amplo escopo de orientação sexual dissidente à norma, fato a ser corrigido em próximos trabalhos.

No decorrer do curso, nove alunos desistiram e obtivemos, até o fim, a participação de 27 discentes. A desistência dos discentes me fez pensar se o tema do curso e até da própria tese seriam importantes para esse público. Como não questionar se eu não teria recaído na sobreposição das minhas ideias sobre o que seria comumente importante aos meus pares? Constantemente relembro o fato de eu estar tão implicada na pesquisa, para que isso seja atenuante no meu olhar, não que eu trace estratégias para ocultar meus vieses. Entretanto, isso não significa que por eu julgar o tema importante, ele o seria só pra mim. O cotidiano do curso de extensão me atravessou não só colocando à mostra minhas inseguranças e meus questionamentos, mas também demonstrando que os alunos não só tiveram interesse pelo curso, mas por propor que o movimento de ação iniciado ali pudesse ser espaço de elaboração da realidade vivida diante da vivência de discursos de ódio na escola.

De acordo com o "Marco legal: saúde, um direito de adolescentes", a adolescência é a

etapa da vida compreendida entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial (Brasil, 2007). A Organização Mundial da Saúde (OMS) circunscreve a adolescência à segunda década da vida (de 10 a 19 anos) e considera que a juventude se estende dos 15 aos 24 anos. Esses conceitos comportam desdobramentos, identificando-se adolescentes jovens (de 15 a 19 anos) e adultos jovens (de 20 a 24 anos). Há aqui um descompasso entre a fixação etária do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei nº 8.069, 1990) e a da OMS, também adotada pelo Ministério da Saúde. A lei brasileira considera adolescente a faixa etária de 12 a 18 anos. A adoção do critério cronológico objetiva a identificação de requisitos que orientem a investigação epidemiológica, as estratégias de elaboração de políticas de desenvolvimento coletivo e as programações de serviços sociais e de saúde pública. Portanto, é importante ressaltar que os critérios biológicos, psicológicos e sociais também devem ser considerados na abordagem conceitual da adolescência e da juventude (Brasil, 2007).

Para além do exposto, acompanho as palavras de Castro (2008), ao refletir que o conhecimento científico no campo da juventude impõe uma dupla tarefa: em primeiro lugar, a de trazer à luz a especificidade do lugar de jovens na sociedade e na cultura; em segundo lugar, a de analisar as implicações dessa especificidade sobre o dispositivo de pesquisa. O trabalho com adolescentes e jovens ajuda-nos a tensionar continuidades e discontinuidades de formas de dominação e modos de subjetivação (Benício et al., 2018).

Os sujeitos partícipes da pesquisa são assim mobilizadores de uma concepção que compreende a juventude, como:

[...] construção semiótica, produzida culturalmente e consoante com as condições históricas, sociais e subjetivas em que se vinculam as/os jovens. Esta compreensão define a condição plural e heterogênea acerca deste conceito ou categoria, exigindo de quem pesquisa com o público jovem um olhar aberto às diferenças que os constituem e

a seus efeitos em termos de desigualdades de raça/etnia, de gênero, de classe social, de grupos de pertença, de territórios e de temporalidades (Colaço et al., 2018, p. 9).

A maior parte das falas durante o curso de extensão foi proveniente de estudantes identificadas como mulheres, lembrando que quase 70% (16) dos estudantes no grupo se identificavam com o gênero. Sobre o curso técnico integrado que cursaram, 43,5% (10) estavam matriculados no curso de Edificações, 39,1% (10) no de Informática e 17,4% (4) no de Mecânica. A defesa desse posicionamento em favor de uma compreensão crítica da juventude delinea a perspectiva analítica deste trabalho e, ainda, contribui metodologicamente com o desenho da pesquisa. Destaco que os critérios de inclusão para considerar os sujeitos que participaram das atividades a serem desenvolvidas com esta pesquisa foram: 1) Alunos devidamente matriculados; 2) Com idade de 15 a 19 anos; 3) Com autorização concedida através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B) ; Em caso de adolescentes com idade inferior a 18 anos, através do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Anexo A) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os/as responsáveis legais (Anexo C) ; 4) Disponibilidade de participar do trabalho. Os sujeitos da pesquisa, portanto, foram adolescentes com idade de 15 a 19 anos conforme nomenclatura de jovens e jovens-adultos da ONU, matriculados no Ensino Médio Integral do IF.

Como critérios de exclusão: 1) Foram excluídos os dados de participantes que, mesmo depois de assinado o TALE/TCLE, desistiram, por qualquer motivo, de participarem; 2) Sujeitos que manifestaram o não desejo e a não afinidade com o tema em discussão; 3) Participantes que não participaram das atividades, em desacordo com os 75% de participação para certificação no curso de extensão; 4) Participantes que desistiram durante o curso devido à incompatibilidade de horário e/ou outras atividades; 5) Participantes que não se sentiram confortáveis com a dinâmica do curso de extensão.

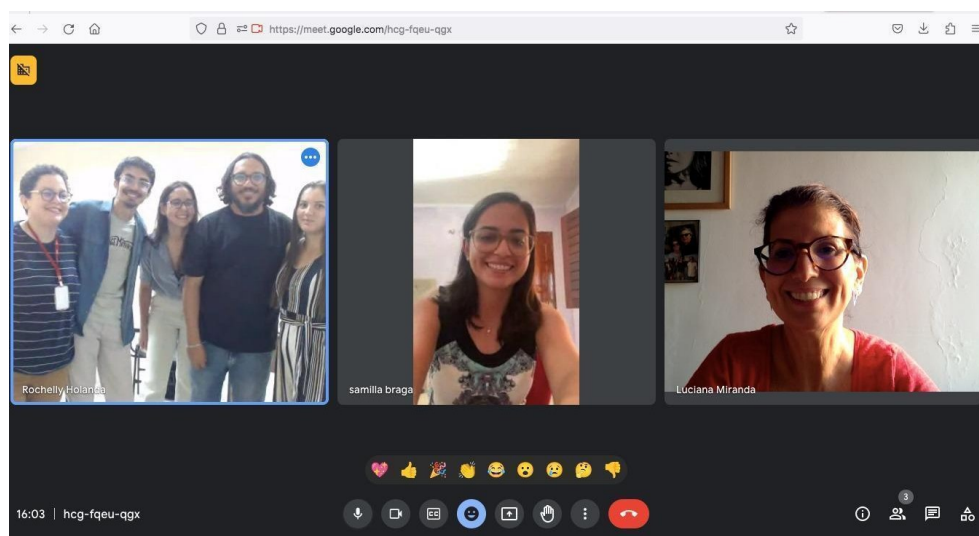
Os participantes acessaram informações do TCLE, garantindo a confidencialidade de dados e informações, bem como o comprometimento ético e político envolvido na pesquisa. Ao todo, dos 36 inscritos, 27 finalizaram o curso e receberam certificação. As informações sobre o TCLE foram divulgadas no formulário de inscrição, bem como repassadas no primeiro encontro do curso de extensão. Foram entregues cópias impressas do TCLE para participantes maiores de 18 anos, TALE e TCLE dos responsáveis, os quais foram recebidos assinados como condição para certificação do curso para os alunos participantes.

A Pesquisa-Intervenção (Rocha & Aguiar, 2003) articula modos de fazer pesquisa implicados com o campo, contrapondo a suposta neutralidade científica e rompendo com a dicotomia sujeito-objeto. A proposta do curso de extensão, enquanto um dispositivo, colocou em análise o tangenciamento da relação entre instituições, processos de construção de sentido, práticas institucionais e nosso *ethos* cartográfico nas reverberações que o campo nos trouxe.

Conforme dito anteriormente, o curso de Extensão "A juventude tá On!: Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar", foi organizado pelo Travessias - Grupo de Pesquisas e Intervenções em Subjetividades, Sociedades e Educação, vinculado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário no qual sou docente, pelo Projeto de Extensão: É da Nossa Escola que Falamos, do LAPSUS, vinculado ao Departamento de Psicologia da UFC com o apoio da instituição parceira, IFCE, pela via da CAE. Ao longo do semestre, foram realizadas reuniões para construção do curso de extensão e diálogos sobre como o campo se apresentou durante nosso percurso. Sem tal aporte, não teria sido possível realizar este trabalho.

Figura 17

Reuniões entre o Travessias e o É da Nossa Escola que Falamos



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

O objetivo geral do curso de extensão foi promover debates transversais sobre o conceito de discurso de ódio em ambientes virtuais, fomentando possibilidades de afrontamento, como estratégia de proteção e prevenção à violência a partir da juventude na escola. Tal objetivo se relaciona com o objetivo geral da tese: Cartografar como se configuram os discursos de ódio a partir do cotidiano escolar de estudantes do ensino médio integrado profissionalizante de um IF em uma cidade do interior do nordeste brasileiro. .

Organização e planejamento do Curso de Extensão

Antes do nosso primeiro encontro, nós criamos um grupo de *WhatsApp*, no qual disponibilizamos informações sobre o curso, mas pedimos que eles se apresentassem com memes e figurinhas de *WhatsApp*. Esse material foi impresso e levamos para que eles pudessem personalizar seus diários. Essa foi uma surpresa no acolhimento dos estudantes, que a princípio estavam muito tímidos, mas essa ação os deixou mais à vontade. A ementa, a organização e as temáticas debatidas nos encontros subsequentes podem ser observadas abaixo:

Ementa:

Na ementa foram trabalhados os seguintes pontos: Definição do conceito de discurso de ódio, identificando conteúdos de extremismo e violência em ambientes virtuais. A relação entre o cotidiano escolar e a expressão de discursos de ódio em redes sociais on-line. Marcadores sociais de gênero, raça/etnia e classe social para compreender o que são direitos humanos e suas violações. Uso seguro de tecnologias na adolescência no período pós-pandemia da Covid-19. Possibilidades de proteção e prevenção à violência a partir da centralidade da escola.

Objetivo geral:

Promover debates transversais sobre o conceito de discurso de ódio em ambientes virtuais, fomentando possibilidades de proteção e prevenção à violência a partir da juventude na escola.

Público-alvo:

Curso elaborado para atender aos discentes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal, oferecendo um espaço de discussão para aqueles alunos que desejam discutir a temática dos efeitos dos discursos de ódio em ambientes virtuais no cotidiano escolar.

Participantes:

Foram disponibilizadas 30 vagas aos alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos dos cursos integrados do Instituto Federal, a serem preenchidas conforme ordem de inscrição.

Metodologia:

O curso foi conduzido a partir de discussões pautadas em perspectivas crítico-reflexivas de construtos teórico-práticos da Psicologia Social, Psicologia Escolar e

Educacional e abordagens afins. E, ainda, contou com metodologias ativas síncronas, tais como produção de textos, desenhos, pinturas e colagens pelos discentes, além de rodas de conversa. Os módulos do curso foram pautados pela relação: aulas x contexto social, problematizando realidades vivenciadas pelos discentes, baseando-se, ao mesmo tempo, por diretrizes conceituais, metodológicas e práticas. A seleção dos textos e temáticas foi discutida a partir de conhecimento prévio da organização e da percepção dos estudantes.

Avaliação:

A avaliação será processual, realizada a partir da participação nos encontros semanais. Além disso, será estimulado, ao final dos encontros, a elaboração de uma atividade coletiva, operacionalizada a partir das temáticas debatidas no curso. A proposta consiste em produzir materialidades relacionadas à temática dos Efeitos dos Discursos de ódio em ambientes virtuais no cotidiano escolar, que poderá ser, dentre outros: vídeos, exposição de fotos, contação de histórias, oficinas, fanzines, poesias, livretos, etc. Realização de atividades individuais, como a produção de desenhos e diários e atividades feitas em grupo (de 3 a 4 pessoas) de acordo com as temáticas ou metodologias de interesse dos participantes.

Presença e Certificação:

O curso é híbrido, perfazendo 24 horas (12h presenciais e 12h assíncronas, realizando atividades que foram apresentadas nos encontros, tais como a redação dos diários de bordo), possui certificado de participação pelo Travessias - Grupo de Pesquisas e Intervenções em Subjetividades, Sociedades e Educação, vinculado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário. No decorrer de cada encontro serão contabilizados os inscritos que confirmarem a presença. A certificação será disponibilizada para os participantes que cumprirem 75% de presença no curso (mínimo de 5 encontros).

Conteúdo Programático:

1) Módulo I - Que papo é esse de discurso de ódio on-line?

08/11 - Bases do discurso de ódio, violência e redes sociais: Novos campos de batalha e resistência a partir da escola;

22/11 - Internet é terra de ninguém? *Cyberbullying* e as estratégias para identificar narrativas do ódio na escola.

2) Módulo II – Conhecer para se proteger: Adolescência e os desafios da privacidade on-line

29/11 - *Trolls, bots e haters*: Não alimente esse *squad!*: Limites do anonimato e da exposição em redes sociais;

06/12 - Os efeitos pós-pandemia da Covid-19 para a socialização em ambientes virtuais.

3) Módulo III - Educar contra o preconceito é resistência: A importância da Educação em Direitos Humanos na adolescência

13/12 *Dá um like*: Direitos Humanos e a Conscientização da educação para a cidadania e uma convivência ética no meio digital;

20/12 Escola, família e o papel das redes de apoio: Compartilhando a comunicação não-violenta e construindo narrativas alternativas;

13/03 Restituição escolar: Quem produz afrontamentos? Exposição dos murais criados pelos participantes do curso na escola.

Encruzilhadas cartográficas e o movimento de novos mapas em curso

No processo cartográfico, novos mapas se abrem. Dentre os temas com maior envolvimento, nos surpreendeu que eles sentiam maior necessidade em se expressar em relação ao preconceito e à discriminação, compreendendo melhor sobre o que é discurso de ódio e como os afeta²². Se a proposta inicial do curso era a de abordar o tema a partir da

²² Estas questões serão detalhadas na Coordenada nº 5.

internet, o que pudemos observar foi a necessidade que os alunos sentiam para expressar o que vivenciaram sobre o tema dentro e fora da escola, e esse é um movimento sintomático do processo de pesquisa, dado às questões propositivas anteriores.

Em um dos encontros, tivemos a proposta de atividade na qual foram sorteados temas relacionados a preconceitos (Intolerância Religiosa, LGBTfobia, Racismo, Neonazismo, Xenofobia, Violência ou Discriminação contra mulheres) para uma apresentação em equipe a partir de uma produção dos participantes (música, produção de vídeo, murais, poesia). Uma das apresentações, organizada por uma equipe de mulheres cisgênero quis discutir o tema da violência contra mulheres a partir do filme “Um Olhar do Paraíso”²³, que retrata o assassinato de uma adolescente de 14 anos por um *serial killer* que atacava meninas nos Estados Unidos na década de 1970.

A equipe não informou como aconteceria a apresentação, mas no encontro em que esse momento aconteceu, apenas as participantes que se identificam como mulheres cisgênero estiveram presentes e houve uma emoção compartilhada em relação às experiências de assédios e violências que as adolescentes já sofreram, inclusive no ambiente escolar. Diante disso, a equipe de extensão promoveu um espaço de acolhimento, no qual colocamos música ambiente, dialogamos sobre a importância do debate sobre violência sexual contra mulheres e a importância de construir redes de apoio também dentro da escola. Foram apresentados canais de atendimento em situações de violência e discutimos com as participantes sobre os procedimentos para denúncia, caso já tenham passado por uma situação de assédio e/ou outras violências. Nesse espaço, também me coloquei à disposição para conversar individualmente com quem tivesse demandas de escuta naquele momento, bem como expliquei como se dá o encaminhamento para o Serviço de Psicologia aplicada do Centro Universitário em que sou

²³ Mais informações podem ser acessadas em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-56899/>

docente e supervisora de estágios.

As forças desse território, seu cotidiano, as relações ali estabelecidas e reconstruídas, bem como os acontecimentos mobilizados pelos sujeitos partícipes da pesquisas, engendraram nossa implicação e foram engendrando dados na análise deste trabalho, confluindo papéis e tensionando saberes articulados pela juventude deste território sobre a sua vivência frente aos discursos de ódio.

Todas as participantes compartilharam vivências e, ao fim, nós nos abraçamos em um momento de troca de frases de acolhimento em uma dinâmica para que, entre si, as alunas pudessem se reconhecer como figuras de acolhimento no espaço que dividem cotidiano dentro e fora das salas de aula da escola.

Figura 18

Acolhimento das participantes

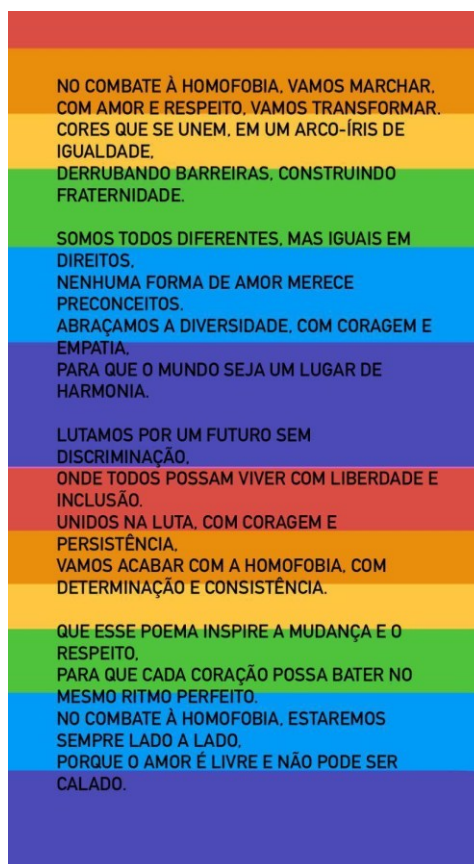


Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

No mesmo encontro, a produção de outra das equipes foi um poema sobre o combate à homofobia, um tema que foi bastante discutido durante o cotidiano dos encontros no curso de extensão.

Figura 19

Produção dos estudantes sobre o combate à homofobia



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Conforme dito anteriormente, a inspiração da proposta de um curso de extensão vem das discussões sobre Pesquisa-Intervenção no contexto escolar (Rocha & Aguiar, 2003; Miranda et al., 2016), no qual o pesquisar COM a juventude implica na produção de conhecimentos a partir dos movimentos que os próprios jovens promovem, pelos afrontamentos que estes criam a partir da educação.

Diários de campo, diários plurais: Juventude e Escola no combate ao discurso de ódio

As metodologias participativas dos encontros ocorreram em diversidade ao passo que foram fomentadas rodas de conversa, *slides* e apresentação em *data-show*, quadro branco, produção de desenhos, fotografias, poesia e discussão com obras audiovisuais sobre as temáticas abordadas nos encontros.

Esta pesquisa se delinea por meio do seu objeto de estudo, no registro de dados, de memórias compartilhadas e na interpretação da produção de dados, dispondo de recursos metodológicos, tais como o diário de campo para relatar as vivências dos sujeitos partícipes do cotidiano escolar no referido campo, com liberdade para que estes relatassem suas experiências e abrindo discussão para as dificuldades e os desafios estabelecidos no contexto escolar, detalhando percepções e sentidos dos participantes (Medrado et al., 2014). Frente à timidez dos estudantes, trouxemos diários para que eles se expressassem sobre seus afetos e implicações com os debates e vivências experienciadas no curso e, de forma unânime, foi a metodologia preferida pelos participantes.

De acordo com Medrado et al. (2014), a escrita do diário de campo facilita na imersão da relação entre pesquisador e temática, e não somente no seu registro; trata-se, então, de uma escrita encarnada e produtora de analisadores. Afirmam que na relação campo-tema, a emergência de afetos produz distinções que se destacam em um fundo como experiências a serem narradas.

Sob as trilhas metodológicas da Pesquisa-Intervenção, a relação entre pesquisador(a), participantes e fenômeno pesquisado entrelaçam-se em um aspecto crucial da produção de conhecimento, uma vez que determina os próprios caminhos da pesquisa (Kroef et al., 2020). Nesse ínterim, desde o início da reestruturação deste trabalho, os diários de campo e as implicações afetivas ali transcritas, mobilizaram o percurso criado para pesquisar esta temática. Assim, ao adotarmos a Pesquisa-Intervenção como proposta teórico-metodológica, os diários de campo possibilitaram criar ambientes favoráveis à discussão com atores no contexto escolar (Ribeiro et al., 2016). Para trabalhar com os diários, propomos que eles personalizassem com colagens, desenhos e demais produções com os materiais que disponibilizamos.

Figura 20

Personalização dos diários afetivos dos participantes



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Figura 21

Personalização dos diários afetivos dos participantes



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Figura 22

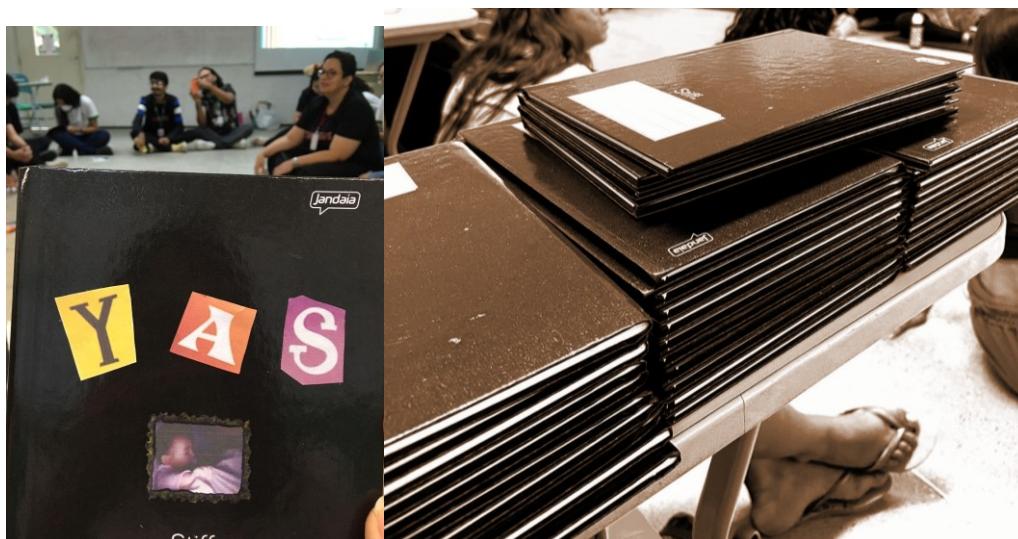
Personalização dos diários afetivos dos participantes



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Figura 23

Diários de campo personalizados pelos participantes



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

As produções escritas foram compartilhadas por mim, pelos jovens participantes do curso e pelos discentes pesquisadores. Assim, lançaram-se afetos, sensações e provocações durante e após cada encontro, por meio de produções individuais e coletivas sobre a realidade

vivida durante o curso de extensão.

Figura 24

Diários de campo personalizados pelos participantes



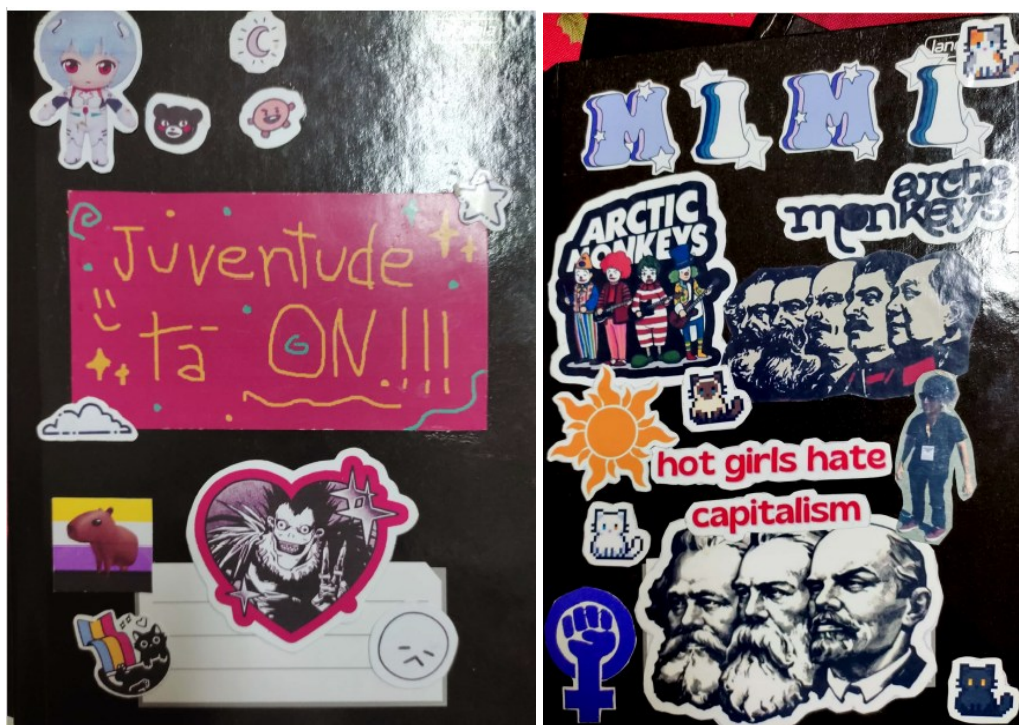
Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

O Diário de campo, por sua vez, cumpriu um duplo papel: o de construir um primeiro vínculo entre nós - os pesquisadores - e o campo estudado, bem como de trabalhar dados que seriam perdidos ou omitidos sem essa ferramenta.

Desde o primeiro encontro, ao entregarmos os cadernos, a experiência de ter os diários e poder personalizar ao modo que cada aluno do curso desejasse, foi um importante potencializador do estreitamento de vínculos entre o grupo e conosco. Em um primeiro momento, ao criarmos o grupo de *WhatsApp* com todos os participantes, pedimos que se apresentassem com figurinhas de ou memes que se identificassem, contando um pouco sobre quem eram mesmo antes de nos encontrarmos pessoalmente. Essa estratégia foi pensada pelos extensionistas do Travessias para que pudéssemos interagir de forma próxima à realidade cotidiana dos estudantes do Instituto.

Figura 25

Diários de campo personalizados pelos participantes



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

A primeira atividade proposta para os adolescentes foi a personalização do caderno, iniciada ainda no primeiro encontro. Assim, conversamos: “Cês gostaram da ideia de ter o diário? De ter esse diário... o caderno pra acompanhar...” (Pesquisadora - Encontro 1); Eu gostei que a gente vai personalizar. Vocês não vão me devolver né? (T. - Encontro 1); [Grupo responde em uníssono] Não [risos do grupo].

A personalização dos cadernos foi essencial ao desenvolvimento da relação estabelecida ali. Não quis que nossa chegada fosse apenas uma colheita de dados em campo, mas sim a construção de uma partilha de experiências em função da produção de um curso de extensão, enquanto analisador agenciado pelo pesquisar COM a juventude, sobre os afrontes contra os discursos de ódio a partir do cotidiano escolar.

Figura 26

Diários de campo personalizados pelos participantes



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Os diários foram personalizados de diversas maneiras, como nas imagens acima, inclusive com recortes do que foi dito no primeiro encontro do curso, como o pedido de apresentação dos participantes: Quem é você? O que espera do curso? Por que se inscreveu? Fiquei surpresa pelo apego aos cadernos e pela dedicação na personalização com muitos desenhos, interações entre eles próprios com elogios e brincadeiras, uns escrevendo nos diários dos outros colegas, mesmo os de outros cursos. Após a personalização, pedimos que apresentassem o que fizeram: “Enfim, fiz no Paint, eu imprimi e tal...” (E. - Encontro 1); “Tu se dedicou, né?” (Pesquisadora - Encontro 1);

Foi [ri]. É... e essas figurinhas são coisas que eu gosto assim e tals, mais da minha personalidade e etc. Posso abrir o caderninho pra mostrar? É, eu fiz um desenho sobre uma situação assim com o meu melhor amigo, meu best friend, uma situação que nos doi-... nós dois escrevemos sobre isso né, não vamos nos aprofundar muito porque né, é um pouco assim complicadinha... mas, é... cê vai ler, cê vai saber da

fofoca (E. - Encontro 1).

Figura 27

Diários de campo personalizados pelos participantes



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Em um curso de extensão em que buscamos linhas de fuga para afrontar o discurso de ódio, os discentes do Instituto Federal trazem a necessidade de vínculo e da amizade entre pares como estratégia de fortalecimentos. Nesse cenário, os diários personalizados por cada aluno foram rabiscados pelos colegas, receberam mensagens de acolhimento, brincadeiras e potencializaram uma parte significativa da experiência no curso de extensão. A maioria dos alunos sequer quis devolvê-los ao fim dos encontros, mas permitiram que fossem digitalizados. Muito mais do que para registro das suas vivências, o caderno foi um recurso de acolhimento às angústias, aos sentimentos e às vivências extramuros do instituto e do espaço educacional.

Em diversos momentos no curso foram evidenciados os debates que os alunos têm acerca de temáticas sobre gênero, sexualidade e raça. Isso advém das experiências que eles

têm no contexto educacional, em especial nos núcleos como NEABI²⁴, NAPNE²⁵ e Grêmios estudantis, que são propostas institucionais obrigatoriamente inseridas no ensino integrado profissionalizante. A existência desses núcleos é relevante ao contexto institucional, inclusive pelo fato de que proporciona espaços de discussão para que os estudantes desenvolvam seu pensamento crítico e engajamento com pautas associadas aos objetivos dos grupos. Assim como estratégia de enfrentamento, de afronte ao discurso de ódio, vínculos institucionais também começaram a aparecer, alguns dos estudantes do Instituto Federal que estavam matriculados no curso de extensão eram participantes dos núcleos supracitados. Não foi raro que de forma recorrente fossem citados(as) autores(as) como Bell Hooks, Paulo Freire, Karl Marx, dentre outros, que são discutidos nos espaços que os estudantes possuem nesses grupos institucionalizados.

Nesse contexto, a PI foi essencialmente importante ao passo que a construção dos diários de campo pelos próprios alunos e a produção das demais atividades relacionadas ao curso, como o mural da resistência, parte da restituição à escola, foram importantes para a integração do curso e, mais ainda, como suporte aos afetos e incômodos evocados pelas discussões dos alunos durante os encontros do curso e após eles.

Restituição escolar: a construção do mural da resistência

A restituição como parte do *ethos* metodológico desta Pesquisa-Intervenção possibilitou que os sujeitos partícipes desta pesquisa tecessem reflexões implicadas com a definição do que seriam discursos de ódio e como estes poderiam ser combatidos a partir do

²⁴ O Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) foi instituído pela Resolução nº 071, de 31 de julho de 2017, que aprovou o regimento interno dos Núcleos nos campi. Sua atuação é voltada para a promoção de ações afirmativas relacionadas à Africanidade, à Cultura Negra e à História do Negro no Brasil, em conformidade com a Lei nº 10.639/2003, bem como às questões indígenas, fundamentadas na Lei nº 11.645/2008. https://ifce.edu.br/itapipoca/campus_itapipoca/nucleos-institucionais/neabi.

²⁵ O Núcleo de Acessibilidade às Pessoas com Necessidades Específicas é um órgão permanente que tem como objetivo promover o acesso, a permanência e o sucesso educacional dos estudantes com necessidades específicas no IFCE. O núcleo também se dedica à assessoria no planejamento e execução de projetos de formação continuada para servidores, com foco na Educação Inclusiva, atendendo tanto à comunidade interna quanto externa do IF. https://ifce.edu.br/itapipoca/campus_itapipoca/nucleos-institucionais/napne.

território escolar. Neste curso de extensão, a restituição faz parte da composição de saberes potencializados pelas memórias, discursos e ações empreendidas por cada estudante durante a experiência vivida como um elemento essencial no processo do pesquisar COM a juventude e COM a escola.

De acordo com Lourau (1993), a concretude de restituir acontece quando isto é particular, quando o pesquisador se envolve pessoalmente, assumindo uma postura implicada e incluída no ato de pesquisar. Esse conceito sugere que a restituição deve ser intrínseca à pesquisa, transcendendo a etapa de redação final e evitando que seu valor beneficie exclusivamente o pesquisador e a academia.

Ao contrário de uma devolutiva tradicional, que geralmente acontece ao final da pesquisa com a apresentação dos dados analisados ao campo, a restituição busca trazer à tona conteúdos frequentemente silenciados ou omitidos. Essa abordagem, contudo, não se caracteriza como uma denúncia dirigida, mas como uma oportunidade de promover um diálogo público e institucional (Ribeiro et al., 2016).

No campo de pesquisa em tela, a possibilidade de restituição foi construída pelos discentes do Instituto Federal, ao passo que elaboraram a temática, desenvolveram os Murais da Resistência, colaram pelos corredores da instituição e apresentaram a proposta aos colegas que passaram pelos cartazes. A restituição aos participantes e à instituição escolar faz parte da processualidade da pesquisa (Aguar & Rocha, 2007), sendo realizada com os partícipes envolvidos, dedicando-se em um exercício que ampliou a consolidação democrática das produções relevantes para o ambiente, firmando um compromisso social.

Quando articulamos nos últimos encontros as possibilidades inter(in)ventivas de restituição à escola, nossa primeira preocupação era de que os alunos compreendessem o que é uma restituição e se, para eles, haveria relevância pensar no fim do curso como continuidade do que ali fora discutido em ações.

De que forma né até esse momento que a gente tá, chegando já no final do curso, vocês percebem que uma educação em direitos humanos pode influenciar pra conhecer essas questões que a gente tem falado sobre discursos de ódio, e o que a gente pode produzir através da educação? O que é ética e cidadania nesse contexto? De que forma a gente pode prevenir preconceitos, não só em ambientes virtuais, mas na escola, no nosso convívio e etc.? E aí a ideia de dar esse nome né de um “mural de resistência” seria justamente pra gente entrar em contato com essas questões. Para isso, a gente já tem a nossa caixa né de canetinhas, cola, tesouras, que vocês vão precisar, e também tem outros materiais que a gente trouxe também pra recortar e fazer colagens. Cês topam fazer? (Pesquisadora - Encontro 6).

Os alunos do curso de extensão se dividiram em quatro grupos, de acordo com a afinidade entre pares e pedi que cada um deles explicasse sobre a composição dos murais: “Eu queria que o grupo pensasse em uma fala só pra explicar o que vocês quiseram trazer com o cartaz, pode ser? 10 minutinhos só pra vocês pensarem”. (Pesquisadora - Encontro 6). Após as risadas e os comentários iniciais, o grupo 01 começou a expor os temas dos seus murais:

Tá, vai, vai... aqui a gente escolheu um tópico bem específico né: Paulo Freire, Bell Hooks e... resistência à ditadura. Aí a nossa ideia é militância, claramente no viés de esquerda, só que as bases né de pensamentos, Paulo Freire, Chico Buarque e o Milton Nascimento na época da ditadura, a Bell Hooks (E. - Encontro 6). E por que vocês escolheram esses? (Pesquisadora - Encontro 6). Porque primeiro foram os únicos que a gente achou [ri] (E. - Encontro 6). É porque a gente começou a ver e foi os que mais chamou atenção, e a gente foi pegando. (V. - Encontro 6). Aí tava gritando pelo Paulo Freire, aí eu achei a Bell Hooks e puxei de uma vez [ri]. (E. - Encontro 6). Enfim, é o que a gente gosta de discutir. (H. - Encontro 6).

Figura 28*Mural do Grupo 01*

Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Cada um dos grupos teve a possibilidade de utilizar giz de cera, lápis de cor, canetas hidrocor, recortes e colagens que foram mencionadas no decorrer das atividades do curso e que eles próprios nos enviaram quando explicamos a atividade, bem como bandeiras de movimentos sociais, poesias, trechos de músicas, fotos de artistas e autores. A última atividade foi pensada de forma conectada à primeira metodologia articulada com os estudantes, voltada à personalização dos seus diários. Entretanto, agora, o que seria construído deveria ser elaborado coletivamente e a partir das reflexões provenientes do curso de extensão. E agora aquilo que eles não compartilharam antes, fora do grupo, seria exposto nas paredes da sua escola e explicitado para os estudantes que não fizeram parte do cotidiano dos nossos encontros. O Grupo 02 descreveu sua produção:

Enfim, aí aqui a gente colocou resistência, porque não sabia o que escrever no meio.

(T. - Encontro 6). Ficou lindo. Mas o quê que é resistência pra vocês? Por que isso faz sentido? (Pesquisadora - Encontro 6). Gays, gays... resistência. Resistência é

qualquer forma de uma pessoa que é oprimida na sociedade se mostrar e ser, não se deixar ser oprimida por alguma coisa na sociedade, isso se aplica ao patriarcado [tosse com intenção de deboche] (T. - Encontro 6). [risos do grupo]. Aí enfim, aí aqui tem um coração gay, gay de novo, gay de novo, corações, e essa frase aqui que vocês têm que levar pra vida de vocês, que muita gente não... (T. - Encontro 6). Sabe. Ou não pratica, né? (G. - Encontro 6). Aquilo que é “Todos são iguais perante a Lei”, e enfim, aqui temos várias mãozinhas né pra indicar resistência, indicando povos de comunidades tradicionais, e enfim, gays também de novo... tem eu, feminismo, feminismo também que é uma resistência. (T. - Encontro 6). É a cor do teu cabelo, né? (Pesquisadora - Encontro 6). Sim, também, por isso sou eu... forma de resistência, feminismo, e é, é isso aí. E aqui tem mais gays ó (J. - Encontro 6) [risos do grupo].

Figura 29

Mural do Grupo 02



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

O segundo grupo traz muita ênfase aos movimentos sociais ligados ao gênero e à orientação sexual, temática cotidiana em nossos debates, inclusive pela percepção dos discentes sobre a vivência de pessoas LGBTQIAPN+ e a necessidade de resistência de afrontamento ao discurso de ódio para a nossa existência cotidiana. Em particular, observar a articulação da juventude acerca de experiências como essas me emocionou porque esta é uma

vivência muito diferente da que tive na mesma idade anos atrás. Sou uma mulher branca, cisgênero e compreendi tardiamente minha orientação sexual. Apenas na faculdade comecei a questionar minha orientação sexual e sem uma rede de apoio nos espaços que ocupei, muito menos na escola que acabara de sair antes de adentrar no meio acadêmico. Na sequência das apresentações, o Grupo 03 complementa a discussão:

Tá, esse desenho é o nosso Mural da Resistência, bem minimalista que eu gosto dessas coisas. Aí, bom, eu quis colocar com o que tava aqui na frase, inclusive eu que mandei essa frase pra você, que é “Os Direitos Humanos não são privilégios, são uma responsabilidade de todos”. Só essa frase em si já explica o contexto geral do que é os direitos humanos. Bom, a gente colocou uma bandeira bem LGBT, aí pra representar também a questão de que nós da comunidade a gente também merece ter os nossos direitos e que a gente ter os nossos direitos isso não significa que a gente vai tá obtendo privilégios, até porque isso é o nosso direito né, porque nós somos pessoas como qualquer outra, então a gente também merece ter respeito e enfim. E a gente também colocou esses livrinhos pra representar formas de pesquisas, pras pessoas poderem se aprofundar mais no assunto, que é bem importante, então eu acho que as pessoas devem procurar mais saber pra não ficarem falando tipo “ah vocês estão sendo privilegiados até certo ponto por serem da comunidade”, sendo que isso não é um privilégio, isso é uma coisa que é pra ser totalmente normal, e é isso. Também colocamos o símbolo da... do grupo Travessias, a minha equipe que é a N., a S., e eu Y. (Y. - Encontro 6).

Figura 30

Mural do Grupo 03



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Por fim, o Grupo 04 também fez a explanação sobre a sua produção:

Então né, a gente quis colocar sementes e flores, um termo que é da resistência. A gente também colocou aqui bem no centro duas frases que chamaram a atenção da gente, que é “Conscientização, educação para a cidadania...”, eu não tô conseguindo ler [viram o cartaz] É uma convivência ética no meio virtual”, e o outro é “Ser cidadão é lutar pela dignidade e igualdade de todos sem exceção”. Faltou um “t”, uns pontos ali, mas acontece. É, todos e todas. Desse primeiro, eu acho que o que mais me chamou atenção foi que realmente meio que essa conscientização, essa convivência não tem... é uma coisa que é uma ética, ou seja, é uma coisa que deve ser cobrada, ou meio que com uma rigidez maior. Eu acho que é uma coisa que já deve ter limite, digamos que é assim. Aí aqui a gente colocou algumas palavras, que foi “cidadania”, “direitos humanos” e “ética”, que já vão englobando aquelas frases. A gente também quis apresentar nossa extensão, as meninas fizeram. P1: E a gente colocou essas... colocamos o banner né do Travessias, e essas imagens aqui foi mais pra estética mesmo, mas as frases que têm nelas também são muito boas. Acho que foi

isso. (S. - Encontro 6).

Figura 31

Mural do Grupo 4



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2023.

Após o quinto encontro, houve as férias e combinamos que quando as aulas recomencessem iríamos expor os murais no Instituto. Quando retornamos, houve ausências, mas pelo menos três membros de cada uma das quatro equipes estava presente e saudosos do curso de extensão. Para recomencermos a conversa, questionei: “O que é que vocês entendem da palavra “restituição”?” (Pesquisadora - Encontro 7); “Qual a palavra? (T. - Encontro 7).) “Restituição. É mais fácil do que parece. É voltar.” (H. - Encontro 7). A partir da colocação de um dos estudantes, elaborei melhor a resposta:

Voltar, faz sentido. Quando a gente fala de restituir alguém, é receber de volta alguma coisa. Vocês fizeram parte do curso né, e como é um curso de extensão, tinham atividades que vocês iam produzindo ao longo do curso, além das discussões que a gente tinha aqui. Só que o que é que acontece? Esse espaço é um espaço da escola, e o que é que a gente precisa fazer? Trazer uma devolutiva da experiência de vocês pra escola. Cês lembram dos murais que vocês fizeram? [Grupo acena positivamente] (Pesquisadora - Encontro 7).

Nesse momento, houve a presença de um ex-aluno que não participou do curso de extensão e mudou de escola, mas pediu para acompanhar o último encontro do grupo. Em um dado momento, o jovem pediu: “Pode entrar?” (K. - Encontro 7). “Oi, boa tarde! Você é infiltrado, né moço? [risos do grupo]. Eu não lembro de você, mas pode ficar à vontade. Hoje é 13 de março e oficialmente é nossa última ação do curso” (Pesquisadora - Encontro 7). O aluno recém-chegado compartilha a relevância que ele percebe no curso de extensão, na parceria estabelecida com o instituto escolar e em especial com a psicóloga do instituto, que foi nossa ponte para o vínculo institucional e discente.

Eu acho que é muito importante para algumas pessoas que sofrem homofobia, que tem adoecimentos em saúde mental por causa dos preconceitos e discursos de ódio, acho super importante ter a psicóloga do instituto, mas também iniciativas assim. É super importante pensar sobre gênero, eu fui o primeiro presidente de grêmio aqui, eu fico orgulhoso de ver isso aqui e entrei pra dizer isso porque embora não esteja mais nessa escola, o grêmio, o fórum da diversidade e agora esse curso são importantes pros alunos daqui. [palmas do grupo] (K. - Encontro 7).

Após a entrada do adolescente, começamos a conversar sobre as experiências do curso e sobre a experiência construída, desde o início, por um território escolar atravessado por uma processualidade. O adolescente relatou ter organizado o II Fórum da Diversidade no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia, evento que participei em momento anterior à pesquisa e que foi mobilizador para que fosse essa instituição escolar que me escolhesse para que aqui fosse realizada essa discussão.

A gente olha pras paredes do IF e a gente vê intervenções né, falando sobre racismo, sobre homofobia, vocês organizam eventos em prol dessas discussões, então fazia sentido trazer pra cá esse curso, talvez em outra escola não fizesse tanto sentido [...] e, se não fosse a psicóloga do instituto, através dos estágios, dos estagiários né, que

foram quem primeiro foram observando essas demandas de trazer o curso pra cá, foi o que possibilitou que esse curso acontecesse (Pesquisadora - Encontro 7).

Figura 32

Colagem dos Murais da Resistência pelos discentes



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Nota: Ano de 2024.

Neste capítulo abordamos mais a processualidade desta Pesquisa-Intervenção, a partir de algumas estratégias empregadas por meio de dispositivos participativos. Nos primeiros momentos do curso de extensão foram lançadas as primeiras definições sobre o que eram discursos de ódio na perspectiva dos alunos do Instituto Federal, ao passo que no final dos encontros foi possível analisar uma articulação crítica proposta em função de problematizar o que foi dito ali, inclusive sobre temas complexos, como a ética e a cidadania, preconceitos vivenciados por eles próprios, como o racismo, o sexismo, a LGBTfobia, entre outros. A implicação pessoal dos participantes do curso de extensão redefine a sua compreensão sobre o que são e como são vivenciados tais discursos odiosos, e nos parece corroborar a perspectiva de Teixeira (2015) sobre a necessidade de uma compreensão multidimensional da produção de algo em comum, de forma que esta produção do comum permita uma recolocação de

problemas no campo a partir de uma elaboração coletiva.

Após o fim das atividades do curso, divulgamos um formulário de avaliação do próprio curso de extensão, no qual 23 dos 27 alunos que finalizaram a proposta puderam opinar sobre as ações, metodologias utilizadas, a equipe de facilitação, entre outros. Dentre os maiores questionamentos, perguntamos sobre a capacidade de percepção em relação aos discursos de ódio após o curso, ao que 60,9% (14) responderam ter aumentado com o fim da experiência. Sobre a capacidade de prevenção aos discursos de ódio a partir da escola, 56,5% (13) afirmaram que aumentou com a experiência do curso. Além disso, os discentes escreveram sobre como a escola poderia contribuir para o enfrentamento do discurso de ódio em exemplos, como: “[...] aplicando uma punição para pessoas que fizessem discurso de ódio.”; “Fazendo palestras sobre esse assunto.”; “Ficando mais perto dos alunos.”; “Colocando mais cursos desse tipo pra poder ajudar as pessoas e ajudar também a entender.”; “Sim, afinal é dentro da escola que desde muito novos somos socializados, se nos fosse ensinado sobre discursos de ódio desde o início, não seria tão difícil para muitos se adaptarem a isso.”; “Fazendo oficinas de cartazes, reuniões.”; “Palestras, atividades mesmo que tenha pessoas que não tão nem aí.”, entre outras respostas que orbitavam de forma consonante a estas sugestões.

Ao fim do curso, nós nos preocupamos em compreender de que forma as experiências construídas ali influenciaram o cotidiano dos adolescentes e sua percepção sobre o que são discursos de ódio e sua manifestação no cotidiano escolar. As respostas reforçam as definições colocadas pelos adolescentes ao fim do curso, quando definem discursos de ódio após a experiência do curso de extensão, como: “Tudo aquilo que é dito de forma pejorativa a colocar a vida de uma pessoa em risco.” ; “Qualquer ato que tire a liberdade do outro de forma violenta.”; “É quando a sua liberdade de existir é ameaçada ou subjugada por alguém.” “Discursos que têm o objetivo de menosprezar alguém.”; “Discurso de ódio são ofensas a

determinado grupo de pessoas.”; “[...] o ato de proferir mensagens que de alguma forma ofenda uma pessoa ou um grupo.”; “Discurso é quando algo que podemos ouvir esteja falando coisas q seja inadequadas como xingamentos.” E, ainda: “Discurso de ódio é uma argumentação cujo objetivo principal é ofender o participante dessa "conversa", visando menosprezar o próximo de acordo com os seus dogmas que lhe são contrariados.”; “Contra os direitos humanos.”; “É expressar a sua opinião de modo que ataque (de qualquer maneira) o outro.” E, por fim: “Discurso de ódio é a expressão verbal ou escrita que promove, incita ou legitima o ódio, a discriminação, a violência ou o preconceito contra indivíduos ou grupos com base em características como raça, etnia, religião, orientação sexual, gênero, entre outros.” Sobre os conteúdos ofensivos mais visualizados, Racismo, LGBTfobia, Intolerância religiosa e Violência ou Discriminação contra mulheres figuram entre os que os jovens mais perceberam on-line.

Ao questionar se perceberam discursos de ódio no âmbito escolar, 52,2% (12) informaram que sim. Sobre os exemplos que nos foram dados: “Me chamaram de Maria “escura”.” Racismo, xingamentos, homofobia, etc.” “Eram feitas "brincadeiras" na escola em relação à minha pessoa, brincadeiras relacionadas a minha aparência.” “Capacitismo, Racismo, Neonazismo, Neofascismo, etc.” Época em que sofria de obesidade infantil, sofri muito *bullying* devido à minha aparência. Obtivemos menos respostas, várias vezes os alunos responderam que não se sentiram confortáveis em responder.

As tessituras do campo e do pesquisar COM a juventude emaranham-se em reflexões nada simplórias empreendidas pelos participantes. Promovendo experiências compartilhadas com o campo, sejam as de violências e preconceito que muitos já sofreram, as quais em parte tive dificuldade de nomear, sejam as potencialidades do pensamento crítico que apresentaram, como findar essa vivência? A restituição à escola nos pareceu o caminho possível para atribuir significado e sentido à elaboração construída naquele coletivo.

Coordenada nº 5: Borrando Fronteiras entre *on-line* e *off-line*: Afrontando

Discursos de Ódio no cotidiano escolar

Este capítulo alinha-se aos dois últimos objetivos específicos deste trabalho, a saber: Tensionar como o contexto da pandemia de Covid-19 impactou no borramento de fronteiras entre online e offline e nos recrudescimentos de discursos de ódio em territórios educacionais; e analisar o engendramento dos discursos de ódio em práticas discursivas e suas possíveis formas de afrontamento no cotidiano escolar.

A discussão envolve o contexto sócio-histórico e político do período pós-pandêmico no Brasil, analisando a expansão de discursos de ódio em ambientes *on-line* e *off-line*. É necessário amplificar o debate sobre a violências nas escolas como reflexo dos efeitos de discursos de ódio na tessitura social contemporânea. O movimento de ação iniciado nesse território escolar foi espaço de elaboração da realidade vivida diante de discursos de ódio, sendo necessário que, em nossas análises, orientássemos a bússola de nossas leituras pela implicação do pesquisar COM a juventude e COM as experiências por ela vividas na escola.

A elaboração do curso de extensão, desde o início, teve algumas preocupações mais evidentes. Um dos maiores desafios seria: como construir a necessidade comum de implicação com o debate sobre o discurso de ódio no território escolar, considerando este como guarda-chuva que reúne preconceitos orientados a grupos historicamente silenciados e estigmatizados?

Explicar o que são discursos de ódio sempre o aproxima de preconceitos estruturalmente conhecidos e presentes em nossa sociedade há séculos, mas as definições sobre o próprio discurso injurioso, tal qual Butler (2021) nos aponta, é uma preocupação recente e que ainda demanda diferentes olhares epistemologicamente centrados naqueles que os vivenciam. A segunda preocupação foi sobre como estruturar um curso de extensão com foco nessa temática e com o devido cuidado sobre as temáticas sensíveis que ali seriam

debatidas. A escola sempre foi um espaço desafiador, mas agora, em especial após um contexto pandêmico e de isolamento social, a sociabilidade tem novos e importantes contornos que emolduram modos de subjetivação em diversidade. Uma terceira preocupação é que o espaço da nossa pesquisa foi em um Instituto Federal de educação, no qual coexiste o ensino médio integrado, subsequente e de ensino superior, o que significa que o espaço não é estritamente voltado para a juventude, mas para jovens em profissionalização.

Embora tenha minha trajetória profissional se consolidando no campo educacional, eu não participava do cotidiano no qual os estudantes estavam inseridos, eles não me conheciam e não havia um vínculo facilitador da adesão ao curso, exceto pelos estagiários que foram meus alunos extensionistas. Todas as inquietações anuviaram minhas percepções, a ansiedade foi o motor de mobilização do meu corpo no campo, até que, ao iniciarmos nossos encontros, nós (estudantes e facilitadores) não éramos assim tão estranhos. Embora boa parte nunca tenha parado antes para especificamente falar sobre o que são discursos de ódio, todos já experienciamos em pele, carne e sensação a injúria do discurso do outro sobre quem somos, parecemos e queremos ser e onde queremos estar no mundo.

Na Pesquisa-Intervenção, uma de suas principais ferramentas é a utilização de analisadores, que são acontecimentos capazes de expor os aspectos implícitos e não pensados da instituição. Esses analisadores surgem “naturalmente” no decorrer da pesquisa e conduzem a problematização das práticas e das relações no contexto grupal e institucional. É o acontecimento que impulsiona a reflexão crítica, e não uma ação conscientizadora imposta pela pesquisadora ou analista (Rocha & Aguiar, 2003; Aguiar & Rocha, 2007; Passos & Barros, 2000).

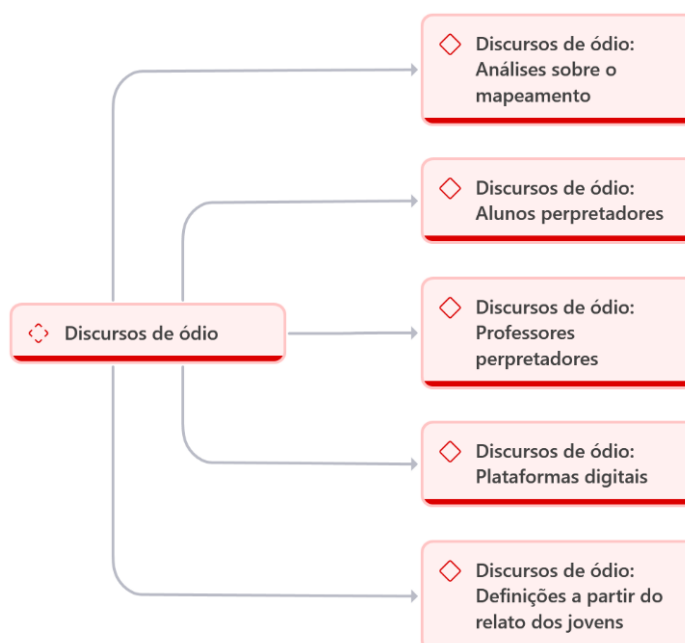
A construção coletiva dos analisadores da pesquisa delinear-se pelo interesse em compreender o que os estudantes entendiam como discurso de ódio. No entanto, não desconsideramos o caráter “guarda-chuva” que lhe atribuímos aqui em relação a preconceitos

historicamente construídos contra grupos vulnerabilizados, em razão de cor/etnia, gênero, orientação sexual, religião, deficiência e uma diversidade de outras dissonâncias sociais. Desse modo, os analisadores apresentados foram construídos coletivamente a partir do entendimento dos/das próprios jovens a respeito dos discursos de ódio.

Assim, os tópicos a seguir não se estruturam apenas pelos códigos apresentados, mas por seu conteúdo que transversaliza o tema em diferentes espaços e atores. A segmentação acerca dos discursos de ódio pode ser observada a seguir:

Figura 33

Rede de códigos associados aos discursos de ódio a partir do relato dos estudantes na escola



Fonte: Elaborado pela autora via Atlas.Ti. Nota: Ano de 2024.

A partir do exposto, a discussão empreendida neste capítulo estrutura-se relacionada aos analisadores que foram se constituindo no processo da pesquisa. Neste sentido falas, cenas, diários, poemas, desenhos e experiências analisadas foram agrupadas compondo a tessitura e a espessura das categorias abaixo: a) Discurso de ódio em plataformas digitais: Novos contornos à experiência no período pós-pandêmico; b) Narrativas do ódio e a construção de um comum no grupo com os jovens estudantes; c) Perspectivas da juventude

sobre as narrativas do ódio no chão da escola pública; d) Neoliberalismo e Educação: Como a competitividade amplifica discursos de ódio; e) Afrontes aos discursos de ódio a partir da juventude no território escolar. O destaque empreendido nesta tessitura discursiva volta-se à problematização de como os discursos de ódio borram fronteiras entre online e offline, confrontando as perspectivas teórico-metodológicas empreendidas aqui e fomentando reflexões sobre a realidade vivida a partir da escola.

Discurso de ódio em plataformas digitais: Novos contornos à experiência no período pós pandêmico

Estados e municípios brasileiros foram impactados substancialmente pelo contexto pandêmico da Covid-19 (Holanda et al., 2021) e a relação entre o aumento do número de casos de violência nas escolas, e os efeitos do isolamento social no contexto pandêmico da Covid-19 têm tomado espaço no cenário atual (Hsu & Tsai, 2022).

Sob esse viés, são diversos os fatores que podem ser considerados para tornar a violência mais presente no cotidiano escolar. Alguns que devem ser destacados são: a) Isolamento social: os estudantes estariam vivendo os efeitos pós-pandemia, resultado de meses convivendo fora das salas de aula e dependendo apenas da tecnologia para interações sociais; b) Exposição à violência: algumas crianças e adolescentes estiveram expostos à violência e a maus-tratos nos espaços familiares; c) Tecnologia: o acesso à Internet sem mediação de um responsável teria tornado mais fácil o consumo de fóruns da Internet, sobretudo na *deep web*, que disseminam ideias e conteúdos violentos; e d) Polarização: a partir desse período, 2018, passou-se a notar uma polarização entre a adoção ou não de medidas sanitárias durante a pandemia, além de uma polarização social e política no país, o que serviu de combustível para ideias extremistas entrarem em pauta²⁶.

²⁶ G1 Tocantins e TV Anhanguera. (2022, 31 de agosto). Violência nas escolas cresce e especialista alerta para reflexo da pandemia. *G1*. <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2022/08/31/violencia-nas-escolas-cresce-e-especialista-alerta-para-reflexo-da-pandemia.ghtml>

Além do exposto, podemos acrescentar que o cenário da polarização política brasileira, bem como da conjuntura pandêmica de isolamento social, impactou significativamente a esfera pública, inclusive evidenciando que ataques às escolas públicas que ocorreram após o período pandêmico possuíram relação com a manifestação de conteúdos ofensivos e discursos de ódio em plataformas digitais.

Nesse sentido, convém destacar que o combate à violência nas escolas passa pelo controle dos discursos de ódio na Internet. Esse debate supera questões teóricas e implica a construção de práticas de combate socialmente implicadas e politicamente construídas. Desse modo, como neste trabalho o espaço de destaque volta-se à juventude, é essencial construir estratégias que potencializam a realização de atividades voltadas para a redução de comportamentos discriminatórios e preconceituosos a partir da escola (Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP], 2023), visto que diferentes estudos destacam que a violência escolar se relaciona com contextos sociais globais, tem causas internas à escola e relacionadas às idades específicas, mas atinge indistintamente escolas públicas e privadas, além de se realizar com apoio das tecnologias digitais (Cerqueira et al., 2023).

Conforme temos defendido aqui, fenômenos subjetivos e sociais nesse contexto se intensificaram, durante e após a pandemia, inclusive no contexto de desterritorialização da escola, ao mesmo tempo em que escancarou a desigualdade social e sua relação com o acesso à Internet (Holanda et al., 2021). A (des)estruturação dos processos escolares mediante a virtualização da educação brasileira em tempos de pandemia apontou para um recrudescimento das desigualdades sociais atravessadas pelos contextos meritocráticos em populações vulneráveis diante de um perceptível desamparo institucional de Estado efetivo para o fortalecimento de condições equânimes de ensino para todos (Miranda et al., 2021).

Os resultados da pesquisa Resposta educacional à pandemia de COVID-19 no Brasil

(2021)²⁷, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), trouxeram dados sobre os impactos e as respostas educacionais decorrentes da pandemia, tais como o fato de que as escolas públicas sentiram uma necessidade maior de fazer a adequação de calendários e estratégias educacionais de ensino e aprendizagem. Em diálogo com os dados provenientes do período pandêmico, Moro e Vinha (2021) apontam para outros aspectos, além das perspectivas das aprendizagens, que precisam ser analisados, como uma maior vulnerabilidade emocional, decorrente da sobreposição de diferentes contextos, como a necessidade de adaptação da estrutura doméstica ao ambiente de trabalho dos pais e ao ambiente escolar dos filhos, que muitas vezes compartilhavam os mesmos equipamentos.

Eventualmente os alunos relembrou o contexto de isolamento social na pandemia da Covid-19, o que foi oportuno para entender sobre o tempo que passam conectados à Internet, como quando questionei: “Vocês percebem uma diferença, né, no tempo que vocês passavam no celular, antes da pandemia e agora? Aumentou ou diminuiu?” (Pesquisadora - Encontro 01). “[Grupo responde em uníssono] Aumentou”. “Oh... vocês já tiveram contato com discurso de ódio na internet?” (Pesquisadora - Encontro 01). “[Grupo responde em uníssono] Já. [risos do grupo]”. “Já, mas eu também fiz né.” (T. - Encontro 01). [risos do grupo]. A discente continuou explicando a situação em que ela havia proferido discursos de ódio online:

Não... oh, em minha defesa isso foi em 2020... tínhamos um presidente meio assim... aí eu fui lá no meu Instagram, tinha lá “ah o instagram de fulanin de tal”, fui lá e cliquei. Eu era uma pessoa de 13 anos, uma criança, mandei áudio, mensagem...

²⁷ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2022, 19 de julho). *Pesquisa Resposta Educacional à Pandemia de COVID-19*. INEP. <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/pesquisas-suplementares/pesquisa-resposta-educacional-a-pandemia-de-covid-19#:~:text=Ao%20todo%2C%2091%2C4%25,meio%20de%20uma%20apresenta%C3%A7%C3%A3o%20contextualizada.>

xinguei, falei, esculhambei...e faço isso até hoje né, tenho um instagram lá só pra fazer isso, pra essa pessoa em específico. Também fiz isso com a [inaudível]. É o... é o Bolsonaro [ri] [risos do grupo]. (T. - Encontro 01).

Entre risadas, os alunos começaram a se sentir mais confortáveis para contar suas experiências: “É... se liga na associação: 2020, tinha uma pessoa não tão legal assim na presidência...” (I. - Encontro 01).

*Já basta. A gente tava na pandemia... aí eu fui lá e discurssei ódio, botei todo o ódio pra fora, xinguei, xinguei, xinguei e xinguei... nunca eu xinguei tanto uma pessoa na minha vida como eu xinguei aquele... indivíduo que não deve ser chamado de indivíduo, porque coitado de todo mundo que se considera indivíduo. Aí o que é que acontece? Xinguei ele, o Olavo de Carv- Car*lho, Carvalho também. P1: Enfim, aí eu espero que ele tenha visto, não me arrependo [risos do grupo]. Aí eu ainda não me arrependi do que eu escrevi, eu quero me tornar uma pessoa melhor e me arrepender, mas é impossível se arrepender de xingar uma pessoa que imitou pessoas com falta de ar... é impossível você sentir dó de uma pessoa dessa. Mas enfim, eu ainda tenho ódio dentro de mim, faço terapia pra isso [ri] [risos do grupo]. (T. - Encontro 01).*

Abordarmos mais sobre o período pandêmico e o que vivenciaram naquele contexto, problematizando inclusive a função da escola e o acesso à Internet nesse período, direcionei o grupo questionando sobre o que se lembraram do ano de 2020. Ao que alguns responderam: “Eu só lembro que tinha o governo pra gente reclamar.” (D. - Encontro 04). “Pra mim a pandemia passou tão rápido, eu gostava da pandemia porque tinha tempo pra folga.” (T. - Encontro 04). “Mulher e as pessoas morrendo?” (G. - Encontro 04). “Eu nem sabia, pra mim tanto faz. (T. - Encontro 04). [risos do grupo]. “Eu lembro do desgoverno.” (Y. - Encontro 04). “Morte... Pronto, eu lembro de morte.” (N. - Encontro 04).

De acordo com Moro e Vinha (2021), durante o período pandêmico os estudantes

perderam espaços de lazer e tiveram forte redução do convívio com colegas. Foi se perdendo a relação com pessoas que não eram amigos próximos ou pertencentes à família, pessoas que são vistas com menor frequência. Essa redução do convívio com colegas, com os pares da turma escolar, pode ter provocado um sentimento de não pertencimento, de afastamento de amigos, solidão, inadequação social e aumento da “inabilidade social”.

A maioria dos adolescentes partícipes da pesquisa disse não lembrar do período de isolamento social, ao passo que uma integrante do Travessias respondeu: “Eu acho que... a pergunta que você já fez né que eu ia responder, que é o aumento do uso da Internet. A gente já usava, mas durante a pandemia teve um uso assim.” (Integrante do Travessias - Encontro 04). A partir dessa fala, eles começaram a comentar sobre o aumento do uso de internet: “É... o aumento do uso das telas. A luz de tela né, que aí é uma coisa diferente pra além da internet, muito bem.” (M. - Encontro 04). “Eu lembro do medo. Lembro de ter muito medo. Sei lá, é porque eu tinha medo de morrer.” (G. - Encontro 04). Tentei mediar a situação, respondendo aos alunos que:

É, realmente é mais complicado porque a gente falou... a pandemia foi uma questão social de saúde pública, mas ao mesmo tempo, além dos impactos de pensar que a gente poderia morrer, nossos familiares, nossos amigos, as pessoas que a gente quer e quis bem... pra além disso, o quê mais que aconteceu durante a pandemia? E o que é que isso pode ter a ver com socialização? (Pesquisadora - Encontro 04).

Ao que os alunos responderam: “Eu lembro que na época da pandemia meio que ficou popular todo mundo criar grupo on-line com amigos, com colegas pra jogar *on-line*”. (E. - Encontro 04). “Tipo *Discord*, pra jogar *Among Us*, *Gartic...*” (T. - Encontro 04). “Eu jogava. Ai era muito bom.” (C. - Encontro 04). “Porque ninguém podia sair, não podia se encontrar direito, então a gente meio que acabava criando grupos pra ficar jogando até... 3 horas da manhã” (T. - Encontro 04). “Mas a gente-... justamente, a gente passou pelo isolamento social

né, que não é só o isolamento de cada um na sua casa, a gente ficou bem mais solitário... ou vocês não sentiram isso?” (Pesquisadora - Encontro 04). “Eu senti porque eu fiquei assustada, né vei” (G. - Encontro 04).

O debate acerca do período vivenciado evocou diferentes reflexões, fossem enfatizando certa indiferença e apatia, fosse o medo. São inúmeros os efeitos psicológicos negativos vivenciados pela juventude em decorrência do período pandêmico, tais como: dificuldade de concentrar-se, irritabilidade, tédio, perturbações no sono, transtornos de humor e ansiedade, que pode ser manifestada de diferentes formas, tais como: choro fácil, condutas agressivas e autolesões. (Moro & Vinha, 2021).

Ainda sobre o debate sobre a experiência vivida durante a pandemia da Covid-19, questionei se nesse período houve aumento ou diminuição dos discursos de ódio que os estudantes perceberam on-line e em quais contextos? Prontamente começaram a responder: “Aumento.(H. - Encontro 04).” “Por causa de Política.”(E. - Encontro 04). “Ah, voltando pra... pro *Now United*, aí na época [inaudível], aí quanto mais entrava na pandemia, mais aumentava, houve até discurso de ódio em relação a isso, eles ficavam falando mal do grupo na Internet [inaudível].” (M. - Encontro 04). “Aí acaba que pra criticar alguém não precisa ser discurso de ódio.” (G. - Encontro 04).

Eu acho que houve um aumento de discurso de ódio nesse período, porque antes a Internet era um lugar muito nichado, porque até... antes era muito mais utilizado por adolescente, é... galera um pouquinho jovem e essas coisas. Aí como a gente tava em época de pandemia, todo mundo teve que migrar pelo menos um pouquinho da vida pra Internet como a gente não podia socializar, a gente não podia sair. E eu lembro que uma das coisas que era mais abordado nesse período, pelo menos aqui no Brasil, era em relação à política (V. - Encontro 04).

Podemos problematizar tal questão se considerarmos os efeitos da domiciliação da

escola no contexto pandêmico da Covid-19. Tendo em vista que nesse contexto o meio virtual tornou-se substitutivo do cotidiano e da interação escolar para os adolescentes no período de isolamento social, tornou-se necessário discutir fenômenos como discurso de ódio e preconceito por meio dos atravessamentos entre o âmbito *on-line* e *off-line*.

Com o isolamento social durante a pandemia da Covid- 19, a Internet se tornou um espaço muito mais interessante do que a escola, na perspectiva dos alunos, ainda que eles tivessem a percepção crítica de que o acesso a smartphones, computadores e à própria Internet não foi ofertado a todas as pessoas da mesma forma. Outro aluno traz uma contribuição muito relevante à discussão e às nossas análises:

Um negócio que a gente viu ontem na aula, foi sobre a desigualdade que teve durante a pandemia, que por exemplo, gente que tinha acesso aos meios de comunicação, gente que tinha acesso aos jogos on-line e tinha gente que não. E isso afetou também a situação da educação, se a senhora tivesse um celular e eu não, a senhora poderia ver suas aulas e eu não teria acesso à educação, a senhora teria acesso às redes sociais pra poder se comunicar com as pessoas e eu não. Então eu acho que isso impactou também [...] (H. - Encontro 04).

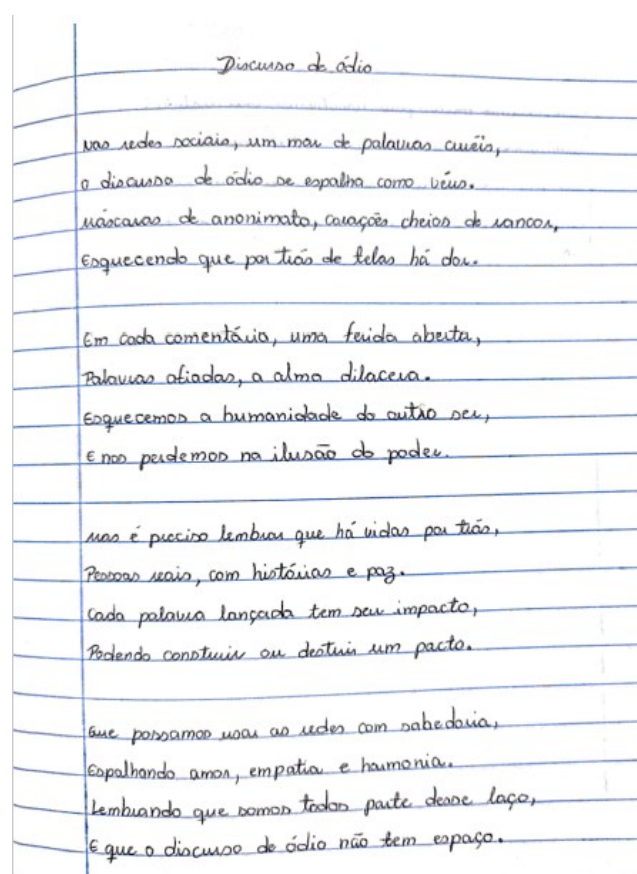
A percepção sobre desigualdades sociais e como estas impactam o acesso ao Ensino Remoto Emergencial durante o período da pandemia de Covid-19 corroboram uma conjuntura na qual o ensino público brasileiro sofre com sucessivos ataques. Após o curso, 80% (20) dos estudantes afirmaram ter percebido comentários violentos ou preconceituosos on-line, tais como: “Já recebi comentários preconceituosos por ser ateu, por ser mulher e jogar on-line, e também por ser lésbica.” “Foram casos de racismo, homofobia e capacitismo.” “[...] muito racismo, comentários transfóbicos sobre minha pessoa, e racismo com outras pessoas.” “Racismo, Homofobia, Xenofobia, etc.”

O dentro e fora, *on-line* e *off-line*, borram fronteiras e atravessam experiências

intensificadas em período pandêmico, elaboradas coletivamente agora em contexto presencial pós-pandêmico no contexto da proposta do curso. Um insulto pode iniciar no chão da escola e continuar de forma virtual e vice-versa porque tratam de vivências que compreendem um cotidiano compartilhado dentro e fora do espaço escolar. As narrativas construídas e compartilhadas a cada encontro do curso surpreenderam pela forma que a juventude elabora as questões apresentadas. Elaborar as provocações sobre a temática do curso de extensão ultrapassaram o convívio intragrupo. As respostas e colocações sobre o que são discursos de ódio e o que estes provocam na pele, no corpo e nos afetos foram motor de intervenções poéticas, fossem através de poesias ou desenhos, tais como o exposto a seguir:

Figura 34

Poema de Y. sobre o que é discurso de ódio



Fonte: Diário de Y. sobre o Encontro 2. Nota: Ano de 2023²⁸.

²⁸ Y. [Participante do Curso de Extensão]. (2023). *Discurso de Ódio*. Diário de Campo [Produzido no Curso de Extensão].

O poema foi escrito e lido em um dos encontros do curso de extensão por uma das alunas do instituto em resposta à questão sobre como poderiam definir o que é discurso de ódio. Nessas produções os próprios estudantes demonstraram compreender que a experiência do discurso de ódio rasga fronteiras entre online e offline, como quando Y escreve: “[...] Em cada comentário, uma ferida aberta; palavras afiadas, a alma dilacera. Esquecemos a humanidade do outro ser e nos perdemos na ilusão do poder; mas é preciso lembrar que há vidas por trás, pessoas reais [...]”. E, ainda, “[...] O discurso de ódio se espalha como véus, máscaras de anonimato, corações cheios de rancor, esquecendo que por trás das telas há dor.” A escrita afetiva foi potencializadora da compreensão de sentimentos e sensações importantes expostas no grupo e que mobilizou os demais estudantes a se colocarem e trazerem suas experiências, fossem como agentes de discursos de ódio ou vitimados por sua interlocução.

Ao iniciarmos o curso de extensão, esperávamos que a percepção dos discursos de ódio fosse engendrada de forma mais ampla em ambientes virtuais. Entretanto, a partir do que foi evocado em campo, foi possível analisar que não o chão da escola pública não é indissociado à esfera virtual da vida cotidiana dos discentes. E, além disso, que eles também articulam formas de afrontamento pela própria linguagem, percebendo a apropriação de termos utilizados por indivíduos preconceituosos para proferir preconceito como forma de resistência.

Narrativas do ódio e a construção de um comum no grupo com os jovens estudantes

Durante o curso de extensão, percebemos que dos 27 alunos que finalizaram a

Transcrição: Nas redes sociais, um mar de palavras cruéis/ O discurso de ódio se espalha como véus/ Máscaras de anonimato, corações cheios de rancor/ Esquecendo que por trás das telas há dor. Em cada comentário, uma ferida aberta/ Palavras afiadas, a alma dilacera/ Esquecemos a humanidade do outro ser/ E nos perdemos na ilusão do poder. Mas é preciso lembrar que há vidas por trás/ Pessoas reais com histórias e paz/ Cada palavra lançada tem seu impacto/ Podendo construir ou destruir um pacto. Que possamos usar as redes com sabedoria/ Espalhando amor, empatia e harmonia/ Lembrando que somos todos parte desse laço/ E que o discurso de ódio não tem espaço.

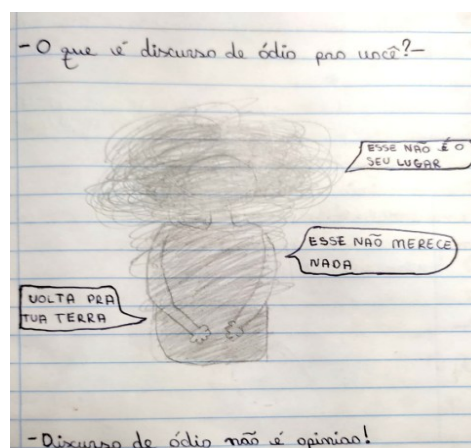
experiência, nem todos participaram da pesquisa de mapeamento sobre o que é discurso de ódio que apresentamos anteriormente (Ver tópico *Pesquisa “ A Juventude tá on!: O que é discurso de ódio em redes sociais*). Tal fato torna-se relevante tendo em vista que foi possível colocar em diálogo frente aos dados que os demais alunos do instituto responderam. A pergunta que fizemos logo no início do primeiro encontro do curso de extensão foi sobre o que seria, para eles, discurso de ódio. A seguir, algumas das respostas: “Discurso de ódio seria qualquer fala que tem tom de agressividade ou não, que cesse de alguma forma o direito de falar, agir e expressar de um indivíduo, seria qualquer fala que cesse os direitos de alguém, no caso de vida, de expressão, de agir [...]” (V. - Encontro 1).

Bom, eu acho que o que seria o discurso de ódio? Eu acho que... discurso de ódio chega tipo... tá ligado a liberdade de expressão? Onde é falado que a sua liberdade de expressão acaba quando acaba o direito de outra pessoa. Eu acho que discurso de ódio é a partir do momento que você... é... profana algo que já tá infringindo o direito da pessoa [...] (H. - Encontro 1).

Foram poucas respostas de início, mas quando perguntei se já vivenciaram alguma situação relacionada a discursos de ódio, os estudantes começaram a dar mais exemplos, inclusive por meio de desenhos, como o feito por C.:

Figura 35

Desenho de C. sobre o que é discurso de ódio



Fonte: Diário de C. sobre o Encontro 2. Nota: Ano de 2023.

As formas de expressão sobre o que eram discursos de ódio na perspectiva dos sujeitos que ocuparam o território escolar e esta pesquisa, enunciaram a necessidade de mobilizar práticas em torno daquilo que rasga o próprio discurso, transformando a experiência no corpo e na expressividade da arte, seja em desenhos, poemas. Para o grupo mais importante de uma definição do que seria o discurso de ódio, trazidas timidamente por H e V, era dizer como o sentem. Não por acaso, a cada encontro, importantes experiências foram narradas e construídas coletivamente. Contribuindo com essa reflexão, nas palavras da estudante que apresentou o desenho da Figura 35:

Eu fiz essa ilustração porque, pra mim, quando eu tava pensando em como representar... falar sobre o que é o discurso de ódio, é... eu não me expressei em um texto né, eu acho que não dava pra demonstrar em palavras o que o discurso ódio ele é, assim, ou o que ele leva, tipo assim quando as pessoas sofrem isso, entendeu? É, então eu resolvi desenhar uma pessoa que está com a mente confusa e com vários discursos que na minha opinião são de ódio. E uma frase né, que “opinião não é discurso de ódio (C. - Encontro 2).

O debate sobre questões de gênero e sexualidade aparecem reiteradamente nas colocações dos adolescentes, como por exemplo no trecho: “Tem uma amiga minha que ela é hétero, e ela raspou o próprio cabelo. Por conta disso, até hoje o pessoal ainda fala “ai aquela sapatão” [inaudível]. Não era pra acontecer, mas acontece...E aí... e isso foi uma questão. Eu já presenciei também [risos do grupo].” (S. - Encontro 2).

[...] e eu tava [inaudível] mulher, e essa pessoa trabalha aqui na (empresa localizada nos arredores do instituto), e aí como eu vinha pra cá, a gente vinha tudo junto, e aí a gente conversando e tal sobre... e nisso a pessoa pegou e soltou “cara, tipo eu não sou né, eu sou normal, só que eu não tenho nada contra quem é”. Só que a pessoa não se tocou do que ela falou, aí depois eu fui pegando assim e ela “não, calma, não foi

nesse sentido, eu não quis falar normal no sentido de errado”. Enfim, ela soltou essa frase e é a mesma coisa, problemática, só que a pessoa se desculpou. Mas mesmo assim, é uma frase bem... “eu sou normal”. O que é que é normal né? E a pessoa sai rindo, repetindo a frase e eu “tá bom, vou nem dizer nada”, mas fica aquela vergonzinha ali que tem que ser digerida (F. - Encontro 2).

Chama-nos atenção a percepção que a juventude aponta sobre as experiências vividas dentro e fora da escola, questionando inclusive a ideia de uma suposta normalidade em relação à sexualidade, trazendo vivências dentro e fora dos muros escolares, pois afinal o discurso de ódio mapeado por eles estaria em toda parte. No movimento do próprio encontro e na interação entre os participantes, fui percebendo o quanto as produções e os relatos foram mobilizando os alunos, mobilizando questionamentos sobre a vivência dos discursos de ódio no seu cotidiano escolar.

Na atualidade, tais manifestações se relacionam com a publicação e o consumo de conteúdos nocivos on-line, tais como discursos de ódio. Butler (2021) aprofunda suas reflexões sobre a construção subjetiva do sujeito a partir da linguagem, defendendo o potencial de apropriação dos discursos de ódio. Para a autora, todo discurso, inclusive o de ódio, deveria ser encarado como perlocucionário, por sempre existir um lapso temporal entre a fala e o seu efeito. Em sua visão, “[...] o discurso está sempre, de alguma forma, fora do nosso controle” (Butler, 2021, p. 34). Ao analisar o discurso de ódio, Butler sustenta que uma das primeiras formas de injúria linguística é ser chamado de algo, mas a interpelação (ser chamado de um nome) também é uma das condições pelas quais o sujeito se constitui na linguagem. Nesse contexto, uma pessoa não está simplesmente restrita ao nome pelo qual ela é chamada, podendo esboçar duas reações: i) ser menosprezada e humilhada; ou ii) adquirir, paradoxalmente, certa possibilidade de existência social, podendo ser produzida uma resposta inesperada, que oferece possibilidades (Butler, 2021).

Butler (2021) trata do discurso de ódio em suas várias modalidades. A linguagem ferenos, segundo Butler, porque somos seres linguísticos, seres cuja existência social e subjetiva deriva de processos de reconhecimento e interpelação, nos quais a nomeação de si e do outro desempenha funções essenciais. Por isso: [...] ser chamado de forma injuriosa não é apenas abrir-se a um futuro desconhecido, mas desconhecer o tempo e o lugar da injúria, desorientar-se em relação à própria situação como efeito desse discurso. O que se revela no momento de tamanha ruptura é exatamente a instabilidade do nosso ‘lugar’ na comunidade de falantes (Butler, 2021, p. 15-16).

Sob esta análise, Butler (2021) elabora o que são discursos de ódio, considerando as relações entre a linguagem, as ações e os corpos dos que odeiam e dos que são odiados. Desse modo, as forças ilocucionárias e perlocucionárias presentes em insultos, ofensas e ameaças e as circunstâncias históricas em que essas violências de linguagem foram produzidas. Sua abordagem crítica de atos de fala do discurso de ódio compreende uma consistente reflexão sobre identidades e diferenças entre a linguagem e as ações, questionando tal relação da seguinte forma: “A linguagem poderia nos ferir se não fôssemos, de alguma forma, seres linguísticos, seres que necessitam da linguagem para existir? A nossa vulnerabilidade em relação à linguagem é uma consequência da nossa constituição em seus termos?” (Butler, 2021, p. 12).

O problema do discurso injurioso levanta a questão sobre quais são as palavras que ferem, quais as representações que ofendem, sugerindo que nos concentremos nessas partes da linguagem que são enunciadas, enunciáveis e explícitas. Uma pessoa não está simplesmente restrita ao nome pelo qual é chamada. Ao ser chamada de algo injurioso, ela é menosprezada e humilhada. Portanto, o chamamento injurioso pode parecer restringir ou paralisar aquele ao qual é dirigido, mas também pode produzir uma resposta inesperada e que oferece possibilidades. Se ser chamado é ser interpelado, a denominação ofensiva tem o risco

de introduzir no discurso um sujeito que utilizará a linguagem para rebater a denominação ofensiva. Quando o chamamento é injurioso, exerce sua força sobre aquele a quem fere. Assim, a injúria linguística fere o injuriado, mas não da mesma forma que o ataque físico; contudo, isso não significa a inexistência de uma dimensão somática dos efeitos da ‘dor linguística’. O discurso de ódio fere o seu destinatário em sua alma, mas também no seu corpo. A linguagem sustenta o corpo por ser interpelada nos termos da linguagem que certa existência social do corpo se torna possível “[...] os nomes pelos quais o sujeito é chamado parecem incutir o medo da morte e a incerteza acerca de sua possibilidade de sobreviver” (Butler, 2021, p. 18).

A violência pela linguagem não é a própria violência física, é em si mesma uma violência e não uma sua mera representação. E, ainda, concorre direta ou indiretamente e de diversas formas para sua execução, negando de modo análogo à agressão corporal, a linguagem aos violentados, recusando, assim, reconhecer integralmente sua própria condição humana (Butler, 2021).

Ainda assim, a injúria linguística parece resultar não apenas das palavras utilizadas para se dirigir a alguém, mas também do próprio modo de endereçamento, um modo – uma disposição ou um posicionamento convencional – que interpela e constitui o sujeito (Butler, 2021). On-line e off-line que, por vezes, borram-se e se atravessam. Um insulto pode iniciar no chão da escola e continuar de forma virtual e vice-versa.

Perspectivas da juventude sobre as narrativas do ódio no chão da escola pública

Apesar do nome do curso fazer alusão ao mundo *on-line*, e pela sua própria experiência esta ter sido seu mote inicial, as inquietações trazidas pelo/as jovens se espriam do on-line para o off-line, onde o cotidiano escolar, aos poucos, foi ganhando maior destaque. Ao se referirem ao seu cotidiano escolar, parece ser este o espaço em que compartilham experiências sobre os discursos de ódio: “Caso vocês não tenham percebido, aqui o IF é muito

8 ou 80, ou aqui tá muito calmo e todo mundo tá bem entre si, ou tem sempre alguma coisinha acontecendo aqui ou ali, seja de professor e aluno, seja de aluno e aluno né...” (N. - Encontro 1). “Na maioria das vezes é a segunda opção [ri] [risos do grupo]” (Y. - Encontro 1).

No entanto, o discurso de ódio que aos poucos os/as jovens traziam de sua vivência não era exclusivo do Instituto Federal. Dentre as respostas sobre vivências com discursos de ódio, (F. - Encontro 3) relatou em seu diário que em sua antiga escola surgiu um perfil de fofocas sobre a instituição: “Eu só fiquei sabendo quando o caso ficou bem sério, nesse perfil inventaram uma coisa muito ruim sobre uma docente da escola [...] essas mentiras contadas por uma pessoa por trás de um celular fez com que ela e a instituição inteira ficasse bem abalada.” (F. - Encontro 3). Em diálogo com o relato, foi anexado um desenho, a partir da provocação sobre o que é discurso de ódio.

Figura 36

Desenho de F. sobre o que é discurso de ódio



Fonte: Diário de F. sobre o encontro 3. Nota: Ano de 2023.

Diante das provocações sobre temáticas relacionadas à manifestação de discursos de ódio, semanalmente propomos metodologias de participação *in loco* para os alunos, o que resultou em diferentes produções, como as que estão expostas aqui. Desde o primeiro encontro, os alunos foram questionados sobre onde tinham ouvido falar da expressão com o intuito de inserir o debate sobre o espaço virtual, entretanto, as respostas dos adolescentes

fomentaram o seguinte diálogo: “Quem aqui nunca tinha ouvido falar dessa expressão ‘discurso de ódio’ até ver as coisinhas do curso? Teve alguém que nunca tinha ouvido falar antes? Não? Cês lembram em que momento vocês tiveram contato com isso?” (Pesquisadora. - Encontro 1). Os estudantes começaram a responder e ao mesmo tempo: “Acho que na internet” (S. - Encontro 1). “O tempo todo” (V. - Encontro 1). “Onde?” (Pesquisadora. - Encontro 1). “Aqui mesmo na escola. Nota de repúdio contra o discurso de ódio. Várias.” (V. - Encontro 1). “ Teve isso aqui mesmo?” (Pesquisadora. - Encontro 1). “[Grupo responde em uníssono] Teve”.

Ao se voltarem para uma percepção sobre suas vivências com discursos de ódio na escola, membros do grupo se entreolham e relembram ocasiões em que os agentes destes discursos proferiram manifestações preconceituosas no espaço escolar.

Quando os professores são os agentes

A percepção dos alunos sobre discursos de ódio assumiu os contornos do território escolar tão logo quanto eles mostraram-se mobilizados a perceber suas vivências, a compreender que suas experiências não ocorreram apenas em ambientes virtuais. De forma mais complexa, a partir da tessitura das falas compartilhadas sobre o espaço que compartilham, o curso de extensão passou a mobilizar também memórias e questionamentos sobre a experiência com discursos de ódio e suas facetas dentro e fora da escola, como nos trechos a seguir: “Teve um professor que sofreu racismo”. (C. - Encontro 01). “Teve um professor que sofreu e outro professor que provocou. E não só racista, ele conseguiu juntar é... homofobia, gordofobia... tudo junto [...]” (I. - Encontro 01). Nos diálogos provocados, os estudantes analisam que em situações nas quais os indivíduos proferiram discursos de ódio, estes não costumam ser direcionados a apenas um marcador social específico. Perguntei se os demais estavam cientes das situações com o professor em questão e me surpreendi com a confirmação majoritária de todos os estudantes presentes. Pedi para que os adolescentes

dessem mais exemplos sobre esta e outras ocasiões que lembrassem, ao que eles responderam da seguinte forma:

Acho que a maior parte do povo aqui de [nome do curso integrado foi suprimido] sabe, mas isso se espalhou pelo resto do campus. Cara, a gente tem aula... tinha aula com o professor e... no meio das aulas ele fazia piada, tipo... com pessoas, e dependendo tipo falava piadas racistas, falava coisa homofóbica, no meio da aula mesmo (I. - Encontro 01).

No conteúdo que os alunos trouxeram, eles próprios foram aos poucos percebendo que os sujeitos que proferiram discursos racistas, também eram homofóbicos, gordofóbicos e misóginos sem qualquer pudor. Ao passo que o primeiro aluno começou a contar sobre as situações, vários começaram a falar em seguida, alguns dos presentes haviam sido uma parte dos que sofreram preconceito nas histórias que foram contadas e lembro que me arrepiei ao ouvir os relatos. O arrepio não foi por sentir surpresa que infelizmente situações como essa aconteçam no espaço escolar, mas pela quantidade de alunos relatando terem sofrido com discursos de ódio provenientes de mais de um professor no ambiente que deveria promover segurança aos adolescentes. E, ainda, o confronto com isso me colocou em um lugar de desconforto por não saber como agir naquele momento. Eu gostaria de procurar a direção, colocar as denúncias realizadas ali como solicitação de medidas contra o professor ou os professores em questão, mas seria esse o espaço do curso de extensão? O ambiente seguro que começou a se formar ali sofreria com que consequências se eu buscasse a tutela institucional para aliançar o que foi colocado ali a uma represália? Respirei fundo, tentei ouvir mais e silenciar meus pensamentos. Talvez meu incômodo naquele momento é que o agressor que profere discursos de ódio seja justamente um professor. Qual o meu papel enquanto docente? E como pesquisadora?

Os alunos continuaram contando situações com o mesmo professor: “ Ele tava fazendo

chamada, aí... pronto, ele tava fazendo a chamada, ele olhou pra uma das [meninas com o mesmo nome na turma] e falou: ‘Você é a única Maria Clara que é escura’, aí...puxou, e depois disso ele pegou muita... como é o nome... marcação com essa pessoa” (M. - Encontro 01). Quanto mais alguns falavam, mais outros iam contando sobre outras situações:

Não... ah, teve pior, teve muito pior [risos do grupo]. A gente tava na sala, e aí a gente pediu uma fita pra ele... pra gente grudar o desenho na mesinha, aí ele rebolou a fita, bateu no peito da garota... ele só rebolou, ele tava tipo no... lá no começo da sala, a pessoa tava no final, e ele só rebolou a fita e bateu no peito da pessoa. Enfim, essa pessoa já tinha repetido a matéria... tipo, mais de uma vez... aí... aconteceu que em tal momento tipo essa pessoa não tava conseguindo... fazer né o desenho e tal, aí o professor foi e falou que não adiantava de nada ele... ficar levantando... essa pessoa ficar levantando peso na academia, num foi? Sendo que ele continuava... Gordo e burro. (P. - Encontro 01).

As situações acontecem e se repetem em diversas turmas, por exemplo quando os alunos, em grupo, conversam sobre vários incidentes: “Ele quebrou o celular de uma aluna, no meio da aula dele” (S. - Encontro 01). “Então... ele é... violento” (N. - Encontro 01). “Ele... não, nas aulas tipo... que a gente tem aula prática, ele simplesmente coloca os meninos: “Ah, os meninos vão fazer isso e isso”, aí do nada vira pra alguma menina e ‘Ah, varre aí, é teu dever’” (M. - Encontro 01). “Ele faz essas piadas” (G. - Encontro 01). “Ele chamou tipo... terminou o experimento no laboratório... mandou outro menino que eu... um menino aí... pedir, trazer a vassoura...Tava cheio de menino na sala” (S. - Encontro 01). Sim, tipo, trouxe a vassoura na fila da merenda: “Ei, o professor tá chamando alguma menina pra varrer o laboratório” [faz voz de indignação] (N. - Encontro 01). “E ele ainda fala: ‘É dever de vocês, que é coisa de mulher e não coisa de homem’” (S. - Encontro 01). As falas ficaram localizadas em um professor com manifestação racista, gordofóbica e misógina. Ainda que

tenham ocorrido denúncias, ouvidoria e assistência estudantil contra este professor, nenhuma represália institucional ocorreu, a não ser o fato de que ele tenha sido retirado das disciplinas com a turma em que a maior parte dos episódios ocorreu.

As falas misóginas e preconceituosas do professor, inclusive o fato de os alunos autodeclarados homens terem se calado parte do tempo durante as denúncias, reverberam que o espaço escolar é atravessado por dimensões que não são oriundas dele próprio, mas que reverberam como uma caixa de ressonância, tais como a misoginia. A escola é um local onde os alunos podem vivenciar conflitos, discurso de ódio e discriminação. Tais experiências representam riscos para o desenvolvimento psicossocial dos alunos envolvidos e da comunidade escolar em geral, ainda que não exista amplo conhecimento sobre o que são determinantes da perpetração do discurso de ódio por adolescentes nas escolas e sobre os quadros teóricos que ajudam a explicar porque é que os adolescentes se envolvem nele. (Wachs et al., 2022). Dentro da escola repercutem valores, ideias e ideologias pertinentes ao todo social, inclusive aliançadas a uma conjuntura sociopolítica em que o conservadorismo perpetua preconceitos estruturalmente organizados para manutenção de desigualdades que privilegiam um tipo de sujeito especificamente moldado à imagem e semelhança da intolerância.

Quando os alunos são os agentes

Os discursos de ódio não são observados apenas entre professores e discentes, questionei isso nos encontros: “Tu [direcionado a um dos participantes] acha que se fosse tipo numa sala de aula fazendo referência a esse tipo de discurso era mais comum ou menos comum? (Pesquisadora - Encontro 01). “Em sala de aula? “Tipo assim, tem...” (V. - Encontro 01).” “Seria mais comum quando não necessariamente é diretamente” (S. - Encontro 01). “Tem... é... essa questão, tipo tem gente daqui que eu conheço, não vou citar nomes, mas tem gente que eu sei que comenta em grupinho. Não é de tipo comentar assim pra todo mundo

escutar, mas tem o grupinho dessa pessoa que eles comentam entre si” (V. - Encontro 01).

Em outro momento de um encontro posterior, os alunos retomaram o tema: “Eu lembrei muito daquela questão das frases fazendo referência ao que tem no banheiro, que tem gente que ainda coloca a turma e o nome da pessoa, aí espalha” (E. - Encontro 02). Outra pessoa continuou, complementando:

*Na minha antiga escola tinha isso. Lá na minha antiga escola no fundamental, no banheiro feminino em cada cabine que tinha as portas, lá era a porta escrita inteira de xingamento. Tipo assim, lá elas não colocava o nome, às vezes colocava, mas a maioria era tipo... vamos supor um exemplo, você é a Rochelly né, aí... [falando com um integrante do Travessias] como é teu nome? É, vamos supor... eu, Y., vamos supor que tô xingando você [aponta pra Rochelly]: “R, pode ficar com o E, sua pu**” ou “R, sua cach*rra, vai dar o c*”...[risos do grupo] (T. - Encontro 02).*

Apesar de parecer mais evidente para os alunos falar sobre o que percebem sobre discursos de ódio na figura dos docentes do que na dos próprios colegas ou as suas, elas emergiram em alguns momentos, como o relato acima. O banheiro frequentado por alunos parece um lugar "protegido" para que o sujeito da enunciação possa destilar seu ódio, que pode ser inclusive proferido por pessoas do mesmo gênero, haja vista a distinção que ocorre dos banheiros nas escolas. Podemos interpretar tal fato pela resistência da exposição de certas ideias em grupo, tendo em vista que em diversos momentos, em particular, alunos conversaram comigo e colocaram situações em que conflitam com outros alunos da instituição, inclusive outros discentes participantes do curso, mas que estavam no espaço da extensão tolerando esse desconforto em função do apreço pelo espaço do curso, pelos integrantes do Travessias e por reconhecerem a importância das temáticas abordadas.

Pesquisar COM a juventude agrega uma dimensão singular à produção de conhecimento, marcada pela desigualdade estrutural entre pesquisador e pesquisado. Crianças

e jovens não se diferenciam apenas por serem mais jovens que os adultos pesquisadores; eles ocupam posições sociais e culturais estruturalmente desiguais. São juridicamente menores, vistos como dependentes emocionalmente, considerados imaturos em termos educacionais e sociais, além de frequentemente percebidos como politicamente incapazes (Castro, 2008).

Durante o curso de extensão, ter sido confrontada por falas em que os jovens se colocaram como agentes propagadores de discursos de ódio, em especial questionando a conjuntura política vivida naquele momento, surpreendeu-me. Antes de compartilhar essa experiência do Pesquisar COM esses jovens, admito que o olhar sobre estes sujeitos seria muito mais daqueles que são ‘vitimados’ por tais discursos do que encará-los como protagonistas que propõem como afronte e resistência.

Neoliberalismo e Educação: Como a competitividade amplifica discursos de ódio

“Alô, Foucault / 'Cê quer saber o que é loucura? É ver Hobsbawm na mão dos boy / Maquiavel nessa leitura / Falar pra um favelado / Que a vida não é dura / E achar que teu doze de condomínio / Não carrega a mesma culpa” (Criolo, 2013)²⁹

A relação entre educação e sociedade demanda reflexões sobre os diversos períodos históricos, e situá-la em cada um dos momentos, tendo em vista que, para cada sociedade, e em cada contexto histórico, político e social, a educação cumpre um papel e tem uma finalidade específica (Barbosa & Marinho-Araújo, 2010). Desse modo, a instituição escolar é delineada pela interação entre revoluções que estruturam processos de diferenciação funcional dos subsistemas econômico, político e cultural nas sociedades modernas, resultando em sociedades de economia altamente desenvolvidas, socialmente inclusivas e politicamente liberais (Oliveira, 2004).

Levando em conta as transformações políticas e econômicas ocorridas na sociedade

²⁹ Criolo. (2013). *Duas de cinco [lyric video]* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=QnCs2nsZGRk>

brasileira durante as últimas décadas - caracterizadas, entre outros aspectos, pela ascensão da ideologia neoliberal, pelas mudanças no setor produtivo e pela ênfase governamental e empresarial na necessidade de reformular o sistema educacional para alcançar uma economia mais competitiva, tornou-se necessário analisar o papel atribuído pelo empresariado industrial à educação profissional como parte de seu projeto de desenvolvimento econômico brasileiro (Oliveira, 2003). Nessa perspectiva, analisar a emergência do empreendedorismo como um eixo central na formação das juventudes, adotado em reformas educacionais para o ensino médio, tem tomado pesquisas recentes (Costa & Caetano, 2021).

Aproximações entre competitividade e o neoliberalismo na educação tornam-se terreno fértil à propagação de discursos de ódio, ora atravessados por uma falaciosa meritocracia infundada na lógica neoliberal, ora motivados pelo ódio a parcelas historicamente vulnerabilizadas na sociedade brasileira. Uma análise dos atravessamentos neoliberais da educação favorece um olhar mais próximo para o individualismo e a competição, discursos fortalecidos em uma conjuntura sociopolítica favorável à exploração do capital humano (Oliveira, 2001), na qual o neoliberalismo modela uma nova perspectiva sobre a educação profissional e tecnológica (Oliveira, 2023).

A precariedade da educação brasileira é um sintoma de um processo histórico que não foi prioridade em nosso país, tendo em vista a carência de recursos e a falta de interesse das elites, fato que impediu a organização de sistema de ensino de qualidade no Brasil. Assim, a escolarização da população brasileira, relegada a um plano secundário pelo poder político, passa a ter destaque na dinâmica dos conflitos sociais, influenciando, cada vez mais, o discurso e a ação do Estado (Oliveira, 2004). Tal cenário se transforma mediante a primeira lei que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024, 1961), com a obrigatoriedade do ensino e emergência de novos estratos sociais, com divergência de interesses, origens e posições. Mesmo compartilhando o território escolar, a parcela

populacional não burguesa foi considerada como problema, resultando na individualização de queixas escolares mediante a processos como o fracasso escolar (Patto, 1987; 1992).

Para Coimbra (1989), é de fundamental importância repensarmos as funções que a instituição escolar possui, auxiliando a compreensão sobre o cotidiano do nosso trabalho, alertando a constituição estrutural da escola como produção e motor de desenvolvimento do capitalismo. Conseqüentemente, a influência de uma constituição desigual da sociedade capitalista perpassa também o território escolar, ao inculcar valores, hábitos e normas dos interesses burgueses em detrimento das classes populares.

A orientação reflexiva empreendida até aqui nos fornece a compreensão de que coexistem no ambiente escolar tensionamentos entre diferentes ideias, modos de vida e subjetivação que subsidiam processos de desigualdades sociais historicamente perpetuados. Nesse ínterim, a instituição escolar pode ser também espaço de promoção de violências cotidianas, e/ou que as combate de forma crítica e reflexiva (Sposito, 1998). Essa discussão mobiliza o objeto desta tese, ao analisar os efeitos de discursos de ódio em seus atravessamentos no cotidiano escolar de adolescentes, compreendendo a escola em sua diversidade. Para tanto, o cenário que constrói a escola, bem como a própria educação no Brasil, possui atravessamentos históricos, sociais e políticos que a compõem.

Há uma tendência contemporânea em desqualificar a escola e não transformá-la, já que a educação não tem sido uma alavanca para a transformação da sociedade justamente porque ela poderia ser (Freire, 1987). Acompanhamos um forte avanço do pensamento conservador no Brasil, expresso de forma mais contundente pelo ritmo acelerado de desmonte de direitos, de interrupção das políticas sociais anteriormente construídas e de aprofundamento das desigualdades educacionais e sociais (Zan & Krawczyk, 2019).

Como manifestação dessa conjuntura e do avanço do conservadorismo em nosso país, destacam-se entre os projetos que estão em curso na educação brasileira: a inclusão do

empreendedorismo como tema importante nos currículos escolares, em especial nas escolas de ensino médio integrado. Problematicamos aqui a relação entre educação integral e o empreendedorismo, que ganha fôlego e protagonismo nas reformas educacionais, em atenção às reformas do Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Zan & Krawczyk, 2019; Costa & Caetano, 2021).

Tais reformas, como política educacional, vêm se afastando dos princípios político-pedagógicos de uma educação integral e omnilateral voltada para a formação das juventudes. Ao mesmo tempo, emerge um novo *ethos* educacional no contexto de profundas mudanças no mundo do trabalho e da produção no capitalismo neoliberal. As recentes legislações relativas a políticas de empreendedorismo alteram o projeto de educação pública ao acenarem para um novo *ethos* educacional voltado para atender a lógica do desemprego, da precarização, da robotização e da uberização do trabalho na era do capital improdutivo (Costa & Caetano, 2021).

O empreendedorismo se aplica hoje tanto ao setor privado, quanto ao setor público, tanto para uma organização, para um grupo de pessoas, quanto para um indivíduo. Existe quase uma relação simbiótica entre empreendedorismo, inovação, êxito e felicidade. É considerado como um dos principais atributos que a escola deve levar em conta na formação dos estudantes, isto é, qualificá-los para inovar e transformar sua própria vida. (Zan & Krawczyk, 2019; Costa & Caetano, 2021).

O Ensino Médio, última etapa da educação básica, reflete o dualismo na educação brasileira “[...] pelo fato de ser nesse nível de ensino que se revela com mais evidência a contradição entre o capital e o trabalho, [...] pois afinal [...] destina-se à formação propedêutica ou à preparação para o trabalho?” (Frigotto et al., 2012, p. 31). A diversidade de razões que fazem da escola um contexto de desenvolvimento essencial convive, não raramente, com o fracasso do seu próprio modelo, que se traduz em insucesso e, no extremo,

em abandono escolar (Miguel et al., 2012).

A Educação Profissional e Tecnológica não fica imune aos impactos de reformas educacionais que dizem respeito à proposição de políticas que relacionam o neoliberalismo com traços fundamentais das novas políticas de formação profissional. Nesse ínterim, são indicados pontos como o retorno da Pedagogia das Competências e a emergência de discursos ligados ao empreendedorismo, à meritocracia e à precarização do trabalhador (Oliveira, 2023).

A insatisfação com um modelo educacional exaustivo e desigual não emerge apenas a partir da perspectiva de professores e/ou profissionais de outras áreas, mas também e, principalmente, dos próprios alunos. Por isso, foi necessário tensionar como o contexto pós-pandêmico da Covid-19 e a domiciliação da escola impactaram os modos de subjetivação dos estudantes, em um cenário marcado pela educação sob influências do neoliberalismo e pelos ataques à escola pública.

Durante os módulos do curso de extensão, conversamos sobre o período da pandemia e perguntei se eles sentiram falta do ambiente escolar, ao que me responderam, coletivamente, “Não [Grupo responde em uníssono]”. Posso ter sido ingênua em esperar uma resposta diferente da que me foi dada, mas esperei que, devido ao isolamento social e ao fato de que o instituto é o espaço de socialização em que mais passam tempo, os alunos teriam sentido falta de ocupar o território escolar. Os estudantes continuaram a responder: “Eu senti falta das pessoas, da escola em si não” (F. - Encontro 03). “Nem das pessoas eu senti” (F. - Encontro 03).

Contrariada com tantas respostas negativas, questiono-me: o que temos feito da escola? Seria esse agora um espaço tão aversivo aos estudantes? “Eu só não gostei de ficar na minha casa, mas saudade da escola não” (H. - Encontro 03). “15 dias... aí se tornaram um ano de férias... só que eu não fazia nenhuma tarefa, eu não sei como que eu passei. No caso eu

botava o meu pai pra fazer as de matemática, era a minha vó pra fazer as de biologia, e meu pai fazia as de português... biologia não, ciências” (N. - Encontro 03).

Continuei ouvindo as respostas, dando espaço para que eles fossem elaborando o porquê deste ser um espaço do qual não gostam e segui perguntando, em tom de brincadeira com o grupo, sempre tomando o devido cuidado para que eles não vissem em mim uma instância de silenciamento ao que diziam. “Eita! A escola pra vocês é um sofrimento? Tipo, tá aqui é ruim? No geral, a escola é legal de ir ou não?” (Pesquisadora - Encontro 03). “[Parte do grupo responde sim e parte do grupo responde não]”. “No final do semestre é” (N. - Encontro 03). “Aqui não é legal, se fosse outra era capaz de eu até gostar” (H. - Encontro 03). “Cara, a escola em geral eu... primeiro passo da minha vida foi na minha antiga escola, que era maravilhosa, só que... fui pra outra escola e odiei o pessoal de lá, vim pra cá e tá sendo não só pior que essa anterior em muitas coisas” (S. - Encontro 03).

O modelo escolar e educacional emergente tende a se consolidar com base em uma subordinação mais direta da escola às demandas da lógica econômica. Esse modelo está associado a um economicismo aparentemente simplista, fundamentado no princípio de que as instituições, especialmente a escola, só encontram sentido na medida em que servem às necessidades das empresas e da economia (Dardot & Laval, 2019). Em um momento de crise humanitária, sociopolítica e em meio ao contexto da pandemia da Covid-19 evidenciou-se ainda mais a insatisfação com o espaço escolar permeado pelos valores neoliberais que visam a educação voltada exclusivamente ao trabalho. O on-line, nesse contexto, viabilizou expansão de conexões, consumo de conteúdos (fossem benéficos ou não) e informações, ao mesmo tempo em que foram manifestados discursos de ódio, inclusive contra figuras políticas.

A seguir, no tópico “Educação como Afronte: Confrontando o ódio em tempos de neoliberalismo e ataques à escola pública”, serão apresentados tópicos que discutem de forma

mais próxima o que foi entendido como afronte a partir do espaço educacional e questionando, inclusive, o desconforto vivido no cotidiano escolar.

Afrontes aos discursos de ódio a partir da juventude no território escolar

O livro *Excitable Speech: A Politics of the Performative*, de Judith Butler, foi lançado em 1997 e traduzido para o português em 2021, com o título “Discurso de Ódio: Uma Política do Performativo”. Na obra, a reflexão esmiuçada pela autora acerca dos possíveis efeitos do discurso de ódio propõe caminhos de endereçamento da questão e defende a possibilidade dos sujeitos em se apropriarem dos discursos de ódio e subvertê-los, na medida que a construção dos sujeitos se dá pela linguagem e a linguagem pode ser vulnerável.

Desse modo, considerando a tarefa humana da compreensão da forma pela qual se estruturam as relações sociais, em especial as relações desiguais de obediência e dominação, percorro o pensamento foucaultiano em um dos primeiros movimentos resistentes do seu pensamento, que consiste em fazer com que os extratos do saber se voltem contra os poderes (Alvim, 2012). A fim de elaborar a proposição teórico-discursiva butleriana no pensamento que orienta o objeto principal desta tese, na qual reitero a inquietação que me mobiliza em relação às resistências e aos afrontes que emergem do campo de pesquisa apresentado, percebo a demanda das tessituras teóricas complexas. E, para tanto, proponho o diálogo com a análise de Foucault (1977), em *Vigiar e Punir*, ao explicar que:

Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma ‘apropriação’, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou uma

conquista que se apodera de um domínio. Temos, em suma, que admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que não é ‘privilégio’ adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito conjunto de suas posições estratégicas - efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados (Foucault, 1977, p. 29).

Tal reflexão não fornece respostas, mas pistas que podem orientar nossas discussões, ao passo que para enfrentar a exploração, é preciso traçar estratégias. Deleuze e Foucault (1979) afirmam a necessidade de, em primeiro momento, expor a verdade para aqueles que não a conheciam e, em segundo momento, dizer o real em nome daqueles que não podiam dizê-lo. Diante da atualidade da história e da compreensão das resistências a processos exploratórios e de opressão, o problema enfrentado pelos discursos de ódio (Butler, 2021) é a existência de um sistema de poder que barra, proíbe, invalida estratégias de afronte e por isso é preciso compreender tal fenômeno em seu caráter performativo. Ou seja, a luta não se volta exatamente para uma tomada de consciência, mas contra o silêncio imposto ou fala tomada pelo poder (Alvim, 2012; Deleuze & Foucault, 1979).

Retomamos o tema central desta tese, que aborda os afrontes contra discursos de ódio, a partir das contribuições de Butler (2021), que busca não apenas identificar quais palavras causam ofensa, mas compreender a capacidade da linguagem de causar ferimentos. Alinhada ao pensamento de Austin (1990), a força ilocucionária de uma injúria está vinculada ao contexto histórico e temporal do ódio, que é reativado por meio dos rituais nos quais utilizamos injúrias para ofender. A injúria linguística parece decorrer não apenas das palavras escolhidas para se dirigir a alguém, mas também do próprio modo de endereçamento – uma disposição ou posicionamento convencional – que interpreta e constitui o sujeito (Butler, 2021).

A compreensão sobre o que são afrontes aos discursos de ódio foi estruturada durante

a vivência da pesquisa em reflexões empreendidas a partir dos próprios estudantes, dos diários de campo e da restituição à escola, conforme apresentado na figura 37.

Figura 37

Rede de códigos associados aos afrontes aos discursos de ódio a partir da escola



Fonte: Elaborado pela autora via Atlas.Ti. Nota: Ano de 2024.

Em diversos momentos, entre os encontros do curso de extensão, o grupo discute o que é considerado discurso de ódio, especialmente em contextos de redes sociais, tendo em vista que, em diversos casos, foi-nos relatado sobre as normas de regulação de conteúdos sensíveis em plataformas digitais, como nos exemplos a seguir: “Ah... o que é que eu acho que é discurso de ódio... eu descobri o que era discurso de ódio quando eu tava jogando Roblox, que aí eu fui denunciar o menino e apareceu lá “denunciar um discurso de ódio” (T. - Encontro 04). Em outro relato, mas de forma consonante, foi dito que:

Aí aconteceu que eu fui denunciar, apareceu lá “discurso de ódio”, aí foi o primeiro contato com a palavra discurso de ódio, e pra mim discurso de ódio é uma frase, palavra ou qualquer coisa que chegue com a intenção de ofender toda e qualquer pessoa, seja por sua etnia, seja sua sexualidade, e tudo mais, tudo isso que seja partindo de mim pra ofender outra pessoa, entendeu? É isso [...] (P. - Encontro 01).

No decorrer do curso os alunos demonstram compreender que o discurso de ódio é tudo aquilo que é dito com intenção de ofender, não apenas a ofensa em si. E, ainda, analisam os discursos de ódio em perspectiva multifacetada, o que nos relembra a perspectiva de Butler

(2021) sobre ato injurioso atravessado por questões de raça/etnia, gênero, orientação sexual, classe, território, intolerância religiosa dentre outros. Demarcar o discurso de ódio, nomeá-lo, também é uma forma de enquadrá-lo, etapa necessária para afrontá-lo.

Essa reflexão corrobora outra percepção que nos chama atenção no curso de extensão, a saber: o fato de que os alunos percebem que determinados xingamentos utilizados de forma odiosa em discursos de ódio também são apropriados como formas de autoidentificação com a própria comunidade a qual pertencem. Questionei a respeito da seguinte forma durante o segundo encontro:

Nem todo mundo tem a dimensão de que tipo assim, é... é muito comum entre caras heterossexuais... um xingamento que é quase um elogio, né? Porque fica naquela coisa, quando o cara vai dizer assim “ei, amigo”, ele diz assim “ei, viado” [risos do grupo]. E ao mesmo tempo, quando ele quer xingar um cara ele diz assim “ei, viado”. Tô mentindo? (Fala da pesquisadora - Encontro 2).

Após o exposto, uma das participantes questiona tal fato: “Falar assim seria discurso de ódio? Porque à minha esquerda eu tenho um amigo que eu não chamo pelo nome porque é estranho falar o nome, aí eu pego e chamo de gay” (T. - Encontro 2). Ao que o colega responde: “Verdade, não chama pelo nome não, chama de gay [...] [risos do grupo]” (G. - Encontro 2). Entre risadas, a discussão mobilizou maior número de participantes, continuando o diálogo: “Nós somos os gays e ainda tem a Sapatão [ri]” (M. - Encontro 2). “Mas aí tem uma outra questão né. Eu não sei se vocês já perceberam, mas na comunidade LGBT é muito comum que a gente se aproprie de determinados adjetivos pejorativos como algo no sentido de uma resistência” (T. - Encontro 2). Naquele momento o debate se encerra quando um dos participantes da discussão afirma que:

Sim, tipo pessoas trans aderiram o [uso de] “travesti”, que era pra ser pejorativo e às vezes as pessoas ainda falam “traveco”, por conta que é pra ser algo ofensivo e pra

se tornar uma forma de não ser ofensivo, eles se falam, tipo assim se tratam dessas duas formas pra eles mesmos (G. - Encontro 2).

Se o discurso pode ser compreendido como uma produção coletiva e histórica, portanto, anônima, que na maior parte do tempo trabalha em silêncio, dando sentido ao que dizemos e fazemos, podemos recorrer à perspectiva foucaultiana de prática discursiva histórica e anonimamente determinada. E, assim, tal orientação discursiva define tanto o lugar de sujeito, quanto o sentido ou os sentidos possíveis dos enunciados linguísticos (Passos, 2019).

A ideia de exclusão social implica a ideia de reclusão. Estes termos se encontram e se movem sob o toque invisível do poder, cujo fetiche e encanto estavam em saber se esconder e transmutar as existências, quando se manifestavam na prática totalitária do espaço político (Pereira, 2000).

Butler (2020; 2021) se debruça sobre a compreensão sobre os discursos de ódio e sua performatividade a partir da perspectiva sobre os “corpos que importam” (2020), ao discutir a atualidade do conceito/movimento *Queer*, em uma perspectiva que problematiza a performatividade de um termo tomado como ofensa. Butler (2020, p. 368) questiona:

Como é possível que um termo que indicava degradação possa ter mudado tanto – sendo “consolidado” no sentido brechtiano do termo – para afirmar um conjunto de significados novos e afirmativos? Seria essa uma simples inversão de valores em virtude da qual queer possa significar tanto uma degradação no passado como uma afirmação no presente ou no futuro? Seria essa uma reversão que mantém e reitera a história abjeta do termo? Quando o termo era usado como insulto paralisante, como a interpelação trivial de uma sexualidade patologizada, o usuário do termo se transformava em emblema e veículo da normatização, e a ocasião de sua expressão se vertia na regulamentação discursiva dos limites da legitimidade sexual (Butler, 2020,

p. 368).

A injúria linguística causa ferimento ao sujeito injuriado, embora não se equipare a um ataque físico. No entanto, isso não significa que a “dor linguística” não possua uma dimensão somática. O discurso de ódio atinge o destinatário não apenas em sua alma, mas também em seu corpo. Entre os efeitos provocados, os nomes pelos quais o sujeito é interpelado parecem evocar o medo da morte e a incerteza sobre sua capacidade de sobrevivência (Butler, 2021).

O curso de extensão teve em seu último encontro de 2023 uma confraternização sobre as experiências vividas até ali e naquele momento dividimos reflexões, desejos de novo ano e os secundaristas aproveitaram para dividir com a equipe facilitadora do curso seus relatos sobre o que vivenciaram no espaço construído por eles e por nós, em coletivo.

Figura 38

Confraternização do último encontro do Curso de Extensão em 2023



Fonte: Arquivo da autora. Nota: Ano de 2023.

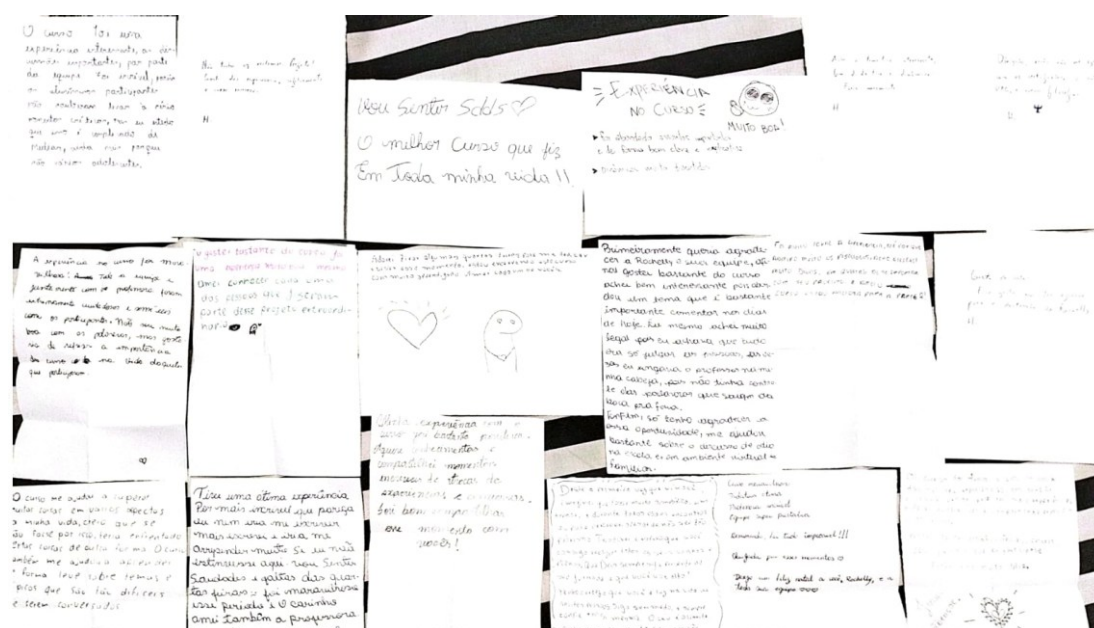
O fato de que esse encontro tenha ocorrido no mesmo dia da produção dos Murais da Resistência reiterou que essa juventude afrontosa, inclusive nas provocações que nos fizeram durante a extensão, teve muito a dizer e a mostrar para nós. Parte significativa dos secundaristas relatou que teria se arrependido em não participar da experiência, ao passo que naquela sala debateram temas sensíveis, que atravessavam seu dia a dia e que nesse espaço

estreitaram vínculos afetivos potencializadores de mudança do seu cotidiano na escola.

Ao mesmo tempo, dentre as reflexões mais recorrentes, houve o fato de terem se reconhecido como agentes ou vítimas de discursos de ódio mesmo sem se dar conta e que a experiência do curso teve impactos para que eles tomassem posicionamento a confronto ao que vivenciavam sem discernimento crítico sobre o fenômeno.

Figura 39

Relatos dos alunos sobre a experiência do curso de extensão



Fonte: Arquivo da autora. Nota: Ano de 2023.

Ao término do curso de extensão, solicitei que os alunos escrevessem anonimamente sobre a experiência, incluindo críticas e/ou sugestões para nossos próximos passos. Até o presente momento, enquanto finalizo a escrita desta tese, ainda não havia lido as mensagens que recebi. Isso porque, ao entregarem os textos, parte deles me acolheu, abraçou e agradeceu pelo que vivemos juntos, implicados.

Nas palavras dos secundaristas também haviam reflexões a meu respeito, e não me senti pronta para elaborá-las até agora. As falas, os desenhos e a escrita inventiva de cada adolescente foram fundamentais para minha trajetória. O principal afrontamento a que me refiro neste trabalho diz respeito à experiência que vivi com esses alunos, tanto em relação à

docência quanto à própria educação.

Cada passo e cada ato das linhas que tangenciaram este território escolar foram marcados pelas vivências dessa juventude que me questionou desde o início — desde a proposta de trazer um curso com tal temática para a escola até a problematização sobre a decisão da direção, que não permitiu a exposição dos murais em qualquer corredor da instituição. Em vez disso, a direção indicou que os murais da resistência fossem colocados nas paredes ao lado da cantina em desuso, próxima à sala do Movimento Estudantil, um espaço onde se acumulavam cadeiras quebradas e lousas fora do lugar.

Como resposta, para divulgar as ações e os cartazes, cada estudante postou sua produção em suas redes sociais, marcando o Instagram do @travessias.educa e demonstrando apoio ao que propusemos. O afrontamento construído por essa juventude ultrapassou os muros da escola, na mesma medida em que seus afetos me atravessaram e me escreveram pesquisadora até aqui. Por fim, entendo que as pistas que envolvem o afrontamento elaborado por esta juventude possuem potencialidades nos afetos e na capacidade de construir e estreitar vínculos e por esse motivo, a centralidade do espaço escolar permanece evidente.

Coordenada nº 6: Conclusões e bússolas para novos caminhos

Considerando a ligação entre o enfrentamento de situações sensíveis vivenciadas na Internet e o aumento de casos de manifestações de ódio, preconceito e violência no contexto escolar têm demandado maior atenção no debate público e tornaram-se objetos de nossas reflexões. Assim, a presente tese de doutorado teve como objetivo cartografar como se configuram as experiências de discursos de ódio vividas por secundaristas de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia no interior do nordeste brasileiro. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo, por meio de delineamento da Pesquisa-Intervenção, ancorada na potência política do Pesquisar COM juventudes e COM a escola pública e em manejo do *ethos* cartográfico.

A Coordenada nº 2: Discursos de ódio e seus atravessamentos em territórios escolares: Uma Revisão Sistemática operada como proposta analítica teve como objetivo debater o conceito ‘discurso de ódio’ enquanto uma política discursiva e seus atravessamentos em territórios escolares, por meio de análises subsidiadas por uma revisão sistemática realizada em janeiro de 2024. Como principais resultados, analisamos a preocupação com onde se destaca a manifestação do discurso de ódio entre jovens e a percepção de que a juventude desempenha um papel fundamental no combate ao discurso de ódio (Krause et al., 2021; Castellanos et al., 2023; Wachs et al., 2023a; Wachs et al., 2023b; Castellanos et al., 2024). Existem lacunas nesta discussão, tais como a necessidade de ampliar estudos a partir da Psicologia e em diálogo com o contexto brasileiro, tendo em vista que a maior parte dos estudos analisados aqui foram provenientes de pesquisas internacionais. Os próximos passos do nosso trabalho avançam na perspectiva de ampliar o escopo desta revisão.

Na Coordenada nº 3: Trilhas metodológicas do *ethos* cartográfico na Pesquisa-Intervenção (PI) e o pesquisar COM a juventude na escola pública o objetivo foi promover metodologias participativas orientadas à implicação do campo metodológico da Pesquisa-

Intervenção que fomentem o diálogo e o Pesquisar COM a juventude na escola. Aqui foi detalhado o percurso metodológico do delineamento da Pesquisa-Intervenção (PI), ancorada na potência política do Pesquisar COM juventudes e COM a escola pública e em manejo do ethos cartográfico (Kastrup, 2008; Passos & Barros, 2015). Nas trilhas traçadas nesse encontro, o fortalecimento da relação entre territórios educacionais e a formação em Psicologia nos parece frutífera à compreensão do fenômeno do discurso de ódio nesse contexto. As linhas de fuga que tangenciam os afrontamentos ao ódio e ao preconceito perpassaram a experiência comum vivenciada pelos próprios secundaristas, tendo como cenário e plano de forças as relações atravessadas pelo território educacional.

A Coordenada nº 4: Artefatos cartográficos e dispositivos participativos da Pesquisa-Intervenção (PI) e do Pesquisar COM a juventude está ancorada no segundo e no quarto objetivos específicos desta tese, a saber: promover metodologias participativas orientadas à implicação do campo metodológico da Pesquisa-Intervenção que fomentem o diálogo e o Pesquisar COM a juventude na escola; e analisar o engendramento dos discursos de ódio em práticas discursivas e suas possíveis formas de afrontamento no cotidiano escolar.

A multiplicidade de dispositivos metodológicos e participativos articulados na tessitura desta tese incorrem da necessidade de compreender o fenômeno do discurso de ódio em territórios educacionais para além do conceito propriamente dito, mas da experiência vivida e compartilhada pelos estudantes secundaristas partícipes da pesquisa. Há nessa diversidade de interlocuções metodológicas uma capacidade de oferecer pistas para responder questões do trabalho e compreender os desdobramentos operados pelo discurso de ódio, transbordando fronteiras entre online e offline.

Desse modo, a confluência de diferentes artefatos, tais como a observação participante, o Curso de Extensão, os Diários de campo dos secundaristas e a restituição se complementam e auxiliam a responder os objetivos específicos propostos no texto,

intercolacionados em coordenadas que demarcam o território-cena deste trabalho. E, assim, garantindo um espaço de fala e escuta autêntico no qual puderam elaborar uma reflexão acerca discurso de ódio bem, como estratégias de afronte.

A última sessão: Coordenada nº 5: Borrando Fronteiras entre *on-line* e *off-line*:

Afrontando Discursos de Ódio no cotidiano escolar teve os dois últimos objetivos específicos em sua articulação, a saber: Tensionar como o contexto da pandemia de Covid-19 impactou no borramento de fronteiras entre online e offline e nos recrudescimentos de discursos de ódio em territórios educacionais; e analisar o engendramento dos discursos de ódio em práticas discursivas e suas possíveis formas de afrontamento no cotidiano escolar. Os resultados foram construídos a partir das gravações e diários de campo provenientes da experiência do Curso de Extensão realizado com 27 secundaristas em um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Enquanto principais analisadores provenientes deste contexto, destacam-se: a) Discurso de ódio em plataformas digitais: Em que se mostrou o debate dos secundaristas sobre a identificação e manifestação de discursos de ódio no período pandêmico e pós pandêmico; b) Narrativas do ódio e a construção de um comum no grupo com os jovens estudantes; c) Perspectivas da juventude sobre as narrativas do ódio no chão da escola pública: Com destaque para os agenciamentos de discursos de ódio percebidos em professores e estudantes no cotidiano escolar; d) Neoliberalismo e Educação: No qual foi analisada a relação entre a Educação profissionalizante, empreendedorismo e competitividade como aspectos relacionados à sociabilidade juvenil; e) Afrontes aos discursos de ódio a partir da juventude no território escolar: desenvolvido a partir de iniciativas como o curso de extensão articulado e vivenciado pelos secundaristas.

Dialogando com Butler (2021), o discurso de ódio intenciona ferir o outro pela linguagem e pode ser compreendido como discursos discriminatório, que inferioriza em função de marcadores sociais específicos e almejam aniquilamento do sujeito ao qual é

direcionado. Isto posto, diferencia-se deste o discurso confrontativo, aquele que afronta o outro, mas permite espaço para diálogo e crítica entre interlocutores. Os analisadores operados nesta tese elucidam a indissociabilidade entre internet, territórios educacionais e o ambiente doméstico para os adolescentes. Além disso, esse cenário ressalta o plano de forças entre diferentes regimes discursivos em multiplicidade que podem ou não torna-se discurso de ódio.

Creio que as considerações finais ou conclusões de qualquer trabalho figuram como o que é mais difícil de escrever, ao menos eu nunca consegui fazer com que este fosse um desafio menor. Isto posto, gostaria de relatar aqui que o movimento deste trabalho confundiu-se muitas vezes com o meu próprio caminhar, talvez por isso em tantos momentos registrei (literalmente) meus passos no território escolar que me atravessou.

O chão de uma instituição pública de ensino no princípio me deixou ansiosa, tendo em vista que minha história há alguns anos é trilhada em uma Instituição de Ensino Superior privada. O sonho da docência em uma conjuntura neoliberal e ultraconservadora silencia inquietações, opiniões contrárias e o próprio pensamento em meio ao lucro e à rentabilidade de termos cada vez mais alunos, turmas e profissionais formados.

Entretanto, quanto vale a educação? O que temos feito dela? Fiz-me essas perguntas em muitos momentos, em transbordamentos do tema central acerca do discurso de ódio, mas, sem dúvida, articulados a ele, seja durante a Pesquisa-Intervenção que realizamos aqui, seja na escrita desta tese.

A educação sonhada por Paulo Freire, pelos grupos de extensão e pesquisa aos quais me aliancei para ter fôlego nessa jornada me pareceu muito próxima ao que esta Pesquisa-Intervenção me proporcionou. Entretanto, na maior parte das vezes, foi uma experiência muito diferente da minha vivência docente. Não tomo essa provocação como fim de uma trajetória, mas sim como a implicação que o *ethos* cartográfico mobilizou em mim para os

próximos passos a partir daqui.

Retomamos a reflexão butleriana (2020) sobre a discussão em que nem o poder, nem o discurso se renovam por completo a cada momento; eles não são tão desprovidos de peso como os utópicos da resignificação radical poderiam sugerir. Essa perspectiva auxilia a compreensão de que os discursos injuriosos ora são tomados como atos violentos contra parcelas vulneráveis, ora são apropriados como resistência e afronte às violências das populações sobre as quais essas violências incidem.

De acordo com Foucault, o discurso, entendido como prática discursiva historicamente e anonimamente determinada, é responsável por definir tanto o lugar do sujeito, quanto os sentidos possíveis dos enunciados linguísticos. O discurso se revela por meio de uma análise do material linguístico, como textos e falas, mas não se limita a isso, podendo também abarcar visibilidades materiais não discursivas (Passos, 2019). E, ainda, o autor analisa que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 1996, p. 10).

São nessas linhas de tensionamentos invisíveis, mas densas e palpáveis, que a juventude-sujeito-partícipe deste trabalho apresenta uma ação potencializadora sobre si, de incômodo e afrontamento aos discursos de ódio proferidos contra si e a partir também deles próprios. Orientada por esta reflexão e pelo pensamento de Butler (2021), compreendo que o discurso é um meio de manifestar poder ou o próprio ódio ao que difere de si mesmo. O discurso é visto enquanto fenômeno do campo relacional, da derrubada dos micropoderes (Foucault, 1977) e micropolíticas tangíveis, tendo em vista que a comunicação viabiliza a socialização, a compreensão e a insatisfação com o mundo. Assim, o combate e a proposta de erradicação de discursos de ódio em uma sociedade democrática é atravessada por tensionamentos que ora silenciam, ora potencializam processos emancipatórios que são

desconfortáveis ao não silenciar diante de manifestações de violência.

A vivência partilhada nesta Pesquisa-Intervenção não foi diferente e, também por essa razão, foi singular à minha trajetória enquanto estudante-docente-pesquisadora. Frente à pluralidade de uma juventude com posicionamento provocativo e ‘afrontoso’, as trilhas invisíveis do chão da escola assumiram contornos de problematização e questionamento, inclusive sobre a experiência vivida no curso de extensão proposto.

Diante do vivido, não há outra saída para o recrudescimento da violência e do autoritarismo se o discurso de ódio, manifestação do preconceito indissociado, não for enfrentado, ou melhor, afrontado. É fato que a insatisfação com o próprio espaço escolar não ocorre por acaso, mas sim como pista para que seja a educação uma das trincheiras de afronte melhor articuladas por uma juventude que sabe exatamente quais discursos não deseja performar. A invenção de afronte, para nós, é esta, significante de uma ação coletiva que só faz sentido quando mobiliza sentimentos e é provocativa de um incômodo comum com o que está posto. Porém, não há como ocorrer afronte ao ódio e ao preconceito se o sujeito não se tornar objeto de si mesmo, questionando seus próprios discursos e reconhecendo a si próprio enquanto parte do todo que critica.

A pesquisa apresentada aqui pretende contribuir para a analítica sobre a interface entre educação e juventude enfatizando o fenômeno dos discursos de ódio no contexto escolar, com ênfase na construção de estratégias de afrontamento. As pistas sobre o conceito de afronte emergem assim como um importante dispositivo de resistência, destacando a possibilidade de mobilizar a juventude para questionar e subverter práticas opressoras, criando espaços de fala e ação coletiva no ambiente escolar. Que este trabalho possa contribuir com aquilo que é centelha do desejo no coração de quem enxerga na educação possibilidade de afronte em si e no mundo.

Referências

- Adorno, T. W. (1992). Capitalismo tardio ou sociedade industrial. In G. Cohn (Org.), *Theodor W. Adorno* (pp. 62-75). Ática.
- Adorno, T. W. (2000). *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses*. Stanford University Press.
- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D., & Sanford, N. (1969). *The authoritarian personality*. Harper & Brothers.
- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1985). *A dialética do esclarecimento*. Jorge Zahar.
- Aguiar, K. F. D., & Rocha, M. L. D. (2007). Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 648-663.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000400007>
- Alvarez, J., & Passos, E. (2015). Cartografar é habitar um território existencial. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina.
- Alvim, D. M. (2012). Foucault e o primado das resistências. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, 1(20), 22-30.
<https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55955>
- Arneback, E. (2014). Moral imagination in education: A Deweyan proposal for teachers responding to hate speech. *Journal of Moral Education*, 43(3), 269–281.
<https://doi.org/10.1080/03057240.2014.918876>
- Austin, J. L. (1990). *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Artes Médicas.
- Ballaschk, C., Wachs, S., Krause, N., Schulze-Reichelt, F., Kansok-Dusche, J., Bilz, L., & Schubarth, W. (2021). „Dann machen halt alle mit.“Eine qualitative Studie zu

Beweggründen und Motiven für Hatespeech unter Schüler* innen. Diskurs Kindheits-und Jugendforschung/Discourse. *Journal of Childhood and Adolescence Research*, 16(4), 463-480.

<https://doi.org/10.3224/diskurs.v16i4.01>

Ballaschk, C., Schulze-Reichert, F., Wachs, S., Krause, N., Wettstein, A., Kansok-Dusche, J., Bilz, L., & Schubarth, W. (2022). Is this (already) hate speech?-A qualitative study on the understanding of hate speech among educational school staff. *Zeitschrift fur bildungsforschung*, 12(3), 579–596.

<https://doi.org/10.1007/s35834-022-00367-1>

Barbosa, R. M., & Marinho-Araújo, C. M. (2010). Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. *Estudos de Psicologia*, 27(3), 393-402.

<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300011>

Barreto, R. D. O., Carrieri, A. D. P., & Romagnoli, R. C. (2020). O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. *Cadernos EBAPE.BR*, 18, 47-60.

<https://doi.org/10.1590/1679-395174655>

Barros, J. P. P. (2014). *Violência infantojuvenil e o território da escola: o bullying como analisador de processos de subjetivação contemporâneos*. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional da UFC.

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10946>

Barros, L. P., & Kastrup, V. (2015). Pista 3: Cartografar é acompanhar processos. In E. Passos; V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina.

Beçak, R., Guaraty, K. D., & Barroso Filho, J. (2021). O Discurso De Ódio Em Tempos De Covid-19. *Revista Jurídica*, 2(64), 670-691.

<http://doi.org/10.21902/revistajur.2316-753X.v2i64.5205>

Benicio, L. F. D. S., Barros, J. P. P., Rodrigues, J. S., Silva, D. B. D., Leonardo, C. D. S., & Costa, A. F. D. (2018). Necropolítica e pesquisa-intervenção sobre homicídios de adolescentes e jovens em Fortaleza, CE. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 192-207.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703000212908>

Boyd, D. M., & Ellison, N. B. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of computer-mediated Communication*, 13(1), 210-230.

<https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>

Brasil. (2007). Ministério da Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Editora do Ministério da Saúde.

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf

Brasil. (2018). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 3, de 21 de novembro de 2018. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial da União.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=102481-rceb003-18&category_slug=novembro-2018-pdf&Itemid=30192

Brasil. (2022). *O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental*. Relatório do Governo de Transição. Observatório de Educação, Ensino Médio e Gestão. Instituto Unibanco.

<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/tf-relatorio-o-extremismo-de-direita-entre-adolescentes-e-jovens-no-brasil-ataques-as-escolas->

[e-alternativas-para-a-acao-governamental,1bbb5cef-ae9e-4998-8ea3-ee988b9b9cd8](https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240019)

Britto, T. F. de. (2019). O que os professores (não) podem dizer? A experiência canadense e a “Escola sem Partido”. *Revista Brasileira De Educação*, 24, 1-16.

<https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240019>

Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Civilização Brasileira.

Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.

Butler, J. (2020). *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. n-1 edições.

Butler, J. (2021). *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Editora Unesp.

Castellanos, M., Wettstein, A., Wachs, S., Kansok-Dusche, J., Ballaschk, C., Krause, N., &

Bilz, L. (2023). Hate speech in adolescents: A binational study on prevalence and demographic differences. *Frontiers in Education*, 8, 1-14.

<https://doi.org/10.3389/feduc.2023.1076249>

Castellanos, M., Wettstein, A., Wachs, S., & Bilz, L. (2024). Direct and indirect effects of social dominance orientation on hate speech perpetration via empathy and moral disengagement among adolescents: A multilevel mediation model. *Aggressive behavior*, 50(1), 1-11.

<https://doi.org/10.1002/ab.22100>

Castro, L. R. de. (2008). Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In L. R. de Castro, & V. L. Besset (Orgs.), *Pesquisa-intervenção na infância e juventude* (pp. 21-42). Nau/Faperj.

Cavagnoli, M., & Maheirie, K. (2020). A cartografia como estratégia metodológica à produção de dispositivos de intervenção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de*

Psicologia, 32, 64-71.

<https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5680>

Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. (2021, 26 de outubro). Cresce o uso de internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br. *Cetic.br*.

<https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>

Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. (2023, 12 de setembro). Conectividade nas escolas brasileiras aumenta após a pandemia, mas faltam dispositivos para acesso à internet pelos alunos, revela TIC Educação 2022. *Cetic.br*.

<https://cetic.br/pt/noticia/conectividade-nas-escolas-brasileiras-aumenta-apos-a-pandemia-mas-faltam-dispositivos-para-acesso-a-internet-pelos-alunos-revela-tic-educacao-2022/>

Cerqueira, D., Bueno, S., Lima, R. S. D., Alves, P. P., Marques, D., Lins, G. D. O. A., Camarano, A. A., ... & Vela, R. (2023). *Atlas da violência 2023*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9350-223443riatlasdaviolencia2023-final.pdf>

Chassot, C. S., & Silva, R. A. N. D. (2018). A pesquisa-intervenção participativa como estratégia metodológica: relato de uma pesquisa em associação. *Psicologia & Sociedade*, 30, 1-12.

<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30i181737>

Coimbra, C. M. B. (1989). As funções da instituição escolar: análise e reflexões.

Psicologia: Ciência e Profissão, 9(3), 14-16.

<https://doi.org/10.1590/S1414-98931989000300006>

Colaço, V. F. R., Adrião, K. G., & Menezes, J. A. (2018). Implicações políticas na pesquisa-intervenção com jovens. *Revista de Psicologia*, 9, 8–17.

<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/20638>

Costa, A. B., & Zoltowski, A. P. C. (2014). Como escrever um artigo de revisão sistemática. In S. H. Koller, M. C. P. de Paula Couto, & J. V. Hohendorff (Orgs.), *Manual de Produção Científica* (pp. 53-67). Penso.

https://www.researchgate.net/publication/323255862_Como_escrever_um_artigo_de_revisão_e_revisa

Costa, M. D. O., & Caetano, M. R. (2021). Um novo ethos educacional no ensino médio: da formação integral ao empreendedorismo. *Revista Exitus*, 11, 1-24.

<https://doi.org/10.24065/2237-9460.2015v1n1id1655>

Cotik, V., Debandi, N., Luque, F., Miguel, P., Moro, A., Pérez, J. M., Serrati, P., Zajac, J., & Zayat, D. (2020). *A study of Hate Speech in Social Media during the COVID-19 outbreak*. Repositorio Digital UNC - Universidad Nacional de Córdoba.

<http://hdl.handle.net/11086/16293>

Dardot, P., & Laval, C. (2019). Anatomia do novo neoliberalismo. Artigo de Pierre Dardot e Christian Laval. *Instituto Humanitas Unisinos - IHU*.

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigo-de-pierre-dardot-e-christian-laval>

Deleuze, G., & Foucault, M. (1979). Os intelectuais e o poder. In M. Foucault, *Microfísica do poder* (13a ed., pp. 69-78). Graal.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2010). *O Anti-Édipo*. Editora 34.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. (Vol. 1, 2a

ed.). Editora 34.

Donato, H., & Donato, M. (2019). Etapas na condução de uma revisão sistemática. *Acta Médica Portuguesa*, 32(3), 227-235.

<https://doi.org/10.20344/amp.11923>

Dong, H., Yang, F., Lu, X., & Hao, W. (2020). Internet Addiction and Related Psychological Factors Among Children and Adolescents in China During the Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Epidemic. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 1-9.

<https://doi.org/10.3389/fpsyt.2020.00751>

Drouin, M., McDaniel, B. T., Pater, J., & Toscos, T. (2020). How Parents and Their Children Used Social Media and Technology at the Beginning of the COVID-19 Pandemic and Associations with Anxiety. *Cyberpsychology, behavior and social networking*, 23(11), 727–736.

<https://doi.org/10.1089/cyber.2020.0284>

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*.

<https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/6b3e3a1b-3bd2-40f7-b280-7419c8eb3b39>

Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir*. Vozes.

Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Edições Loyola.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Paz e terra.

Frigotto, G., Ciavatta, M., Ramos, M., Ferreira, E. B., Garcia, S., & Corrêa, V. (2005). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. Cortez.

Gagliardone, I. (2019). Defining Online Hate and Its “Public Lives”: What is the Place for

“Extreme Speech”?. *International Journal of Communication*, 13, 3068-3087.

<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/9103/2711>

Gillespie, T. (2010). The politics of “platforms.” *New Media & Society*, 12(3), 347–364.

<https://doi.org/10.1177/1461444809342738>

Gomes, H. M., & Lobato, V. S. (2021). Conflito escolar, diálogo e mediação de conflitos: interseções e contribuições pós-pandemia. *Revista @mbienteeducação*, 14(3), 555-579.

<https://doi.org/10.26843/v14.n3.2021.1075.p555-579>

Gomes, N. R., Muniz, L. C., Mintem, G. C., Kaufmann, C. C., & Bielemann, R. M. (2024). Vitimização por bullying e fatores associados entre escolares de um município do Sul do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(2), 1-12.

<https://doi.org/10.1590/1413-81232024292.16092022>

Griffin, R. (2022). New school speech regulation as a regulatory strategy against hate speech on social media: The case of Germany's NetzDG. *Telecommunications Policy*, 46(9), 1-58.

<https://doi.org/10.1016/j.telpol.2022.102411>

Holanda, R. R. (2017). *Eu, tu, ele, nós e redes: Uma crítica imanente do discurso de usuários da página do Movimento Endireita Brasil no Facebook*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará] Repositório Institucional da UFC.

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42485>

Holanda, R. R. (2020). *Autoritarismo calculado: uma análise crítica de páginas brasileiras de direita e de esquerda no Facebook*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará].

Repositório Institucional da UFC. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51241>

Holanda, R. R., Lavor Filho, T. L. D., Chaves, I. T., Melo, I. R. D. C., & Ribeiro, A. A. (2021). Educação em tempos de COVID-19: a emergência do EAD nos processos escolares da rede básica de educação. *Holos*, 3, 1-15.

<https://doi.org/10.15628/holos.2021.11767>

Hsu, J. T., & Tsai, R. T. (2022). Increased online aggression during COVID-19 lockdowns: two-stage study of deep text mining and difference-in-differences analysis. *Journal of medical Internet research*, 24(8), 1-15.

<https://doi.org/10.2196/38776>

Hur, D. U. (2024). Diário de campo, poder e análise da implicação. In F. L. C. Freitas (Org.). *Algumas intercessões epistemológicas e metodológicas entre as Ciências Humanas e os Saberes Psis* (pp. 251-276). EDUFMA.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019* [Slides de PowerPoint]. Agência de Notícias - IBGE.

https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/ad542e8a6ea81cd154e61fc7edf39d00.pdf

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Pesquisa nacional de saúde do escolar: análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental: municípios das capitais: 2009/2019*. IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais.

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101955>

Jääskeläinen, T. (2020). Countering hate speech through arts and arts education: Addressing intersections and policy implications. *Policy Futures in Education*,

18(3), 344-357.

<https://doi.org/10.1177/1478210319848953>

Kansok-Dusche, J., Ballaschk, C., Krause, N., Zeißig, A., Seemann-Herz, L., Wachs, S., & Bilz, L. (2023). A Systematic Review on Hate Speech among Children and Adolescents: Definitions, Prevalence, and Overlap with Related Phenomena. *Trauma, violence & abuse, 24*(4), 2598–2615.

<https://doi.org/10.1177/15248380221108070>

Kansok-Dusche, J., Wettstein, A., Castellanos, M., Schwab, C., Subramaniam, A., Wachs, S., & Bilz, L. (2023). Associations between Social Competence, Perceived Parents' Prosocial Educational Goals and Adolescents' Hate Speech Perpetration in School. *Victims & Offenders, 19*(3), 419–446.

<https://doi.org/10.1080/15564886.2023.2189191>

Kastrup, V. (2008). O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In L. R. Castro, & V. L. Besset (Orgs.), *Pesquisa-intervenção na infância e juventude* (pp. 465-489). Trarepa/FAPERJ.

Krause, N., Ballaschk, C., Schulze-Reichelt, F., Kansok-Dusche, J., Wachs, S., Schubarth, W., & Bilz, L. (2021). „Ich lass mich da nicht klein machen!“Eine qualitative Studie zur Bewältigung von Hatespeech durch Schüler/innen. *Zeitschrift für Bildungsforschung, 11*(1), 169-185.

<https://doi.org/10.1007/s35834-021-00291-w>

Krause, N., Wachs, S., Bilz, L. (2023). „Eine Einschätzung, die in Sekunden passieren muss“. Eine qualitative Studie zu Gründen für ausbleibende Interventionen durch das pädagogische Schulpersonal bei Hatespeech unter Schüler:innen. *Z Erziehungswiss 26*, 1527–1545.

<https://doi.org/10.1007/s11618-023-01179-3>

- Kroef, R. F. S., Gavillon, P. Q., & Ramm, L. V. (2020). Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(2), 464-480.
<https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>
- Lapa, A. B., & Colucci, I. (2021). Escola e internet: Espaços de formação para cidadania. *Perspectiva*, 39(3), 1-19.
<https://doi.org/10.5007/2175-795X.2021.e72019>
- Lehman B. (2019). Stopping the hate: Applying insights on bullying victimization to understand and reduce the emergence of hate in schools. *Sociological Inquiry*, 89(3), 532–555.
<https://doi.org/10.1111/soin.12296>
- Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. (1961). Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação e Cultura. Presidência da República.
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>
- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Lopezosa, C., Codina, L., & Freixa Font, P. (2022). *ATLAS.ti para entrevistas semiestructuradas: guía de uso para un análisis cualitativo eficaz*. DigiDoc Research Group/Pompeu Fabra University.
<http://hdl.handle.net/10230/52848>
- Lourau, R. (1975). *A Análise Institucional*. Vozes.
- Lourau, René. (1989). *El Diario de Investigación. Materiales para una teoría de la*

implicación. Universidad de Guadalajara.

Lourau, R. (1993). *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. UERJ.

Malta, D. C., Oliveira, W. A., Prates, E. J. S., Mello, F. C. M., Moutinho, C. S., & Silva, M. A. I. (2022). Bullying among Brazilian adolescents: evidence from the National Survey of School Health, Brazil, 2015 and 2019. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 30, 1-13.

<https://doi.org/10.1590/1518-8345.6278.3678>

Marchi, J., Johansson, N., Sarkadi, A., & Warner, G. (2021). The Impact of the COVID-19 Pandemic and Societal Infection Control Measures on Children and Adolescents' Mental Health: A Scoping Review. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 1-21.

<https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.711791>

Martinez, C. T., & Machado, A. M. (2021). Diálogos entre o método da cartografia e alguns pressupostos filosóficos de Hannah Arendt na pesquisa em educação. *Interface*, 25, 1-12.

<https://doi.org/10.1590/Interface.190835>

Martins, J. B. (1996). Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 17(3), 266-273.

<https://doi.org/10.5433/1679-0383.1996v17n3p266>

Medrado, B., Spink, M. J. P., & Mélo, R. P. (2014). Diários como atuantes em nossos pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In M. J. P. Spink, J. I. M. Brigagão, V. L. V. do Nascimento, & M. P. Cordeiro (Orgs.), *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (pp. 274-294). Centro Edelstein.

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19088>

Mello, F. C. M., Malta, D. C., Santos, M. G., Silva, M. M. A., & Silva, M. A. I. (2018).

Evolução do relato de sofrer bullying entre escolares brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2009 a 2015. *Revista Brasileira De Epidemiologia*, 21, 1-14.

<https://doi.org/10.1590/1980-549720180015.supl.1>

Miguel, R. R., Rijo, D., & Lima, L. N. (2012). Fatores de risco para o insucesso escolar: a relevância das variáveis psicológicas e comportamentais do aluno. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, (46-1), 127-143.

https://doi.org/10.14195/1647-8614_46-1_7

Miranda, L. L., Oliveira, E. N. P. D., Shioga, J. E. M., & Rodrigues, D. C. (2016).

Pesquisando com jovens na escola: desafios da pesquisa-intervenção em dois contextos escolares. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(2), 245-254.

<https://doi.org/10.1590/2175-353920150202958>

Miranda, L. L., Lavor Filho, T. L., Souza Filho, J. A., Gonçalves, L. T. L., Soares, M. R.

N., Mourão, L. C. C. B., Silva, P. F. J., Barros, A. M. C., & Pereira, L. C. H.

(2021). Educação em tempos de COVID-19: as (im)permanências do uso de tecnologias nas escolas. *Revista de Psicologia da Unesp*, 20(1), 99-144.

<https://doi.org/10.5935/1984-9044.20210005>

Miranda, L. L., Lavor Filho, T. L. D., Souza Filho, J. A. D., Soares, M. R. N., Gonçalves,

L. T. D. L., Fontenele, L. Q., ... & Miranda, L. M. F. (2024). Cenas e Fabulações da Psicologia em Pesquisa-Intervenção com Secundaristas e Universitários.

Psicologia: Ciência e Profissão, 44, 1-16.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703003265760>

Moraes, M. (2010). PesquisarCOM: Política ontológica e deficiência visual. In: M.

Moraes, & V. Kastrup (Orgs.), *Exercícios de ver e não ver: Arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual* (pp. 26-48). Nau/FAPERJ.

- Moraes, M. (2014). Do “PesquisarCOM” ou tecer e destecer fronteiras. Em A. G. Bernardes, G. M. Tavares, M. Moraes (Orgs.), *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia* (pp. 131-138). EDUFES.
<https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/d99f0ade-8610-4d9e-bc4e-924c00128fc5/content>
- Moro, A., & Vinha, T. P. (2021). Os desafios causados pela excepcionalidade da Covid-19 e o clima escolar. In D. D’Auria-Tardeli (Org.), *Educação, escola e pandemia: experiências e discussões sobre professores, alunos e gestores* (pp.109-139). Pimenta Cultural.
- Oliveira, R. de. (2001). A teoria do capital humano e a educação profissional brasileira. *Boletim técnico do Senac*, 27(1), 26-37.
<https://www.bts.senac.br/bts/article/view/560>
- Oliveira, R. de. (2003). Empresariado industrial e a educação profissional brasileira. *Educação e Pesquisa*, 29(2), 249-263.
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000200004>
- Oliveira, M. M. D. (2004). As origens da educação no Brasil da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação*, 12(45), 945-958.
<https://doi.org/10.1590/S0104-40362004000400003>
- Oliveira, T. F. de. (2023). Educação Profissional e Tecnológica e Neoliberalismo no Brasil: retroceder, treinar e capacitar para a precarização. *Revista Desenvolvimento & Civilização*, 4(1), 37-56.
<https://doi.org/10.12957/rdciv.2023.69594>
- Organização das Nações Unidas. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

ONU. Assembleia Geral da ONU.

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

Passos, E., & Barros, R. B. de. (2000). A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 16(1), 1–9.

<https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000100010>

Passos, E., & Barros, R. B. (2009). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia*. Sulina.

Passos, E., & Barros, R. B. (2015). Pista 8 : Por uma política da narratividade. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 150-171). Sulina.

Passos, I. C. F. (2019). A análise Foucaultiana do discurso e sua utilização em pesquisa etnográfica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, 1-11.

<https://doi.org/10.1590/0102.3772e35425>

Patto, M. H. S. (1987). *Produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia* [Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo]. Repositório da Produção USP.

<https://repositorio.usp.br/item/000725910>

Patto, M. H. S. (1988). O fracasso escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características. *Cadernos de pesquisa*, (65), 72-77.

<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1198>

Patto, M. H. S. (1992). A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. *Psicologia USP*, 3(1-2), 107-121.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-

[51771992000100011&lng=pt&tlng=pt](https://doi.org/10.1177/153270381771992000100011&lng=pt&tlng=pt)

Pelbart P. P. (2017). Por uma arte de instaurar modos de existência que "não existem".

Laboratório de sensibilidades.

<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2017/05/02/por-uma-arte-de-instaurar-modos-de-existencia-que-nao-existem-peter-pal-pelbart/>

Pereira, A. (2000). *A analítica do poder em Michel Foucault: a arqueologia da loucura, da reclusão e do saber médico na Idade Clássica.* Autêntica Editora.

Pugliesi, E. J. (2022). Análise arqueológica do discurso de ódio que é uma forma de negar os direitos humanos. *Diversitas Journal*, 7(2).

<https://doi.org/10.48017/dj.v7i2.2086>

Quadrado, J. C., & Ferreira, E. D. S. (2020). Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. *Revista Katálysis*, 23(03), 419-428.

<https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p419>

Reisen, A., Viana, M. C., & Santos-Neto, E. T. (2019). Bullying among adolescents: are the victims also perpetrators?. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 41(6), 518–529.

<https://doi.org/10.1590/1516-4446-2018-0246>

Rettich, J. S. (2020). A cartografia como método: potências e devires para as práticas em análise do discurso. *Fórum Linguístico*, 17(4), 5429-5441.

<https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.e66402>

Ribeiro, D. M., Miranda, L. L., Feitosa, G. L., Cardoso, N. F. S., Oliveira, P. S. N., & de Oliveira, T. C. D. (2016). Pesquisando com professores: a centralidade do diário de campo e da restituição em uma pesquisa-intervenção. *Revista de Psicologia*, 7(1), 81-93.

<http://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/3675>

- Rocha, M. L. D., & Aguiar, K. F. D. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: ciência e profissão*, 23, 64-73.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>
- Rolnik, S. (2006). *Cartografia sentimental*. Sulina.
- Romagnoli, R. C. (2014). O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. *Psicologia & Sociedade*, 26, 44-52.
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100006>
- Rosenfeld, M. (2001). Hate speech in constitutional jurisprudence: a comparative analysis. *Cardozo Law Review*, 24, 1523-1567.
<https://larc.cardozo.yu.edu/faculty-articles/148>
- Rubim, A. A. C. (2000). A contemporaneidade como idade mídia. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 4, 25-36.
<https://doi.org/10.1590/S1414-32832000000200003>
- Sampaio, R., & Mancini, M. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 11(1), 83–89.
<https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>
- Santos, C. M. D. C., Pimenta, C. A. D. M., & Nobre, M. R. C. (2007). A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(3), 508-511.
<https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023>
- Shaughnessy, J. J., Zechmeister, E. B., & Zechmeister, J. S. (2012). *Metodologia de pesquisa em psicologia*. AMGH Editora.
- Shepherd, T., Harvey, A., Jordan, T., Srauy, S., & Miltner, K. (2015). Histories of hating.

Social Media+Society, 1(2), 1-10.

<https://doi.org/10.1177/2056305115603997>

Silva, F. G. O. D. (2021). Educação contra os quadros de guerra. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, 30(62), 204-222.

<https://doi.org/10.21879/faceba2358-0194.2021.v30.n62.p204-222>

Soares, V. H. L. A., & Matsumoto, R. K. (2019). Afronte como verbo: escrevivências do ser ator negro em performatividade. *ouvirOUver*, 15(2), 360–371.

<https://doi.org/10.14393/OUV-v15n2a2019-48981>

Souza, R. M. (2012). Rizoma Deleuze-Guattariano: Representação, Conceito e algumas aproximações com a Educação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)*, (18), 234-259.

<https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4546>

Souza, I. O. C., & Pinho, A. M. (2023). VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: REFLEXÕES SOBRE O AUMENTO DOS CASOS. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 9(11), 3656-3665.

<https://doi.org/10.51891/rease.v9i11.12722>

Sposito, M. P. (1998). A instituição escolar e a violência. *Cadernos De Pesquisa*, (104), 58–75.

<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/717>

Strohmeier, D., & Gradinger, P. (2021). Teachers' knowledge and intervention strategies to handle hate-postings. *European Journal of Developmental Psychology*, 18(6), 865–879.

<https://doi.org/10.1080/17405629.2021.1877130>

Teixeira, R. R. (2015). As dimensões da produção do comum e a saúde. *Saúde e*

Sociedade, 24, 27-43.

<https://doi.org/10.1590/S0104-12902015S01003>

Villela, D. C. (2016). Bullying e Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. *Revista do Ministério Público do Rio Grande do Sul*, 1(81), 09-22.

<https://www.revistadomprs.org.br/index.php/amprs/article/view/163>

Wachs, S. & Wright, M. F. (2018). Associations between Bystanders and Perpetrators of Online Hate: The Moderating Role of Toxic Online Disinhibition. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(9), 1-9.

<https://doi.org/10.3390/ijerph15092030>

Wachs, S., Bilz, L., Wettstein, A., Wright, M. F., Kansok-Dusche, J., Krause, N., & Ballaschk, C. (2022). Associations between witnessing and perpetrating online hate speech among adolescents: Testing moderation effects of moral disengagement and empathy. *Psychology of Violence*, 12(6), 371–381.

<https://doi.org/10.1037/vio0000422>

Wachs, S., Mazzone, A., Milosevic, T., Wright, M. F., Blaya, C., Gámez-Guadix, M., & O'Higgins Norman, J. (2021). Online correlates of cyberhate involvement among young people from ten European countries: An application of the routine activity and problem behaviour theory. *Computers in Human Behavior*, 123, 1-10.

<https://doi.org/10.1016/j.chb.2021.106872>

Wachs, S., Castellanos, M., Wettstein, A., Bilz, L., & Gámez-Guadix, M. (2023a).

Associations Between Classroom Climate, Empathy, Self-Efficacy, and Countering Hate Speech Among Adolescents: A Multilevel Mediation Analysis. *Journal of Interpersonal Violence*, 38(5-6), 5067-5091.

<https://doi.org/10.1177/08862605221120905>

Wachs, S., Valido, A., Espelage, D. L., Castellanos, M., Wettstein, A., & Bilz, L. (2023b).

The relation of classroom climate to adolescents' countering hate speech via social skills: A positive youth development perspective. *Journal of Adolescence*, *95*, 1127–1139.

<https://doi.org/10.1002/jad.12180>

Zan, D., & Krawczyk, N. (2019). Ataque à escola pública e à democracia: notas sobre os projetos em curso no Brasil. *Retratos da Escola*, *13*(27), 607-620.

<https://doi.org/10.22420/rde.v13i27.1032>

Apêndices

Apêndice A – Pesquisa "A Juventude tá On!": O que é discurso de ódio em redes sociais?

Este é um convite para participar da pesquisa de Doutorado intitulada “Discursos De Ódio Em Ambientes Virtuais E Seus Efeitos Na Escola Pública: Educação Como Prática De Liberdade E Resistência”.

Neste formulário serão mapeadas questões sobre como você acessa a internet, quais redes sociais acessa e quais comportamentos têm no ambiente on-line, bem como sua opinião sobre discursos de ódio em ambientes virtuais.

As informações obtidas serão tratadas de forma confidencial e os participantes terão garantidos seus direitos de privacidade e anonimato. A pesquisa segue as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao projeto “Escola, Promoção de saúde e Modos de subjetivação em tempos de pandemia”, que envolve trabalhos de extensão e de PIBIC, dissertações de mestrado e teses de doutorado, relacionados ao levantamento de temas e pesquisas com os secundaristas e docentes envolvidos e coordenado pela Dra. Luciana Lobo Miranda.

Este questionário é composto de perguntas que visam mapear o perfil dos usuários de internet bem como as características de suas atividades no meio virtual. Para isso, você levará entre 15 a 20 minutos para respondê-lo.

Garantimos que as informações respondidas neste formulário serão privadas, bem como a identificação dos respondentes. Desse modo, realizamos todos os procedimentos de segurança que tenham finalidade de minimizar e eliminar os eventuais riscos da exposição de dados referentes às pesquisas que envolvem seres humanos.

A pesquisa encontra-se aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará na Plataforma Brasil, sob o parecer 4.729.878.

Ao responder a este questionário, sua identidade será preservada. Leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na seção seguinte para mais informações.

* Indica uma pergunta obrigatória

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “**Discursos De Ódio Em Ambientes Virtuais E Seus Efeitos Na Escola Pública: Educação Como Prática De Liberdade E Resistência**”. Você não deve participar contra a sua vontade.

Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Participantes da pesquisa: O curso de extensão será ministrado pela doutoranda Rochelly Rodrigues Holanda e sua equipe de pesquisa. Serão disponibilizadas 30 vagas aos alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos dos cursos integrados do Instituto Federal do Ceará - Campus Itapipoca, a serem preenchidas conforme ordem de inscrição.

Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo, responderá a um formulário on-line envolvendo questões relacionadas ao Lembramos que você tem a liberdade de se recusar a participar em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Além disso, ainda tem o direito de ficar com uma das vias do termo de consentimento. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com o (a) responsável pela pesquisa.

Riscos e desconfortos: A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, algum constrangimento ou desconforto que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Você poderá se recusar a participar ou confirmar seu desejo de participar em outro momento. Caso opte em participar e sentir a necessidade de aprofundar alguma demanda emocional/psicológica decorrente das questões envolvidas na pesquisa,

estaremos encaminhando para o Serviço de clínica-escola de Psicologia da universidade em que a pesquisadora está vinculada e fornecendo informações sobre espaços e formas de busca de cuidado na rede de saúde mental, clínicas comunitárias, entre outros, da cidade de Itapipoca-CE.

Confidencialidade da pesquisa: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento das respostas. Seu nome não será mencionado em nenhum momento. Todos os dados serão analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que a mesma forneça dados importantes acerca das variáveis explicativas do bem-estar e do desenvolvimento infantil, contribuindo diretamente para a elaboração de um programa de intervenção relacionado ao tema.

Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo. Para tanto, entre em contato com o pesquisador responsável no endereço abaixo.

Atenção: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira). O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Link de acesso ao TCLE: para maiores de 18 anos (formato PDF): Baixe aqui

Link de acesso ao TCLE para Responsáveis legais (formato PDF): Baixe aqui

Link de acesso ao TALE (formato PDF): Baixe aqui

Consentimento como participante: Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações) e para isso eu **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO**. Estou ciente que receberei uma via deste documento.

- Sim, aceito participar da pesquisa.
- Não, me recuso a participar da pesquisa.

1. Perfil do participante:

Nessa seção vamos te perguntar um pouco mais sobre você.

Qual a sua idade? (somente números) _____

Data _____

Com qual gênero você se identifica?

- Feminino
- Masculino
- Não-Binário
- Agênero

Como se autodeclara quanto à raça/cor/etnia?

- Branca
- Preta
- Parda
- Indígena

Amarela

Qual é a sua orientação sexual?

Homossexual

Heterossexual

Bissexual

Outros

Você é uma pessoa com deficiência?

Sim

Não

Se sim, qual deficiência? _____

Qual seu estado civil?

Casado (a)

Solteiro (a)

Separado(a) / Divorciado(a)

Convivente / Mora junto

Você tem filhos(as)?

Sim

Não

Se sim, quantos(as)? _____

Quais as idades? (Responda somente se tiver filhos(as)) _____

Atualmente, NO TOTAL, quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? (somente em números) _____

Quem são as pessoas que moram com você?

Moro sozinho(a)

Pai

- Mãe
- Esposa / marido / companheiro(a)
- Filhos
- Irmãos
- Outros parentes
- Amigos ou colegas

Outro: _____

O lugar em que você mora atualmente é?

- Casa própria
- Casa cedida
- Casa alugada

Outro: _____

Em que cidade você mora atualmente?

- Itapipoca
- Amontada
- Trairi
- Tururu
- Brotas

Há quanto tempo, aproximadamente, você mora nessa cidade? (somente em números)

- Entre 1 a 5 anos
- Entre 5 a 10 anos
- Entre 10 a 15 anos
- Entre 15 a 20 anos

Como você chega ao IFCE?

- A pé/carona/bicicleta

- Transporte coletivo
- Transporte escolar
- Transporte próprio(carro/moto).

Você faz ou já fez alguma atividade remunerada?

- Sim
- Não

Caso não esteja realizando nenhuma atividade remunerada, como você provê sustento?

- Conto com ajuda dos meus pais
- Conto com ajuda dos meus familiares
- Conto com ajuda do meu cônjuge
- Auxílios governamentais (Bolsa Família, por exemplo, outros)

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a sua renda familiar mensal?

- Menos de um salário mínimo
- Entre dois a três salários mínimos
- Mais que três salários mínimos
- Não sei responder

Qual é o seu grau de escolaridade?

- Primeiro ano do ensino médio integrado
- Segundo ano do ensino médio integrado
- Terceiro ano do ensino médio integrado

Qual é o seu curso técnico?

- Informática
- Mecânica
- Edificações

Qual é a sua religião, crença ou doutrina?

- Católica
- Evangélica
- Espírita
- Judaica
- Umbanda
- Candomblé
- Outras religiões afro-brasileiras
- Ateu
- Não tem religião

Outro: _____

Qual é o seu local de nascimento? _____

2 . Tempo on-line e atividades realizadas em ambientes virtuais durante a pandemia de Covid-19

Por favor, nessa seção nos conte um pouco sobre suas atividades on-line durante o período da pandemia da Covid-19.

Você acredita que o seu tempo de uso da internet aumentou durante a pandemia por Covid-19?

- Aumentou muito
- Aumentou um pouco
- Não aumentou nem diminuiu
- Diminuiu um pouco
- Diminuiu muito

Com que frequência você acessava a internet durante a pandemia?

- menos de 3 horas/dia

de 3 a 5 horas/dia

6 a 8 horas/dia

mais de 8 horas/dia

Que atividades você realizava para passar seu tempo on-line durante a pandemia? _____

Com que frequência você manteve contato com os seus amigos da escola durante a Pandemia da Covid-19?

Frequentemente

Ocasionalmente

Raramente

Nunca

Você se sentiu mais sozinho, longe dos amigos, durante o período da pandemia da Covid-19?

Frequentemente

Ocasionalmente

Raramente

Nunca

Em quais dispositivos eletrônicos você acessou a internet durante a pandemia?

(Dispositivos eletrônicos são telefones celulares, computadores e etc.)

Tablets

Celulares

Smart TV

Consoles de video-games

Computadores de mesa (desktops)

Notebooks

Outro: _____

Os dispositivos eletrônicos que você utilizava para acessar internet eram individuais ou compartilhados?

- Não compartilhava meus dispositivos
- Compartilhava com meus pais
- Compartilhava com meu companheiro(a)
- Compartilhava com meu filho(a)
- Compartilhava com meus irmãos
- Compartilhava com outros parentes
- Compartilhava com vizinhos ou colegas

Outro: _____

3. Formas de Uso da internet atualmente

Quanto tempo você fica conectado on-line por dia atualmente?

- Menos de 3 horas/dia
- De 3 a 5 horas/dia
- De 6 a 8 horas/dia
- Mais de 8 horas/dia

Quando on-line, você utiliza a internet para:

- Estudar
- Interagir com meus amigos
- Jogar on-line
- Ouvir música
- Assistir vídeos
- Outro: _____

Quais redes sociais você utiliza por mais tempo?

- Instagram

- TikTok
- Facebook
- WhatsApp
- Twitter
- Discord
- Telegram
- Outro: _____

Por favor, poderia nos contar quais conteúdos você mais consome quando acessa as redes sociais? _____

Com que frequência você participa de conversas e discussões on-line? (Discussões são fóruns de conversa, comentários em publicações de páginas que segue e etc.)

- Muita frequência
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

Com que frequência você conversa com pessoas que não conhece?

- Muita frequência
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

Caso você converse com pessoas que não conhece pessoalmente, por favor, nos diga em que redes sociais essa interação acontece?

- Instagram
- TikTok
- Facebook

WhatsApp

Twitter

Discord

Telegram

Outro: _____

Você tem amigos que não conhece pessoalmente?

Não conheço a maioria dos meus amigos pessoalmente

Tenho alguns amigos que não conheço pessoalmente

Tenho poucos amigos que não conheço pessoalmente

Só tenho amigos que conheço pessoalmente

Sua família sabe que você tem amigos virtuais?

Não sabem e nem perguntaram sobre meus amigos virtuais

Sabem um pouco e não perguntaram sobre meus amigos virtuais

Não sabem nem perguntaram sobre meus amigos virtuais

Perguntaram, mas optei por não contar sobre meus amigos virtuais

Perguntaram e contei sobre meus amigos virtuais

Com que frequência você costuma jogar on-line?

Muita frequência

Ocasionalmente

Raramente

Nunca

Caso você costume jogar on-line, por favor, indique em quais jogos você passa mais

tempo: _____

Os jogos on-line que você tem possuem quais formas de conversação?

Chat de mensagens de texto

- Chamada de áudio e voz
- Videochamada
- Interações pré-definida (emojis, frases prontas e etc.)
- Não costumo utilizar jogos on-line

Outro: _____

Você já teve contato com comentários violentos ou preconceituosos em conversas on-line?

- Sim
- Não

Caso tenha tido contato com comentários violentos ou preconceituosos, por favor, poderia nos contar a respeito? _____

4. Discursos de ódio em ambientes virtuais

Nesta seção gostaríamos de saber mais sobre a sua compreensão sobre o que são discursos de ódio.

Você poderia definir o que é discurso de ódio? _____

Você já teve contato com discursos de ódio na internet?

- Sim
- Não

Por favor, para entender melhor sobre sua percepção sobre discursos de ódio, poderia contar um exemplo a partir das suas experiências? _____

Você sabe identificar conteúdos que ofendem outras pessoas em ambientes virtuais?

- Sim
- Não

Se sim, quais tipos de conteúdos ofensivos você já viu on-line?

- Intolerância Religiosa

- LGBTfobia
- Racismo
- Neo Nazismo
- Xenofobia
- Maus tratos contra animais
- Tráfico de pessoas
- Apologia e Incitação a crimes contra a vida
- Pornografia Infantil
- Violência ou Discriminação contra mulheres

Outro: _____

Você já disse algo ofensivo para alguém em redes sociais?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Acho que não
- Não, nunca fiz isso

Você já recebeu algum comentário ofensivo em redes sociais?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Acho que não
- Não, nunca aconteceu comigo

Se você já recebeu algum comentário ofensivo em redes sociais, por favor, poderia descrever brevemente a situação? _____

Para você o discurso de ódio na internet:

- Aumentou durante o período em que acessou internet durante a pandemia
- Diminuiu durante o período em que acessou internet durante a pandemia
- Não teve mudança durante o período em que acessou internet durante a pandemia
- Não consigo responder

Por favor, poderia justificar a resposta acima? _____

5. Discursos de ódio e escola

Diante das suas reflexões, por favor, responda nesta seção sobre discursos de ódio no contexto escolar.

Você já percebeu discursos de ódio na sua escola?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Indiferente
- Não, nunca percebi.

Caso se sinta confortável e já tenha percebido discursos de ódio na sua escola, por favor descreva brevemente a situação: _____

Você já percebeu discursos de ódio de pessoas da sua escola em redes sociais?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Indiferente
- Não, nunca percebi.

Você acha que existem efeitos de discursos de ódio no ambiente da sua escola?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente

- Raramente
- Indiferente
- Não, nunca percebi

Na sua visão, caso existam efeitos de discursos de ódio no ambiente da sua escola, por favor poderia nos contar quais são? _____

Você já viu piadas ou comentários maldosos sobre alguém da sua escola em redes sociais on-line?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Indiferente
- Não, nunca percebi

Caso você se sinta confortável, você poderia nos contar situações em que você já viu piadas ou comentários maldosos sobre alguém da sua escola? _____

Você já percebeu discursos de ódio de funcionários sobre alunos na sua escola?

- Sim, já percebi discursos de ódio de professores sobre alunos
- Sim, já percebi discursos de ódio de servidores sobre alunos
- Sim, já percebi discursos de ódio de funcionários da biblioteca sobre alunos
- Sim, já percebi discursos de ódio de funcionários da zeladoria sobre alunos
- Não, nunca percebi nenhum funcionário fazendo discursos de ódio sobre alunos
- Outro: _____

Você já percebeu discursos de ódio de alunos sobre funcionários da sua escola?

- Sim, já percebi discursos de ódio de alunos sobre professores
- Sim, já percebi discursos de ódio de alunos sobre servidores
- Sim, já percebi discursos de ódio de alunos sobre funcionários da biblioteca

Sim, já percebi discursos de ódio de alunos sobre funcionários da zeladoria

Não, nunca percebi nenhum aluno fazendo discursos de ódio sobre nenhum funcionário

Outro: _____

Apêndice B – Curso de Extensão: "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar

Organização

O Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar é organizado pelo **Travessias - Grupo de Pesquisas e Intervenções em Subjetividades, Sociedades e Educação**, vinculado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário INTA, Uninta - *Campus* Itapipoca, pelo **Projeto de Extensão: É da Nossa Escola que Falamos**, do Laboratório em Psicologia Sociedade e Subjetividade (**LAPSUS**), vinculado ao Departamento de Psicologia da **Universidade Federal do Ceará - UFC** e com o apoio da instituição parceira Instituto Federal do Ceará - *Campus* Itapipoca pela via da **Coordenação de Assuntos Estudantis (CAE)**.

Professoras responsáveis

Profa. Ma. Rochelly Rodrigues Holanda (Doutoranda UFC/Docente do Centro Universitário INTA - UNINTA, *Campus* Itapipoca) e Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda (Docente da Universidade Federal do Ceará).

Equipe de apoio discente

Ariene Sousa Candido Matias (Uninta); Conceição Taimara dos Santos Barroso (Uninta); Erick Matheus Sales Pinto (Uninta); Ítalo Aguiar Campos (Uninta); Maria Sueli Aguiar Marques (Uninta); Samila Carneiro Braga (Uninta).

Ementa

Definição do conceito de discurso de ódio, identificando conteúdos de extremismo e violência em ambientes virtuais. A relação entre o cotidiano escolar e a expressão de discursos de ódio em redes sociais on-line. Marcadores sociais de gênero, raça/etnia e classe social para compreender o que são direitos humanos e suas violações. Uso seguro de tecnologias na adolescência no período pós-pandemia da Covid-19. Possibilidades de proteção e prevenção à

violência a partir da centralidade da escola.

Objetivo geral

Promover debates transversais sobre o conceito de discurso de ódio em ambientes virtuais, fomentando possibilidades de proteção e prevenção à violência a partir da juventude na escola.

Cotidiano dos encontros

Horário: Quarta-feira CD Tarde (15:30 às 17:30)

Frequência: Semanal

Local: IFCE - Campus Itapipoca / Sala 102

Início: 08 de novembro

Fim: 20 de dezembro (6 encontros)

Carga Horária: 24 h

Público-alvo

O curso é gratuito e promovido pelo **Travessias - Grupo de Pesquisas e Intervenções em Subjetividades, Sociedades e Educação**, vinculado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário INTA, Uninta - *Campus Itapipoca*, pelo **Projeto de Extensão: “É da Nossa Escola que Falamos”**, vinculado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC e conta com o apoio da **Coordenação de Assuntos Estudantis (CAE) do Instituto Federal do Ceará - Campus Itapipoca**. Ele foi elaborado para atender aos discentes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Ceará - *Campus Itapipoca*, oferecendo um espaço de discussão para aqueles alunos que desejam discutir a temática dos efeitos dos discursos de ódio em ambientes virtuais no cotidiano escolar.

Participantes

O curso de extensão será ministrado pela doutoranda Rochelly Rodrigues Holanda e sua equipe de pesquisa. Serão disponibilizadas **30 vagas** aos alunos dos primeiros, segundos e

terceiros anos dos cursos integrados do Instituto Federal do Ceará - *Campus Itapipoca*, a serem preenchidas conforme ordem de inscrição.

Metodologia

O curso será conduzido a partir de discussões pautadas em perspectivas crítico-reflexivas de construtos teórico-práticos da Psicologia Social, Psicologia Escolar e Educacional e abordagens afins. E, ainda, contará com metodologias ativas síncronas e assíncronas, tais como produção de textos, desenhos, pinturas e colagens pelos discentes, além de rodas de conversa. Os módulos do curso serão pautados pela relação: aulas x contexto social, problematizando realidades vivenciadas pelos discentes, baseando-se, ao mesmo tempo, por diretrizes conceituais, metodológicas e práticas. A seleção dos textos e temáticas será discutida a partir de conhecimento prévio da organização e da percepção dos estudantes.

Avaliação

A avaliação será processual, realizada a partir da participação nos encontros semanais. Além disso, será estimulado, ao final dos encontros, a elaboração de uma atividade coletiva, operacionalizada a partir das temáticas debatidas no curso. A proposta consiste em produzir materialidades relacionadas à temática dos Efeitos dos Discursos de ódio em ambientes virtuais no cotidiano escolar, que poderá ser, dentre outros: vídeos, exposição de fotos, contação de histórias, oficinas, fanzines, poesias, livretos, etc. Realização de atividades individuais, como a produção de desenhos e diários e atividades feitas em grupo (de 3 a 4 pessoas) de acordo com as temáticas ou metodologias de interesse dos participantes.

Presença e Certificação

O curso é híbrido, perfazendo 24 horas (12h presenciais e 12h assíncronas). Possui certificado de participação pelo Travessias - Grupo de Pesquisas e Intervenções em Subjetividades, Sociedades e Educação, vinculado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário INTA, Uninta - Campus Itapipoca. No decorrer de cada encontro serão contabilizados os inscritos que

confirmarem a presença. A certificação será disponibilizada para os participantes que cumprirem 75% de presença no curso (mínimo de 5 encontros).

Este curso de extensão é parte dos procedimentos da minha Tese de Doutorado intitulada “**A Juventude tá ON! Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**” as informações obtidas serão tratadas de forma confidencial e os participantes terão garantidos seus direitos de privacidade e anonimato. A pesquisa segue as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao projeto “Escola, Promoção de saúde e Modos de subjetivação em tempos de pandemia”, que envolve trabalhos de extensão e de PIBIC, dissertações de mestrado e teses de doutorado, relacionados ao levantamento de temas e pesquisas com os secundaristas e docentes envolvidos. A pesquisa encontra-se aprovada na Plataforma Brasil pelo comitê de ética, sob o parecer 4.729.878.

Os questionários on-line serão aplicados pela Plataforma do *Google Forms*, e as entrevistas, bem como os grupos de discussão acontecerão em formato presencial no IFCE. **Deverão ser gravados os procedimentos com a devida autorização dos participantes, por meio dos recursos de gravação a serem disponibilizados nos encontros, tais como smartphones, câmeras e demais recursos audiovisuais.** Para isso, será obedecida a Resolução nº 510, 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, no capítulo I e parágrafo XXII, em que afirma que a autorização poderá ser recolhida dos participantes na modalidade áudio e/ou vídeo confirmando o livre consentimento de participação na pesquisa.

Conteúdo Programático

4) Módulo I - Que papo é esse de discurso de ódio on-line?

08/11 - Bases do discurso de ódio, violência e redes sociais: Novos campos de batalha e resistência a partir da escola

22/11 - Internet é terra de ninguém? CyberBullying e as estratégias para identificar narrativas

do ódio na escola

5) Módulo II – Conhecer para se proteger: Adolescência e os desafios da privacidade on-line

29/11 - *Trolls, bots e haters*: Não alimente esse *squad*!: Limites do anonimato e da exposição em redes sociais

06/12 - Os efeitos pós-pandemia da Covid-19 para a socialização em ambientes virtuais

6) Módulo III - Educar contra o preconceito é resistência: A importância da Educação em Direitos Humanos na adolescência

13/12 Dá um *like*: Direitos Humanos e a Conscientização da educação para a cidadania e uma convivência ética no meio digital.

20/12 Escola, família e o papel das redes de apoio: Compartilhando a comunicação não-violenta e construindo narrativas alternativas

Encerramento

Março de 2024: Atividade de Restituição na escola

Apêndice C - Avaliação - Curso de Extensão "A juventude tá On":

Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar

Este é um convite para avaliar o Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar.

Neste formulário serão mapeadas questões sobre como você acessa a internet, quais redes sociais acessa e quais comportamentos têm no ambiente on-line, bem como sua opinião sobre discursos de ódio em ambientes virtuais.

As informações obtidas serão tratadas de forma confidencial e os participantes terão garantidos seus direitos de privacidade e anonimato. A pesquisa segue as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao projeto “Escola, Promoção de saúde e Modos de subjetivação em tempos de pandemia”, que envolve trabalhos de extensão e de PIBIC, dissertações de mestrado e teses de doutorado, relacionados ao levantamento de temas e pesquisas com os secundaristas e docentes envolvidos e coordenado pela Dra. Luciana Lobo Miranda.

Este questionário é composto de perguntas que visam mapear o perfil dos usuários de internet bem como as características de suas atividades no meio virtual. Para isso, você levará entre 15 a 20 minutos para respondê-lo.

Garantimos que as informações respondidas neste formulário serão privadas, bem como a identificação dos respondentes. Desse modo, realizamos todos os procedimentos de segurança que tenham finalidade de minimizar e eliminar os eventuais riscos da exposição de dados referentes às pesquisas que envolvem seres humanos.

A pesquisa encontra-se aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará na Plataforma Brasil, sob o parecer 4.729.878.

Ao responder a este questionário, sua identidade será preservada. Leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na seção seguinte para mais informações.

* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail*: _____

2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Discursos De Ódio Em Ambientes Virtuais E Seus Efeitos Na Escola Pública: Educação Como Prática De Liberdade E Resistência” . Você não deve participar contra a sua vontade.

Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Participantes da pesquisa: O curso de extensão será ministrado pela doutoranda Rochelly Rodrigues Holanda e sua equipe de pesquisa. Serão disponibilizadas 30 vagas aos alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos dos cursos integrados do Instituto Federal do Ceará - Campus Itapipoca, a serem preenchidas conforme ordem de inscrição.

Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo, responderá a um formulário on-line envolvendo questões relacionadas ao Lembramos que você tem a liberdade de se recusar a participar em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Além disso, ainda tem o direito de ficar com uma das vias do termo de consentimento. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com o (a) responsável pela pesquisa.

Riscos e desconfortos: A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, algum constrangimento ou desconforto que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Você poderá se recusar a participar ou confirmar seu desejo de participar em outro momento. Caso opte em participar e sentir a necessidade de aprofundar alguma demanda emocional/psicológica decorrente das questões envolvidas na pesquisa,

estaremos encaminhando para o Serviço de clínica-escola de Psicologia da universidade em que a pesquisadora está vinculada e fornecendo informações sobre espaços e formas de busca de cuidado na rede de saúde mental, clínicas comunitárias, entre outros, da cidade de Itapipoca-CE.

Confidencialidade da pesquisa: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento das respostas. Seu nome não será mencionado em nenhum momento. Todos os dados serão analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que a mesma nos forneça dados importantes acerca das variáveis explicativas do bem-estar e do desenvolvimento infantil, contribuindo diretamente para a elaboração de um programa de intervenção relacionado ao tema.

Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo. Para tanto, entre em contato com o pesquisador responsável no endereço abaixo.

Atenção: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira). O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

LINK DE ACESSO AO TCLE para maiores de 18 anos (formato PDF): Baixe aqui

LINK DE ACESSO AO TCLE para Responsáveis legais (formato PDF): Baixe aqui

LINK DE ACESSO AO TALE (formato PDF): Baixe aqui

Consentimento como participante: Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações) e para isso eu **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO**. Estou ciente que receberei uma via deste documento.

- Sim, aceito participar da pesquisa.
- Não, me recuso a participar da pesquisa.

Perfil do participante:

Nessa seção vamos te perguntar um pouco mais sobre você.

Qual a sua idade? (somente números) _____

Data: _____

Com qual gênero você se identifica?

- Feminino
- Masculino
- Não-Binário
- Agênero

Como se autodeclara quanto à raça/cor/etnia?

- Branca
- Preta
- Parda

Indígena

Amarela

Qual é a sua orientação sexual?

Homossexual

Heterossexual

Bissexual

Outros

Você é uma pessoa com deficiência?

Sim

Não

Se sim, qual deficiência?

Qual seu estado civil?

Casado (a)

Solteiro (a)

Separado(a) / Divorciado(a)

Convivente / Mora junto

Você tem filhos(as)?

Sim

Não

Se sim, quantos(as)? _____

Quais as idades? (Responda somente se tiver filhos(as)) _____

Atualmente, NO TOTAL, quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? (somente em números) _____

Quem são as pessoas que moram com você?

Moro sozinho(a)

- Pai
- Mãe
- Esposa / marido / companheiro(a)
- Filhos
- Irmãos
- Outros parentes
- Amigos ou colegas
- Outro:

O lugar em que você mora atualmente é?

- Casa própria
- Casa cedida
- Casa alugada
- Outro:

Em que cidade você mora atualmente?

- Itapipoca
- Amontada
- Trairi
- Tururu
- Brotas

Há quanto tempo, aproximadamente, você mora nessa cidade? (somente em números)

- Entre 1 a 5 anos
- Entre 5 a 10 anos
- Entre 10 a 15 anos
- Entre 15 a 20 anos

Como você chega ao IFCE?

- A pé/carona/bicicleta
- Transporte coletivo
- Transporte escolar
- Transporte próprio(carro/moto).

Você faz ou já fez alguma atividade remunerada?

- Sim
- Não

Caso não esteja realizando nenhuma atividade remunerada, como você provê sustento?

- Conto com ajuda dos meus pais
- Conto com ajuda dos meus familiares
- Conto com ajuda do meu cônjuge
- Auxílios governamentais (Bolsa Família, por exemplo, outros)

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a sua renda familiar mensal?

- Menos de um salário mínimo
- Entre dois a três salários mínimos
- Mais que três salários mínimos
- Não sei responder

Qual é o seu grau de escolaridade?

- Primeiro ano do ensino médio integrado
- Segundo ano do ensino médio integrado
- Terceiro ano do ensino médio integrado

Qual é o seu curso técnico?

- Informática
- Mecânica

Edificações

Qual é a sua religião, crença ou doutrina?

Católica

Evangélica

Espírita

Judaica

Umbanda

Candomblé

Outras religiões afro-brasileiras

Ateu

Não tem religião

Outro:

Qual é o seu local de nascimento? _____

**Tempo on-line e atividades realizadas em ambientes virtuais durante a pandemia de
Covid-19**

Por favor, nessa seção nos conte um pouco sobre suas atividades on-line durante o período da pandemia da Covid-19.

**Você acredita que o seu tempo de uso da internet aumentou durante a pandemia por
Covid-19?**

Aumentou muito

Aumentou um pouco

Não aumentou nem diminuiu

Diminuiu um pouco

Diminuiu muito

Com que frequência você acessava a internet durante a pandemia?

menos de 3 horas/dia

de 3 a 5 horas/dia

6 a 8 horas/dia

mais de 8 horas/dia

Que atividades você realizava para passar seu tempo on-line durante a pandemia? _____

Com que frequência você manteve contato com os seus amigos da escola durante a Pandemia da Covid-19?

Frequentemente

Ocasionalmente

Raramente

Nunca

Você se sentiu mais sozinho, longe dos amigos, durante o período da pandemia da Covid-19?

Frequentemente

Ocasionalmente

Raramente

Nunca

Em quais dispositivos eletrônicos você acessou a internet durante a pandemia?

(Dispositivos eletrônicos são telefones celulares, computadores e etc.)

Tablets

Celulares

Smart TV

Consoles de video-games

Computadores de mesa (desktops)

Notebooks

Outro:

Os dispositivos eletrônicos que você utilizava para acessar internet eram individuais ou compartilhados?

Não compartilhava meus dispositivos

Compartilhava com meus pais

Compartilhava com meu companheiro(a)

Compartilhava com meu filho(a)

Compartilhava com meus irmãos

Compartilhava com outros parentes

Compartilhava com vizinhos ou colegas

Outro:

Formas de Uso da internet atualmente

Quanto tempo você fica conectado on-line por dia atualmente?

Menos de 3 horas/dia

De 3 a 5 horas/dia

De 6 a 8 horas/dia

Mais de 8 horas/dia

Quando on-line, você utiliza a internet para:

Estudar

Interagir com meus amigos

Jogar on-line

Ouvir música

Assistir vídeos

Outro:

Quais redes sociais você utiliza por mais tempo?

- Instagram
- TikTok
- Facebook
- WhatsApp
- Twitter
- Discord
- Telegram
- Outro:

Por favor, poderia nos contar quais conteúdos você mais consome quando acessa as redes sociais? _____

Com que frequência você participa de conversas e discussões on-line? (Discussões são fóruns de conversa, comentários em publicações de páginas que segue e etc.)

- Muita frequência
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

Com que frequência você conversa com pessoas que não conhece?

- Muita frequência
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

Caso você converse com pessoas que não conhece pessoalmente, por favor, nos diga em que redes sociais essa interação acontece?

- Instagram

- TikTok
- Facebook
- WhatsApp
- Twitter
- Discord
- Telegram
- Outro:

Você tem amigos que não conhece pessoalmente?

- Não conheço a maioria dos meus amigos pessoalmente
- Tenho alguns amigos que não conheço pessoalmente
- Tenho poucos amigos que não conheço pessoalmente
- Só tenho amigos que conheço pessoalmente

Sua família sabe que você tem amigos virtuais?

- Não sabem e nem perguntaram sobre meus amigos virtuais
- Sabem um pouco e não perguntaram sobre meus amigos virtuais
- Não sabem nem perguntaram sobre meus amigos virtuais
- Perguntaram, mas optei por não contar sobre meus amigos virtuais
- Perguntaram e contei sobre meus amigos virtuais

Com que frequência você costuma jogar on-line?

- Muita frequência
- Ocasionalmente
- Raramente
- Nunca

Caso você costume jogar on-line, por favor, indique em quais jogos você passa mais tempo: _____

Os jogos on-line que você tem possuem quais formas de conversação?

- Chat de mensagens de texto
- Chamada de áudio e voz
- Videochamada
- Interações pré-definida (emojis, frases prontas e etc.)
- Não costumo utilizar jogos on-line
- Outro:

Você já teve contato com comentários violentos ou preconceituosos em conversas on-line?

- Sim
- Não

Caso tenha tido contato com comentários violentos ou preconceituosos, por favor, poderia nos contar a respeito? _____

Discursos de ódio em ambientes virtuais

Nesta seção gostaríamos de saber mais sobre a sua compreensão sobre o que são discursos de ódio.

Você poderia definir o que é discurso de ódio? _____

Você já teve contato com discursos de ódio na internet?

- Sim
- Não

Por favor, para entender melhor sobre sua percepção sobre discursos de ódio, poderia contar um exemplo a partir das suas experiências? _____

Você sabe identificar conteúdos que ofendem outras pessoas em ambientes virtuais?

- Sim
- Não

Se sim, quais tipos de conteúdos ofensivos você já viu on-line?

- Intolerância Religiosa
- LGBTfobia
- Racismo
- Neo Nazismo
- Xenofobia
- Maus tratos contra animais
- Tráfico de pessoas
- Apologia e Incitação a crimes contra a vida
- Pornografia Infantil
- Violência ou Discriminação contra mulheres
- Outro:

Você já disse algo ofensivo para alguém em redes sociais?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Acho que não
- Não, nunca fiz isso

Você já recebeu algum comentário ofensivo em redes sociais?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Acho que não
- Não, nunca aconteceu comigo

Se você já recebeu algum comentário ofensivo em redes sociais, por favor poderia

descrever brevemente a situação? _____

Para você o discurso de ódio na internet:

- Aumentou durante o período em que acessou internet durante a pandemia
- Diminuiu durante o período em que acessou internet durante a pandemia
- Não teve mudança durante o período em que acessou internet durante a pandemia
- Não consigo responder

Por favor, poderia justificar a resposta acima? _____

Discursos de ódio e escola

Diante das suas reflexões, por favor, responda nesta seção sobre discursos de ódio no contexto escolar.

Você já percebeu discursos de ódio na sua escola?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Indiferente
- Não, nunca percebi.

Caso se sinta confortável e já tenha percebido discursos de ódio na sua escola, por favor descreva brevemente a situação: _____

Você já percebeu discursos de ódio de pessoas da sua escola em redes sociais?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Indiferente
- Não, nunca percebi.

Você acha que existem efeitos de discursos de ódio no ambiente da sua escola?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Indiferente
- Não, nunca percebi

Na sua visão, caso existam efeitos de discursos de ódio no ambiente da sua escola, por favor poderia nos contar quais são? _____

Você já viu piadas ou comentários maldosos sobre alguém da sua escola em redes sociais on-line?

- Sim, frequentemente
- Sim, ocasionalmente
- Raramente
- Indiferente
- Não, nunca percebi

Caso você se sinta confortável, você poderia nos contar situações em que você já viu piadas ou comentários maldosos sobre alguém da sua escola? _____

Você já percebeu discursos de ódio de funcionários sobre alunos na sua escola?

- Sim, já percebi discursos de ódio de professores sobre alunos
- Sim, já percebi discursos de ódio de servidores sobre alunos
- Sim, já percebi discursos de ódio de funcionários da biblioteca sobre alunos
- Sim, já percebi discursos de ódio de funcionários da zeladoria sobre alunos
- Não, nunca percebi nenhum funcionário fazendo discursos de ódio sobre alunos
- Outro:

Você já percebeu discursos de ódio de alunos sobre funcionários da sua escola?

- Sim, já percebi discursos de ódio de alunos sobre professores
- Sim, já percebi discursos de ódio de alunos sobre servidores
- Sim, já percebi discursos de ódio de alunos sobre funcionários da biblioteca
- Sim, já percebi discursos de ódio de alunos sobre funcionários da zeladoria
- Não, nunca percebi nenhum aluno fazendo discursos de ódio sobre nenhum funcionário
- Outro:

Avaliação do Curso de Extensão

Antes de iniciar o curso, como você avaliava suas capacidades de percepção em relação a o que são discursos de ódio?

- Fracas
- Moderadas
- Satisfatórias
- Muito boas
- Excelentes

Antes de iniciar o curso, como você avaliava suas capacidades de percepção em relação à identificação de discursos de ódio na internet?

- Fracas
- Moderadas
- Satisfatórias
- Muito boas
- Excelentes

Antes de iniciar o curso, como você avaliava suas capacidades de percepção em relação a sofrer com discursos de ódio na internet?

- Fracas
- Moderadas

Satisfatórias

Muito boas

Excelentes

E agora, após o início do curso, você considera que essas capacidades de percepção em relação ao que são discursos de ódio:

Diminuíram muito

Diminuíram

Mantiveram-se as mesmas

Aumentaram

Aumentaram muito

E agora, após o início do curso, como você avalia que essas capacidades de percepção em relação a escrever discursos de ódio na internet?

Diminuíram muito

Diminuíram

Mantiveram-se as mesmas

Aumentaram

Aumentaram muito

E agora, após o início do curso, como você avalia que suas capacidades de percepção aos momentos que você sofreu com discursos de ódio na internet?

Diminuíram muito

Diminuíram

Mantiveram-se as mesmas

Aumentaram

Aumentaram muito

E agora, após o início do curso, como você avalia a sua capacidade de identificar

preconceitos relacionados a discursos de ódio na internet?

- Diminuíram muito
- Diminuíram
- Mantiveram-se as mesmas
- Aumentaram
- Aumentaram muito

Você consegue perceber os efeitos de discursos de ódio em ambientes virtuais na sua escola?

- Diminuíram muito
- Diminuíram
- Mantiveram-se as mesmas
- Aumentaram
- Aumentaram muito

Após o início do curso, como você avalia suas capacidades de prevenção aos discursos de ódio na sua escola?

- Diminuíram muito
- Diminuíram
- Mantiveram-se as mesmas
- Aumentaram
- Aumentaram muito

Após o curso, como você acha que a ESCOLA poderia contribuir para o enfrentamento do discurso de ódio? _____

Após o curso, como você acha que VOCÊ pode contribuir para o enfrentamento do discurso do ódio? _____

Sobre a equipe que facilitou o curso**A equipe foi respeitosa com os participantes.**

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Nem discordo e nem concordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

A equipe foi clara e organizada em suas explicações.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Nem discordo e nem concordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

A equipe estimulou o interesse dos participantes.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Nem discordo e nem concordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

A equipe usou bem o tempo durante os encontros.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Nem discordo e nem concordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

A equipe foi acessível e prestativa.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Nem discordo e nem concordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

As propostas de trabalhos foram interessantes e úteis para o grupo.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Nem discordo e nem concordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

Que discussões ou ações dentro do grupo você considera mais importantes para sua própria experiência na internet? _____

Anexos

Anexo A – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) por ROCHELLY RODRIGUES HOLANDA, como participante da pesquisa intitulada **“DISCURSOS DE ÓDIO EM AMBIENTES VIRTUAIS E SEUS EFEITOS NA ESCOLA PÚBLICA: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E RESISTÊNCIA”**. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Rochelly Rodrigues Holanda, CPF 055.471.583-05, e sua orientadora, Dra. Luciana Lobo Miranda, CPF: 010.888.367-12, juntamente ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará estão realizando o Projeto de Pesquisa intitulado **“DISCURSOS DE ÓDIO EM AMBIENTES VIRTUAIS E SEUS EFEITOS NA ESCOLA PÚBLICA: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E RESISTÊNCIA”**, que tem como objetivo Cartografar os efeitos dos discursos de ódio e extremismo em ambientes virtuais no cotidiano escolar de estudantes de uma escola pública de tempo integral em Itapipoca/CE. Para isso, será desenvolvido um estudo que consta das seguintes etapas: (1) Analisar o conceito ‘discurso de ódio’ enquanto uma política discursiva de performatividade no contexto sociopolítico brasileiro; (2) Tensionar os efeitos da radicalização de adolescentes conectados em ambientes virtuais no que tange discursos de incitação ao ódio, extremismos e violência; (3) Problematizar os efeitos do contexto pandêmico da covid-19 e da domicialização da escola nos modos de subjetivação de estudantes e sua percepção sobre discursos de ódio, preconceito e discriminação; (4) Compreender, sob um viés interseccional, os marcadores sociais que atravessam os modos de subjetivação produzidos pelos estudantes no enfrentamento de discursos de ódio no contexto escolar; (5) Analisar as

práticas discursivas, tensionamentos e intervenções produzidas por estudantes para o enfrentamento de discursos de ódio, preconceitos e discriminações no contexto escolar.

Por essa razão, o (a) convidamos a participar da pesquisa. Sua participação consistirá na inscrição para o **Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**. Concebe como participantes da pesquisa adolescentes com idade entre 15 a 19 anos, matriculados no Ensino Integrado do Instituto Federal do Ceará – *Campus* Itapipoca. Os procedimentos que serão realizados são: participação no Curso e Extensão, questionário on-line semiestruturado a ser respondido via plataforma do *Google Forms*. Também poderemos contar com sua participação em entrevista semiestruturada e grupo de discussão através do espaço do **Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**. Ambos os momentos poderão ter duração de até duas (2) horas. Serão perguntados sobre perfil sociocultural, socioeconômico, sobre percepções e identificação de discursos de ódio no seu cotidiano e questões pessoais no que tangem os efeitos dos discursos de ódio na sua vida privada.

A coleta de dados se dará a partir do **Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**. O questionário será aplicado pela Plataforma do *Google Forms*, e as entrevistas, bem como os grupos de discussão acontecerão em formato presencial no IFCE. Deverão ser gravados os procedimentos com a devida autorização dos participantes, por meio dos recursos de gravação a serem disponibilizados nos encontros, tais como *smartphones*, câmeras e demais recursos audiovisuais. Para isso, será obedecida a Resolução nº 510, 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, no capítulo I e parágrafo XXII, em que afirma que a autorização poderá ser recolhida dos participantes na modalidade áudio e/ou vídeo confirmando o livre consentimento de participação na pesquisa.

Considerando a ética em pesquisa, respeitando a dignidade humana e a proteção da vida aos participantes envolvidos no processo de estudo, este trabalho atenderá para com as diretrizes e orientações previstas na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), tendo em vista a asseguarção do sigilo e anonimato, a realização de termos e documentos de consentimento e comprometimento do pesquisador e participante, bem como o oferecimento de assistência caso haja danos imateriais decorrentes diretamente ou indiretamente da pesquisa. Se pautará no artigo 3º desta resolução, baseando-se nos princípios éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais, reconhecendo a liberdade e autonomia dos envolvidos. A restituição aos participantes e a instituição escolar, será por meio de devolutiva dos resultados obtidos e observados durante a pesquisa será feita com os profissionais envolvidos, dedicando-se em um exercício que amplie a consolidação da democracia e a disseminação de informações relevantes para o ambiente que garantam dignidade por meio da produção de conhecimento resultante do estudo, firmando um compromisso social.

As informações obtidas serão tratadas de forma confidencial e os participantes terão garantidos seus direitos de privacidade e anonimato. A pesquisa segue as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao projeto “Escola, Promoção de saúde e Modos de subjetivação em tempos de pandemia”, que envolve trabalhos de extensão e de PIBIC, dissertações de mestrado e teses de doutorado, relacionados ao levantamento de temas e pesquisas com os secundaristas e docentes envolvidos. A pesquisa encontra-se aprovada na Plataforma Brasil pelo comitê de ética, sob o parecer 4.729.878.

Os procedimentos utilizados poderão trazer algum desconforto aos participantes, associado, por exemplo, à exposição de informações pessoais de suas vidas. Tais procedimentos também podem apresentar riscos mínimos associados à apresentação de informações privadas dos participantes, mas esse risco será reduzido mediante a garantia do

sigilo dos nomes de todos os participantes e de suas respectivas instituições. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto, ou seja, detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu, ROCHELLY RODRIGUES HOLANDA, serei a responsável pelos encaminhamentos aos serviços de saúde competentes sob minha responsabilidade.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa poderá colaborar com as discussões relacionadas aos efeitos dos discursos de ódio e extremismo em ambientes virtuais no cotidiano escolar de estudantes de uma escola pública de tempo integral no interior do Ceará. Poderá contribuir com um debate implicado por adolescentes em um território diverso em raça/etnia, classe social, gênero e orientação sexual. Defenderá os direitos humanos e a recusa do autoritarismo, respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos do contexto estudado, empenhando-se em um exercício democrático, legitimando a autonomia e os saberes dos estudantes enquanto um dispositivo que implica a produção de práticas discursivas que recrudescem a institucionalização da educação como prática de resistências.

Destaca-se ainda, nesse convite, que a qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garante-se que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Acrescenta-se que a qualquer momento o participante poderá ter acesso a informações referentes à pesquisa, pelos telefones/endereço dos pesquisadores.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Rochelly Rodrigues Holanda

CPF: 055.471.583-05

Orientadora: Dra. Luciana Lobo Miranda

CPF: 010.888.367-12

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Av. da Universidade, 2762, Benfica - CEP: 60.020-180 - Fortaleza/CE – Área 2 do Centro de Humanidades - Bloco Didático Prof. Ícaro de Sousa Moreira

Telefones para contato: Telefone: (85) 99737-7567; (85) 3366-7723 / 3366-7722

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo-assinado _____, ____ anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa.

Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
----------------------------------	------	------------

Nome do pesquisador principal	Data	Assinatura
-------------------------------	------	------------

Nome do Responsável legal/testemunha (se aplicável)	Data	Assinatura
--	------	------------

Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura
--	------	------------

Anexo B – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para maiores de 18 anos

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) por ROCHELLY RODRIGUES HOLANDA, como participante da pesquisa intitulada **“DISCURSOS DE ÓDIO EM AMBIENTES VIRTUAIS E SEUS EFEITOS NA ESCOLA PÚBLICA: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E RESISTÊNCIA”**. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Rochelly Rodrigues Holanda, CPF 055.471.583-05, e sua orientadora, Dra. Luciana Lobo Miranda, CPF: 010.888.367-12, juntamente ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará estão realizando o Projeto de Pesquisa intitulado **“DISCURSOS DE ÓDIO EM AMBIENTES VIRTUAIS E SEUS EFEITOS NA ESCOLA PÚBLICA: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E RESISTÊNCIA”**, que tem como objetivo Cartografar os efeitos dos discursos de ódio e extremismo em ambientes virtuais no cotidiano escolar de estudantes de uma escola pública de tempo integral em Itapipoca/CE. Para isso, será desenvolvido um estudo que consta das seguintes etapas: (1) Analisar o conceito ‘discurso de ódio’ enquanto uma política discursiva de performatividade no contexto sociopolítico brasileiro; (2) Tensionar os efeitos da radicalização de adolescentes conectados em ambientes virtuais no que tange discursos de incitação ao ódio, extremismos e violência; (3) Problematizar os efeitos do contexto pandêmico da covid-19 e da domicialização da escola nos modos de subjetivação de estudantes e sua percepção sobre discursos de ódio, preconceito e discriminação; (4) Compreender, sob um viés interseccional, os marcadores sociais que atravessam os modos de subjetivação produzidos pelos estudantes no enfrentamento de discursos de ódio no contexto escolar; (5) Analisar as

práticas discursivas, tensionamentos e intervenções produzidas por estudantes para o enfrentamento de discursos de ódio, preconceitos e discriminações no contexto escolar.

Por essa razão, o (a) convidamos a participar da pesquisa. Sua participação consistirá na inscrição para o **Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**. Concebe como participantes da pesquisa adolescentes com idade entre 15 a 19 anos, matriculados no Ensino Integrado do Instituto Federal do Ceará – *Campus* Itapipoca. Os procedimentos que serão realizados são: participação no Curso e Extensão, questionário on-line semiestruturado a ser respondido via plataforma do *Google Forms*. Também poderemos contar com sua participação em entrevista semiestruturada e grupo de discussão através do espaço do **Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**. Ambos os momentos poderão ter duração de até duas (2) horas. Serão perguntados sobre perfil sociocultural, socioeconômico, sobre percepções e identificação de discursos de ódio no seu cotidiano e questões pessoais no que tangem os efeitos dos discursos de ódio na sua vida privada.

A coleta de dados se dará a partir do **Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**. O questionário será aplicado pela Plataforma do *Google Forms*, e as entrevistas, bem como os grupos de discussão acontecerão em formato presencial no IFCE. Deverão ser gravados os procedimentos com a devida autorização dos participantes, por meio dos recursos de gravação a serem disponibilizados nos encontros, tais como *smartphones*, câmeras e demais recursos audiovisuais. Para isso, será obedecida a Resolução nº 510, 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, no capítulo I e parágrafo XXII, em que afirma que a autorização poderá ser recolhida dos participantes na modalidade áudio e/ou vídeo confirmando o livre consentimento de participação na pesquisa.

Considerando a ética em pesquisa, respeitando a dignidade humana e a proteção da vida aos participantes envolvidos no processo de estudo, este trabalho atenderá para com as diretrizes e orientações previstas na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), tendo em vista a assecuração do sigilo e anonimato, a realização de termos e documentos de consentimento e comprometimento do pesquisador e participante, bem como o oferecimento de assistência caso haja danos imateriais decorrentes diretamente ou indiretamente da pesquisa. Se pautará no artigo 3º desta resolução, baseando-se nos princípios éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais, reconhecendo a liberdade e autonomia dos envolvidos. A restituição aos participantes e a instituição escolar, será por meio de devolutiva dos resultados obtidos e observados durante a pesquisa será feita com os profissionais envolvidos, dedicando-se em um exercício que amplie a consolidação da democracia e a disseminação de informações relevantes para o ambiente que garantam dignidade por meio da produção de conhecimento resultante do estudo, firmando um compromisso social.

As informações obtidas serão tratadas de forma confidencial e os participantes terão garantidos seus direitos de privacidade e anonimato. A pesquisa segue as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao projeto “Escola, Promoção de saúde e Modos de subjetivação em tempos de pandemia”, que envolve trabalhos de extensão e de PIBIC, dissertações de mestrado e teses de doutorado, relacionados ao levantamento de temas e pesquisas com os secundaristas e docentes envolvidos. A pesquisa encontra-se aprovada na Plataforma Brasil pelo comitê de ética, sob o parecer 4.729.878.

Os procedimentos utilizados poderão trazer algum desconforto aos participantes, associado, por exemplo, à exposição de informações pessoais de suas vidas. Tais procedimentos também podem apresentar riscos mínimos associados à apresentação de informações privadas dos participantes, mas esse risco será reduzido mediante a garantia do

sigilo dos nomes de todos os participantes e de suas respectivas instituições. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto, ou seja, detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu, ROCHELLY RODRIGUES HOLANDA, serei a responsável pelos encaminhamentos aos serviços de saúde competentes sob minha responsabilidade.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa poderá colaborar com as discussões relacionadas aos efeitos dos discursos de ódio e extremismo em ambientes virtuais no cotidiano escolar de estudantes de uma escola pública de tempo integral no interior do Ceará. Poderá contribuir com um debate implicado por adolescentes em um território diverso em raça/etnia, classe social, gênero e orientação sexual. Defenderá os direitos humanos e a recusa do autoritarismo, respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos do contexto estudado, empenhando-se em um exercício democrático, legitimando a autonomia e os saberes dos estudantes enquanto um dispositivo que implica a produção de práticas discursivas que recrudescem a institucionalização da educação como prática de resistências.

Destaca-se ainda, nesse convite, que a qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garante-se que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Acrescenta-se que a qualquer momento o participante poderá ter acesso a informações referentes à pesquisa, pelos telefones/endereço dos pesquisadores.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Rochelly Rodrigues Holanda

CPF: 055.471.583-05

Orientadora: Dra. Luciana Lobo Miranda

CPF: 010.888.367-12

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Av. da Universidade, 2762, Benfica - CEP: 60.020-180 - Fortaleza/CE – Área 2 do Centro de Humanidades - Bloco Didático Prof. Ícaro de Sousa Moreira

Telefones para contato: Telefone: (85) 99737-7567; (85) 3366-7723 / 3366-7722

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo-assinado _____, ____ anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa.

Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____ / ____ / ____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
----------------------------------	------	------------

Nome do pesquisador principal	Data	Assinatura
-------------------------------	------	------------

Nome do Responsável legal/testemunha (se aplicável)	Data	Assinatura
--	------	------------

Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura
--	------	------------

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) par

Responsável legal

Prezado(a) responsável legal,

Seu filho(a) está sendo convidado(a) por ROCHELLY RODRIGUES HOLANDA, para participar da pesquisa intitulada **“DISCURSOS DE ÓDIO EM AMBIENTES VIRTUAIS E SEUS EFEITOS NA ESCOLA PÚBLICA: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E RESISTÊNCIA”**. Seu filho(a) não participará contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Rochelly Rodrigues Holanda, CPF 055.471.583-05, e sua orientadora, Dra. Luciana Lobo Miranda, CPF: 010.888.367-12, juntamente ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará estão realizando o Projeto de Pesquisa intitulado **“DISCURSOS DE ÓDIO EM AMBIENTES VIRTUAIS E SEUS EFEITOS NA ESCOLA PÚBLICA: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E RESISTÊNCIA”**, que tem como objetivo Cartografar os efeitos dos discursos de ódio e extremismo em ambientes virtuais no cotidiano escolar de estudantes de uma escola pública de tempo integral em Itapipoca/CE. Para isso, será desenvolvido um estudo que consta das seguintes etapas: (1) Analisar o conceito ‘discurso de ódio’ enquanto uma política discursiva de performatividade no contexto sociopolítico brasileiro; (2) Tensionar os efeitos da radicalização de adolescentes conectados em ambientes virtuais no que tange discursos de incitação ao ódio, extremismos e violência; (3) Problematizar os efeitos do contexto pandêmico da covid-19 e da domicialização da escola nos modos de subjetivação de estudantes e sua percepção sobre discursos de ódio, preconceito e discriminação; (4) Compreender, sob um viés interseccional, os marcadores sociais que atravessam os modos de subjetivação produzidos pelos estudantes no enfrentamento de discursos de ódio no contexto escolar; (5) Analisar as

práticas discursivas, tensionamentos e intervenções produzidas por estudantes para o enfrentamento de discursos de ódio, preconceitos e discriminações no contexto escolar.

Por essa razão, convidamos seu filho(a) a participar da pesquisa. A participação consistirá na inscrição para o **Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**. Concebe como participantes da pesquisa adolescentes com idade entre 15 a 19 anos, matriculados no Ensino Integrado do Instituto Federal do Ceará – *Campus* Itapipoca. Os procedimentos que serão realizados são: participação no Curso e Extensão, questionário on-line semiestruturado a ser respondido via plataforma do *Google Forms*. Também poderemos contar com a participação do seu filho(a) em entrevista semiestruturada e grupo de discussão através do espaço do **Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**. Ambos os momentos poderão ter duração de até duas (2) horas. Serão perguntados sobre perfil sociocultural, socioeconômico, sobre percepções e identificação de discursos de ódio no seu cotidiano e questões pessoais no que tangem os efeitos dos discursos de ódio na sua vida privada.

A coleta de dados se dará a partir do **Curso de Extensão "A juventude tá On": Afrontamentos juvenis frente aos discursos de ódio no território escolar**. O questionário será aplicado pela Plataforma do *Google Forms*, e as entrevistas, bem como os grupos de discussão acontecerão em formato presencial no IFCE. Deverão ser gravados os procedimentos com a devida autorização do(a) responsável legal, por meio dos recursos de gravação a serem disponibilizados nos encontros, tais como *smartphones*, câmeras e demais recursos audiovisuais. Para isso, será obedecida a Resolução nº 510, 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, no capítulo I e parágrafo XXII, em que afirma que a autorização poderá ser recolhida dos responsáveis legais e participantes na modalidade áudio e/ou vídeo confirmando o livre consentimento de participação na pesquisa.

Considerando a ética em pesquisa, respeitando a dignidade humana e a proteção da vida aos participantes envolvidos no processo de estudo, este trabalho atenderá para com as diretrizes e orientações previstas na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), tendo em vista a assecuração do sigilo e anonimato, a realização de termos e documentos de consentimento e comprometimento do pesquisador e participante, bem como o oferecimento de assistência caso haja danos imateriais decorrentes diretamente ou indiretamente da pesquisa. Se pautará no artigo 3º desta resolução, baseando-se nos princípios éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais, reconhecendo a liberdade e autonomia dos envolvidos. A restituição aos participantes e a instituição escolar, será por meio de devolutiva dos resultados obtidos e observados durante a pesquisa será feita com os profissionais envolvidos, dedicando-se em um exercício que amplie a consolidação da democracia e a disseminação de informações relevantes para o ambiente que garantam dignidade por meio da produção de conhecimento resultante do estudo, firmando um compromisso social.

As informações obtidas serão tratadas de forma confidencial e os participantes terão garantidos seus direitos de privacidade e anonimato. A pesquisa segue as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao projeto “Escola, Promoção de saúde e Modos de subjetivação em tempos de pandemia”, que envolve trabalhos de extensão e de PIBIC, dissertações de mestrado e teses de doutorado, relacionados ao levantamento de temas e pesquisas com os secundaristas e docentes envolvidos. A pesquisa encontra-se aprovada na Plataforma Brasil pelo comitê de ética, sob o parecer 4.729.878.

Os procedimentos utilizados poderão trazer algum desconforto aos participantes, associado, por exemplo, à exposição de informações pessoais de suas vidas. Tais procedimentos também podem apresentar riscos mínimos associados à apresentação de informações privadas dos participantes, mas esse risco será reduzido mediante a garantia do

sigilo dos nomes de todos os participantes e de suas respectivas instituições. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto, ou seja, detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu, ROCHELLY RODRIGUES HOLANDA, serei a responsável pelos encaminhamentos aos serviços de saúde competentes sob minha responsabilidade.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa poderá colaborar com as discussões relacionadas aos efeitos dos discursos de ódio e extremismo em ambientes virtuais no cotidiano escolar de estudantes de uma escola pública de tempo integral no interior do Ceará. Poderá contribuir com um debate implicado por adolescentes em um território diverso em raça/etnia, classe social, gênero e orientação sexual. Defenderá os direitos humanos e a recusa do autoritarismo, respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos do contexto estudado, empenhando-se em um exercício democrático, legitimando a autonomia e os saberes dos estudantes enquanto um dispositivo que implica a produção de práticas discursivas que recrudescem a institucionalização da educação como prática de resistências.

Destaca-se ainda, nesse convite, que a qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que o responsável legal também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garante-se que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação do seu filho(a), exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Acrescenta-se que a qualquer momento o participante poderá ter acesso a informações referentes à pesquisa, pelos telefones/endereço dos pesquisadores.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Nome: Rochelly Rodrigues Holanda

CPF: 055.471.583-05

Orientadora: Dra. Luciana Lobo Miranda

CPF: 010.888.367-12

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Av. da Universidade, 2762, Benfica - CEP: 60.020-180 - Fortaleza/CE – Área 2 do Centro de Humanidades - Bloco Didático Prof. Ícaro de Sousa Moreira

Telefones para contato: Telefone: (85) 99737-7567; (85) 3366-7723 / 3366-7722

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a participação de seu filho(a) na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo-assinado _____, ____ anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que concede a participação de seu filho(a) na pesquisa.

Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
----------------------------------	------	------------

Nome do pesquisador principal	Data	Assinatura
-------------------------------	------	------------

Nome do Responsável legal/testemunha (se aplicável)	Data	Assinatura
--	------	------------

Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura
--	------	------------

Anexo D - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisas - CEP

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESCOLA, PROMOÇÃO DE SAÚDE E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Pesquisador: Luciana Lobo Miranda

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 45292921.1.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.729.878

Apresentação do Projeto:

No primeiro semestre de 2020 as diretrizes sanitárias de isolamento social, por causa da pandemia causada pela Covid-19, demandaram a migração dos processos escolares presenciais para a modalidade remota. Após quase dois séculos de consolidação como uma das maiores instituições do mundo moderno, a Escola tem seu território, em boa parte do mundo e no Brasil, fechado. A pandemia embora disseminada entre as distintas

classes sociais, não as acomete igualmente. As desigualdades se expressam nas condições de acesso à: saúde, trabalho, alimentação, habitação, educação e tecnologia. O presente projeto pretende discutir os efeitos nos modos de subjetivação (FOUCAULT, 1977, 2013; MIRANDA, 2005) de estudantes e professores da Rede Pública de Ensino Médio do Estado do Ceará causados pela pandemia, e seus atravessamentos no

cotidiano escolar, seja de forma remota, híbrida ou presencial, visto ainda o cenário de incertezas. A ideia é que a universidade e as escolas participantes possam desenvolver pesquisas conjuntas. O projeto apresenta dois objetivos gerais que se articulam: Problematizar os efeitos da pandemia da Covid-19 nos modos de subjetivação de estudantes secundaristas e professores da rede pública estadual do Ceará; Analisar a construção de uma pesquisa com secundaristas e professores, em que os mesmos sejam pesquisadores desse processo. O projeto tem como referencial teórico-metodológico a pesquisa-intervenção (PI) e a “critical participatory action research” (CPAR) que prevêem tanto a inserção e a intervenção na micropolítica do cotidiano institucional, quanto a

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

CEP: 60.430-275

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.729.878

formação do sujeito/campo pesquisado como co-pesquisador. Através de um curso de extensão, pretende-se realizar uma formação e desenvolver pesquisas com 20 alunos e 10 professores de uma escola estadual, acerca dos efeitos da pandemia nos processos escolares, inserindo a escola como agente de promoção de saúde. Também serão realizadas (10) entrevista de manejo cartográfico. Todos os procedimentos metodológicos serão desenvolvidos em formato online pela Plataforma Google Meet com a devida autorização de gravação de imagem e áudio via TCLE e Termo de Assentimento.

Dados metodológicos importantes:

Tipo de Pesquisa

O projeto em tela ancora-se nas bases teórico-metodológicas da Pesquisa-Intervenção (PI) desenvolvida no Brasil e da Critical Participatory Action Research (CPAR) referente aos países de Língua Inglesa, sobretudo nos Estados Unidos.

Contexto da pesquisa

Levando em conta o contexto atual de distanciamento social provocado pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19), optou-se por se constituir a pesquisa no formato virtual/online. Os procedimentos acontecerão em formato remoto pela Plataforma do Google Meet. Deverão ser gravados os procedimentos com a devida autorização dos participantes.

Território da Pesquisa

A pesquisa será realizada em parceria com a EEFM Aloysio Barros Leal na cidade de Fortaleza. A escolha da escola foi devido está inserida em um território de periferia e de vulnerabilidade social, além de seu marcador geográfico à margem do centro da cidade, também ocorre pelo fato de serem conhecidos por terem altos índices de falta de saneamento urbano, precarização do nível de pobreza e da qualidade de vida e violência urbana, sobretudo na violência letal contra a juventude (CEARÁ, 2016).

Participantes da Pesquisa

Devido a Pandemia de COVID-19 o recrutamento dos participantes acontecerá de modo on-line por meio da Plataforma Google Meet. Serão convidados a participar do estudo estudantes, técnicos administrativos, docentes e gestão escolar da EEFM Aloysio Barros Leal.

Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos acontecerão em formato remoto, na plataforma Google Meet. Se

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.729.878

houver autorização dos participantes deverão ser gravadas, por meio do recurso de gravação que a própria plataforma disponibiliza para endereços de e-mail institucionais. Para isso, será obedecido a Resolução nº510, 07 de Abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, no capítulo I e parágrafo XXII, em que afirma que a autorização poderá ser recolhida dos participantes na modalidade áudio e/ou vídeo confirmando o livre consentimento de participação na pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

1- Problematizar os efeitos da pandemia da Covid-19 nos modos de subjetivação de estudantes secundaristas e professores da rede pública estadual do Ceará;

2- Analisar o processo de construção de uma pesquisa com secundaristas e professores de uma escola pública, em que os mesmos sejam pesquisadores desse processo.

Objetivo Secundário:

Objetivos específicos relacionados ao objetivo geral 1:

- Discutir a literatura recente acerca dos efeitos da pandemia da Covid 19 na educação escolar (aspectos políticos, sociais, culturais, econômicos e subjetivos)
- Analisar a função social da escola na contemporaneidade como promotora de saúde ou de cuidado em tempos de pandemia;
- Analisar as práticas discursivas de secundaristas e professores acerca dos efeitos de subjetivação decorrentes da Pandemia Covid 19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos que podem ser evidenciados pela pesquisa consistem na exposição de fatores, causas, motivos e informações pessoais relevantes da vida do sujeito participante na pesquisa, podendo desencadear sentimentos e comportamentos de desconforto antes, durante e depois da pesquisa mediante participação no procedimento de questionário, entrevista e grupo de discussão no formato online. No entanto, tais riscos podem ser

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.729.878

elencados com possíveis reações consequentes como manifestações de aversão, mal-estar físico e psicológico. Portanto, a exposição de qualquer risco iminente ou agravante mais eufêmico manifestados terão suporte através de encaminhamentos a serviços de saúde de responsabilidade do pesquisador principal desta pesquisa, a saber, Luciana Lobo Miranda, CPF: 010.888.367-12. A partir do encaminhamento, o participante será acolhido e realizar-se-ão as devidas medidas de minimização dos riscos da pesquisa para o sujeito.

Benefícios:

Esta pesquisa poderá contribuir para os estudantes, professores, funcionários e grupo gestor da escola a fim de que possam compreender e que também possam lidar com ações e atividades desempenhadas de caráter participativo pelos jovens enquanto pesquisadores do seu próprio cotidiano escolar com relação aos atravessamentos dos processos escolares em tempo de pandemia de Covid-19 e promoção de saúde na escola.

Outro ponto de benefício se refere à produção de conhecimento científico, contemplando novas discussões acerca de práticas de pesquisas e metodologias ativas, situando os sujeitos enquanto co-pesquisadores do processo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os objetivos e a metodologia apresentados no projeto atendem aos princípios éticos a serem observados na execução de pesquisas na área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória encontram-se de acordo com as exigências deste Comitê.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A relatoria emite parecer favorável à realização da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1729812.pdf	05/04/2021 19:14:23		Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_MODELO.pdf	05/04/2021 19:13:48	Luciana Lobo Miranda	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.729.878

Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_PESQUISADORES.pdf	05/04/2021 19:12:35	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTADEANUENCIADAINSTITUICAO.pdf	05/04/2021 19:11:37	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_Plataforma_Brasil.pdf	05/04/2021 19:11:24	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_MODELO.pdf	05/04/2021 19:10:54	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	CARTA_APRECIACAO_CEP_UFC.pdf	05/04/2021 19:10:36	Luciana Lobo Miranda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVR E_E_ESCLARECIDO_ParticipantesMaioresidade.pdf	05/04/2021 19:09:58	Luciana Lobo Miranda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVR E_E_ESCLARECIDO_Responsaveisdo Menor.pdf	05/04/2021 19:09:50	Luciana Lobo Miranda	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_MENOR_DE_IDADE.pdf	05/04/2021 19:09:36	Luciana Lobo Miranda	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	05/04/2021 19:08:21	Luciana Lobo Miranda	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 24 de Maio de 2021

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br